

FACULDADE OU ESCOLA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA  
MESTRADO EM TEOLOGIA SISTEMÁTICA

CLÉCIO JOSÉ HENCKES

**SEGUIMENTO DE JESUS CRISTO NA PAZ**  
**UMA ABORDAGEM SEGUNDO A CRISTOLOGIA DE JON SOBRINO**

Orientador: Prof. Dr. Érico João Hammes

Porto Alegre

2017

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

**CLÉCIO JOSÉ HENCKES**

**SEGUIMENTO DE JESUS CRISTO NA PAZ**  
**UMA ABORDAGEM SEGUNDO A CRISTOLOGIA DE JON SOBRINO**

Dissertação apresentada à Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teologia na área de concentração em Teologia Sistemática.

Linha de pesquisa: Teologia e Pensamento Contemporâneo

Orientador: Prof. Dr. Érico João Hammes

Porto Alegre – 2017

## AGRADECIMENTOS

A formação permanente é um desafio e uma exigência no trabalho de evangelização. O aperfeiçoamento pastoral e a atualização teológica, através deste Mestrado, foram possíveis por causa do apoio decisivo da CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Agradeço a Deus pela oportunidade que a PUCRS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul proporcionou através da Escola de Humanidades, na pessoa do seu Coordenador, Prof. Dr. Dom Leomar Brustolim; aos abnegáveis professores, que, com paciência, dedicação e sabedoria, ajudaram na partilha de seus conhecimentos e de seus exemplos de vida, com especial deferência ao Orientador, Prof. Dr. Érico João Hammes, o qual muito ajudou no desenvolvimento do tema *Seguimento de Jesus Cristo na paz, uma abordagem segundo a cristologia de Jon Sobrino*.

Agradeço também à banca examinadora, composta pelo orientador Prof. Dr. Érico João Hammes, pelo Prof. Dr. Luiz Carlos Susin e pelo Prof. Dr. Lúcio Jorge Hammes. Agradeço ainda aos demais colaboradores da PUCRS, aos colegas de curso que me proporcionaram um período feliz e profícuo durante esta formação acadêmica; aos familiares e amigos que auxiliaram com suas orações e apoio, em particular aos amigos, Pe. José Renato Back e Nelí Miorando, contínuas presenças de incentivo, amizade e apoio.

Gratidão à Diocese de Santa Cruz do Sul, a Dom Canísio Klaus e Dom Aloísio Dilli, ao Presbitério e ao Seminário Dom Alberto, na pessoa do Reitor, Pe. Roni Osvaldo Fengler, junto aos seminaristas e às Irmãs Scalabrinianas pelos pousos e apoio logístico. Foram dias de pesquisa, celebração, partilha e convivência fraterna. Muita gratidão, igualmente à Paróquia São Paulo Apóstolo de Ilópolis, pela compreensão e apoio, especialmente, nos anos de 2016 e 2017.

Gratidão, enfim, a Deus Trindade, que me chamou à vida e a participar da missão na sua Igreja pelo ministério Presbiteral. Inspirado nos estudos de Jon Sobrino, que me aproximou mais de Jesus Cristo, presente nos *povos crucificados e no rosto das vítimas da violência e da injustiça institucionalizada*, pode-se proclamar: “Felizes os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus” (Mt 5, 9).

## RESUMO

Esta dissertação apresenta uma reflexão sobre o seguimento de Jesus Cristo na paz, a partir da Cristologia de Jon Sobrino, à luz dos clamores dos povos crucificados e dos apelos do reinado de Deus. No mundo de uma sociedade pós-moderna, em profundas transformações, os desafios da evangelização são grandes. Os conflitos são inevitáveis e podem ajudar no processo de amadurecimento do seguimento. É preciso deixar-se afetar pela realidade, exercitar a criatividade e o zelo, para responder com atualidade às exigências e às demandas do tempo presente. A práxis de Jesus de Nazaré será sempre fundamental na compreensão da experiência do reinado de Deus, da comensalidade de mesa, na vivência das Bem-aventuranças, na busca de relações pacificadoras, na qual irrompe a lógica da reciprocidade e da hospitalidade, fundamento para a solidariedade ecumênica e para a cultura da paz. O tema do seguimento de Jesus Cristo na paz quer ser uma resposta diante da crescente violência e banalização da vida. A cristologia sobriniana poderá ajudar a equacionar as inquietações das vítimas da injustiça e da violência, desrespeitadas em seus direitos, e a entender suas angústias e dores, pois o compromisso e o engajamento para uma cultura de paz são condições fundamentais e necessárias para o discipulado. A forma de fazê-lo seguirá, aqui, a metodologia de análise da obra de Sobrino, procurando entender qual o significado, a abrangência e a relevância de sua contribuição para o seguimento na paz.

**Palavras-chaves** – Jon Sobrino, Cristologia, paz, princípio misericórdia, Reino de Deus, seguimento.

## **ABSTRACT**

This dissertation presents a reflection on the following of Jesus Christ in peace, from the Christology of Jon Sobrino, in the light of the cries of the crucified peoples and the appeals of the reign of God. In a world of a postmodern society, in deep transformations, the challenges of evangelization are great. Conflicts are inevitable and can help in the maturing process of follow-up. It is necessary to allow oneself to be affected by reality, to exercise creativity and zeal, to respond in a timely manner to the demands and demands of the present time. The Jesus of Nazareth praxis will always be fundamental in understanding the experience of God's reign, table commensality, the experience of the Beatitudes, the search for peaceful relationships, in which the logic of reciprocity and hospitality breaks the foundation for ecumenical solidarity and for the culture of peace. The theme of following Jesus Christ in peace wants to be a response to the growing violence and trivialization of life. Sobrinian Christology will help to equate the concerns of injustice and violence victims, disrespectful of their rights, and to understand their anguish and pain, since commitment and commitment to a culture of peace are fundamental and necessary conditions for discipleship. The way of doing so will follow here the methodology of analysis of Sobrino's work, trying to understand the meaning, the comprehensiveness and the relevance of his contribution to the follow-up in the peace.

**Key-Words** - Jon Sobrino, Christology, peace, principle of mercy, God's Kingdom, following.

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....</b>	<b>7</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>1 RELAÇÃO ENTRE A CRISTOLOGIA E A REALIDADE DE VIOLÊNCIA NA AMÉRICA LATINA.....</b>	<b>13</b>
<b>1.1 América Latina, um continente sem paz.....</b>	<b>13</b>
1.1.1 Os Cristos açotados das Índias.....	14
1.1.2 Conceitos a partir dos estudos de paz.....	17
1.1.2.1 Cristologia.....	18
1.1.2.2 Seguimento de Jesus.....	20
1.1.2.3 Paz: um bem messiânico.....	24
1.1.2.4 Conflito e Resiliência.....	28
1.1.3 Jon Sobrino e a experiência de violência em El Salvador.....	30
1.1.4 Percepção sobriniana da violência no tempo de Jesus.....	34
1.1.4.1 A violência e a paz no tempo de Jesus.....	35
1.1.4.2 Jon Sobrino e a violência em El Salvador.....	40
<b>1.2 Jesus e a superação da violência.....</b>	<b>43</b>
1.2.1 A perspectiva das vítimas.....	44
1.2.2 A esperança dos crucificados: luzes e sombras.....	47
<b>1.3. Ressurreição: a vida vence a morte.....</b>	<b>49</b>
<b>2 RELAÇÃO ENTRE JESUS E A PAZ.....</b>	<b>51</b>
<b>2.1 A prática de Jesus como prática da paz .....</b>	<b>51</b>
2.1.1 O reinado de Deus como serviço humilde à paz .....	53
2.1.2 Felizes os que promovem a paz (Mt 5, 9) .....	56
2.1.3 A comensalidade: o pão da paz .....	61
2.1.4 O relacionamento de Jesus com as pessoas.....	65
<b>2.2. O chamado de Jesus ao seguimento para a missão de paz .....</b>	<b>67</b>
2.2.1 O grupo dos discípulos de Jesus.....	67

2.2.2 A fonte e a pátria da paz.....	70
2.2.3 A força do Espírito Santo e o Evangelho da paz.....	72
<b>2.3 Cruz e ressurreição como superação da violência e pacificação .....</b>	<b>74</b>
2.3.1 A missão de paz na entrega ao serviço.....	75
2.3.2 A liberdade de Jesus .....	77
2.3.3 A paz, fruto do amor .....	79
<b>3 O SEGUIMENTO DE JESUS COMO PROMOÇÃO DA PAZ.....</b>	<b>82</b>
<b>3.1 Busca de paz na América Latina.....</b>	<b>82</b>
<b>3.2 Educação para uma cultura de paz a partir da Cristologia.....</b>	<b>86</b>
3.2.1 Direitos humanos para a paz.....	90
3.2.2 Círculos de cultura para a paz.....	94
<b>3.3 Paz como fruto do seguimento na misericórdia.....</b>	<b>96</b>
3.3.1 Misericórdia como práxis de paz.....	98
3.3.2 Solidariedade com os pobres, fundamento do Ecumenismo.....	101
<b>3.4 Espiritualidade do seguimento na paz.....</b>	<b>104</b>
3.4.1 Espiritualidade como relação à transcendência.....	105
3.4.2 Espiritualidade em relação consigo mesmo.....	107
3.4.3 Espiritualidade na relação ao próximo.....	109
3.4.4 Espiritualidade em relação à natureza.....	112
<b>3.5 Celebração da vida, semente de paz.....</b>	<b>114</b>
3.5.1 O testemunho dos mártires.....	115
3.5.2 Celebrar as lutas do povo.....	117
3.5.3 Quando o dia da paz renascer.....	118
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>121</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>125</b>

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AL - América Latina

AT - Antigo Testamento

CELAM - Conferência do Episcopado Latino-Americano

CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

CPT - Comissão Pastoral da Terra

DAp - Documento de Aparecida

DGAE - Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora

DH - Direitos Humanos

DV - Constituição dogmática *Dei Verbum*

DM - Documento de Medellin

DP - Documento de Puelba

EG - *Evangelii Gaudium*

EM - *Evangelii Nuntiandi*

GS - *Gaudium et Spes*

LS - *Laudato Si*

MST - Movimento dos (Trabalhadores Rurais) Sem Terra

NT - Novo Testamento

ONGs - Organizações não Governamentais

ONU - Organização das Nações Unidas

PT - *Pacem in Terris*

SD - Santo Domingo

TdL - Teologia da Libertação

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.



## INTRODUÇÃO

Vive-se numa mudança epocal. É indispensável uma reproposta dos grandes valores culturais, espirituais e éticos como um choque positivo contra a superficialidade. Culturalmente, está-se entrando em uma nova era histórica. Pode-se falar em “metamorfose do tempo”. O tempo e as pessoas estão se metamorfoseando. O que move o mundo são as perguntas e não tanto as respostas. Estamos na era do vazio? Da modernidade líquida? Ou o mundo já virou nuvem, uma mistura de assustador com maravilhoso? O digital é real ou só imaginário? O mundo segue acompanhando as mudanças. Vive-se uma virada antropológica e cultural complexa e problemática, mas certamente também estimulante. O desafio é como enfrentar o paradigma tecnocrático que tende a exercer o seu domínio em função do lucro, sem prestar atenção às consequências negativas para o ser humano.

A vida humana é uma história de conflitividade e resolução de conflitos. Dada a sua amplitude e as variadas formas em que aparecem violências humanas, pergunta-se: é possível dar uma resposta mais adequada do que aquelas que as ciências e as explicações religiosas forneceram até o momento?

O tema do seguimento de Jesus Cristo na paz quer ser uma resposta diante da crescente violência e da banalização da vida. Não há estudos específicos sobre Jon Sobrino e a paz. A cristologia do teólogo salvadorenho que sofreu na carne a violência e a perseguição da guerra e posteriormente a guerra fria, além do contexto histórico de violência na América Latina, servirão para centralizar a discussão do papel da fé cristã num mundo que clama por paz. O assassinato da comunidade universitária dos jesuítas na Universidade Católica de San Salvador, em novembro de 1989, inclusive do Reitor da Universidade, Ignacio Ellacuría, contribuiu para o amadurecimento da cristologia crítica de Sobrino.

O sofrimento popular, as vítimas dos sistemas de repressão, as aldeias inteiras executadas por se encontrarem entre as forças militares do Estado e as guerrilhas, em alguns países como Colômbia, Peru, Guatemala, Nicarágua, El Salvador, obrigaram a Teologia da Libertação (TdL) a pensar, junto ao “princípio-libertação”, também o “princípio-misericórdia” e o derradeiro ato de misericórdia, quando já não há mais nada

a fazer se não “baixar da cruz o povo crucificado” e enterrar dignamente os mortos, o que ocorria com o arcebispo Dom Oscar Romero.<sup>1</sup>

Este trabalho consiste, portanto, em um estudo teológico-pastoral sobre o tema da paz e sua relação com a pessoa e a mensagem de Jesus Cristo. A partir da pesquisa bibliográfica, interessa perceber como o tema da paz articula-se com a revelação trazida por Jesus e as conseqüentes implicações para a fé cristã e sua vivência no mundo de hoje. Nessa perspectiva, a paz pode ser interpretada como um conceito carregado de um conteúdo teológico, que se insere na dinâmica da revelação cristã sobre Deus e seu Reino, bem como sobre a humanidade, seu presente e sua esperança sobre o futuro.

Se na modernidade a razão era o elemento chave de compreensão da realidade, na pós-modernidade, ela deu o seu lugar à experiência. Toda experiência humana é mediada por um quadro de interpretação que a determina. O que a humanidade aprendeu nos últimos anos para uma convivência mais pacífica e feliz? Percebe-se que a sede de ódio e vingança aumenta a tragédia de todas as vítimas da injustiça. A dor das vítimas precisa ser curada diante da banalização da vida. “Como são belos sobre os montes os pés dos que anunciam a paz” (cf. Is 52, 7)! Como é possível falar de Deus diante do sofrimento e em que sentido a prática libertadora de Jesus de Nazaré é paradigma de solidariedade em relação às vítimas? Até que ponto a morte de Jesus redimiu os crucificados?

Não é, certamente, mais o momento de contraposições, mas de diálogo. O mundo moderno oferece uma infinidade de opções e modos de vida e seduz, inclusive, os cristãos que, muitas vezes, se afastam da proposta de Jesus Cristo. “A busca da riqueza passou a ser o mais importante objetivo na vida da maioria das pessoas, particularmente das integradas no mercado. A mercadoria tornou-se o objeto de desejo”.<sup>2</sup> Muitos, frustrando-se com as mazelas da sociedade moderna, chegam a questionar onde está Deus que não intervém para resolver situações de violência e de falta de paz. Faz sentido o seguimento a Jesus Cristo diante de um mundo tão cheio de sinais de morte, de disputa de poder, de violência e ganância? Onde encontrar sinais de vida, de esperança e de paz? Que tipo de ações e decisões compreende o seguimento de Jesus Cristo na paz?

---

<sup>1</sup> SIDEKUM, Antônio; WOLKMER, Antônio Carlos; RADAELLI, Samuel Manica. *Enciclopédia Latino-americana dos Direitos Humanos*, p. 675.

<sup>2</sup> SUNG, Jung Mo. *Desejo, mercado e religião*, p. 10.

Frente ao impacto da visão tecnicista do mercado de consumo, do *homo consumens*, como diria Zygmunt Bauman,<sup>3</sup> contribuindo para certa futilidade da existência humana, quer-se refletir o que significa seguir Jesus Cristo na paz, fazendo memória do seu ensinamento até as últimas consequências: doar a vida por amor. Se o compromisso e o engajamento para uma cultura de paz são condições fundamentais e necessárias do discipulado, importa investigar se a cristologia de Jon Sobrino representa uma contribuição para superar a violência na América Latina. O seguimento e a paz são os temas geradores que se pretendem investigar a partir do enfoque dado pela Teologia da Libertação.

O Estado abandona sua finalidade essencial que é a de promover o bem comum para colocar-se a serviço dos interesses do poder econômico. Frequentemente os movimentos populares são criminalizados enquanto diminuem-se os gastos com políticas públicas, aprofundando o processo de precarização dos direitos das pessoas, em detrimento dos interesses da classe empresarial e da mídia.

Por que uma sociedade chega ao ponto de dizer que Direitos Humanos é coisa de bandido e que “bandido bom é bandido morto”?<sup>4</sup> Estatísticas do Anuário Brasileiro de Segurança Pública informam que o Brasil registrou mais mortes violentas de 2011 a 2015 do que a Síria, país em guerra, em igual período. Apenas em 2015, foram mortos violentamente e intencionalmente 58.467 brasileiros. O resultado representa que uma pessoa é assassinada no país a cada 9 minutos, ou cerca de 160 mortos por dia, quase 60 mil por ano. Hoje, em 2017 as estatísticas apontam 62 mil mortes ao ano. O Brasil tem 10% dos homicídios do mundo. Direitos Humanos observam que quando há política pública, que prioriza o problema, são conseguidos alguns resultados positivos.<sup>5</sup> Toda

---

<sup>3</sup> BAUMAN, Zygmunt, *Vida para consumo*, p. 107-148. A obra deste sociólogo polonês trata da análise de como a sociedade de consumidores eclodiu nas últimas décadas como decorrência da sociedade de produtores. Para o autor, as próprias pessoas se transformaram em mercadorias no intuito de serem aceitas no espaço social por meio das relações humanas e, assim, garantirem sua visibilidade numa sociedade onde, cada vez mais, tudo se torna efêmero. Excesso, velocidade e desperdício caracterizam o “Homo Consumens”: “Compre, desfrute, jogue fora!” A superficialidade dos relacionamentos em tempos de amor líquido!

<sup>4</sup> Pesquisa disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/policia/noticia/2016/11/para-57-dos-brasileiros-bandido-bom-e-bandido-morto-8122773.html>. Instituto Datafolha em novembro de 2016 revelou que para 57% dos brasileiros bandido deve morrer; a pesquisa revelou também que 64% dos brasileiros acreditam que os policiais são vítimas de criminosos. Publicado em 02/11/2016. Acesso em novembro de 2016.

<sup>5</sup> Disponível em: [http://www.forumseguranca.org.br/storage/10\\_anuario\\_site\\_18-11-2016-retificado.pdf](http://www.forumseguranca.org.br/storage/10_anuario_site_18-11-2016-retificado.pdf). Dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Dados importantes disponíveis também em: <http://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/downloads/8623-170602atlasdaviolencia2017.pdf>. Atlas da Violência 2017. Somente em 2015, 41.817 pessoas sofreram homicídio em decorrência do uso das armas de fogo, o que correspondeu a 71,9% do total de casos. Na Europa, por exemplo, esse índice encontra-se na ordem de 21%. Acesso em 13 de setembro de 2017.

essa violência custa R\$ 372 bilhões ao país por ano, diz estudo, para prevenir ou remediar, o que dá 6% do PIB, sem contar as vidas perdidas, o que não tem preço.<sup>6</sup>

Tudo isso compõe a cosmovisão - *Weltanschauung* - e os cenários a partir dos quais se pretende refletir a possibilidade do seguimento a Jesus Cristo na paz para a plenitude da vida (cf. Jo 10, 10). Fora do Absoluto não há sentido para a vida. A pós-modernidade relativiza os valores antes absolutizados, o que tira também a paixão, a força do imanentismo (daí o debilismo ou pensamento fraco, de Vattimo, e a metáfora do líquido de Bauman). As convicções cedem lugar às opiniões, e os princípios, às preferências. Clodovis Boff alerta que “só as religiões, vias para o divino e o eterno, estão aptas a oferecer um sentido último à vida, e tal é, de fato, sua especificidade”.<sup>7</sup>

Na história da humanidade sempre houve conflitos e tentativas de resolução para uma existência mais plena de sentido, sistemas que balizem as relações coletivas que correspondam, em certa medida, à busca humana por felicidade e paz, com responsabilidade e liberdade. Os conflitos são inevitáveis e podem ajudar no processo de amadurecimento para o seguimento a Jesus Cristo na paz. Como deixar-se afetar pela realidade, exercitar a criatividade e o zelo, para responder com atualidade às exigências e às demandas do tempo presente? Qual a contribuição da reflexão teológica na compreensão da época atual que vive no imprevisível, sem muito esperar, deixando que tudo flua em seus relativismos e fundamentalismos dogmáticos? Será que a cristologia de Jon Sobrino poderá ajudar a auscultar e equacionar as inquietações das pessoas, vítimas da injustiça e da violência, a entendê-las em suas angústias e dores, em seus acertos e dilemas?

Os desafios da evangelização são grandes! Muitas vezes surge a tentação de permanecer no conforto das respostas prontas. Se se acreditar no Deus de Jesus Cristo, no Deus que é Amor, como viver efetivamente a fé em um mundo onde a paz ainda não é uma realidade concreta? Qual a importância e a profundidade da relação entre a construção da paz e o projeto salvífico de Jesus Cristo?

Na primeira seção reflete-se a relação da Cristologia, especialmente a de Jon Sobrino, e a realidade de um continente sem paz. Faz-se um rápido mergulho histórico, apontando luzes e sombras para perceber a contribuição da reflexão teológica nos diferentes contextos, apresentando alguns conceitos: Cristologia, Seguimento, Paz,

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6222439/>. Acesso em outubro de 2017.

<sup>7</sup> BOFF, Clodovis. *O livro do Sentido*, p. 91.

Conflito e Resiliência. O desafio é relacionar a cristologia sobriniana do seguimento com a Boa Notícia para a promoção da paz.

Na segunda seção destacam-se algumas marcas na pessoa e na prática de Jesus Cristo, o verdadeiro doador da paz: a sua profunda liberdade, sua solidariedade com os pobres e o segredo que é sua intimidade com o Pai. Essas marcas vão nortear o relacionamento que Jesus estabelece com as pessoas e com o Pai, na comensalidade e nas Bem-aventuranças. A paz e o trabalho pela paz como utopia é uma das exigências de Jesus, revelador da concreção histórica do Reino de Deus. Vai-se analisar o Jesus histórico, o seguimento e a cristologia da paz.

A partir da cristologia de Jon Sobrino pretende-se, na terceira seção, apontar pistas para o seguimento de Jesus Cristo na paz, mostrando que o compromisso e o engajamento para uma cultura de paz são condições fundamentais e necessárias para o discipulado. Será analisado como a solidariedade com os pobres pode ser fundamento para o ecumenismo, a educação como condição para uma cultura de paz, e a luta pelos direitos humanos, enquanto contribuição considerável à paz.

## **1 RELAÇÃO ENTRE A CRISTOLOGIA E A REALIDADE DE VIOLÊNCIA NA AMÉRICA LATINA**

Que significa seguir Jesus, príncipe da Paz? Como ser promotor da paz pela resolução de conflitos de maneira não violenta? Qual a relação da Cristologia com a realidade da América Latina?

O lugar da Teologia na América Latina é o encontro com a realidade de subdesenvolvimento e opressão. O desafio fundamental é a problemática da própria realidade, *fazer Teologia* prestando um serviço real de libertação.<sup>8</sup> Não basta uma leitura histórico-crítica da figura de Jesus no contexto de seu tempo, mas investigar como a Cristologia poderá contribuir na transformação da realidade de violência Latino-americana; como a Cristologia vai reconciliar praxicamente a realidade com o Reino de Deus que irrompe na História? Sobrino fala de uma relação dialética da Cristologia: “Não se trata apenas de compreender a Jesus a partir do Reino, mas o Reino a partir de Jesus. Sem o Reino, Jesus se converteria num mero objeto de estudo, mas sem Jesus se parcializa o Reino”.<sup>9</sup>

É a América violenta? Como se deu a conquista da América Espanhola? Quem foram os teólogos que refletiram a realidade de evangelização sob o prisma da conquista dos territórios indígenas? Quais os antecedentes históricos do continente Latino-americano e Central que estão no inconsciente coletivo e que influíram nos condicionamentos político-religiosos? Estas questões serão assinaladas para situar a trajetória do seguimento a Jesus Cristo na paz e para compreender o pano de fundo da cristologia de Jon Sobrino.

### **1.1 América Latina, um continente sem paz**

Pensa-se ser necessário apresentar rapidamente alguns aspectos históricos da realidade Latino-americana dos séculos XVI e XVII, refletida na Universidade de

---

<sup>8</sup> SOBRINO, Jon. *Cristologia a partir da América Latina*, p. 55.

<sup>9</sup> SOBRINO, Jon. *Cristologia a partir da América Latina*, p. 60.

Salamanca na Espanha, especialmente o problema da conquista espanhola da América e a evangelização, já que a Teologia, ato segundo, é reflexão e atitude crítica. Primeiro se coloca a caridade, o serviço, pois a *inteligência da fé*, aqui não é mera afirmação de verdades, mas compromisso e atitude global de uma posição diante da vida.<sup>10</sup>

### 1.1.1 Os Cristos açoitados das Índias

O que justificaria a tomada dos territórios indígenas? Quem são os índios? Que tipo de domínio eles tem sobre as coisas? Podem os seres humanos receber tratamentos diferentes em base às suas diferenças religiosas? Os povos possuem direitos naturais? Qual a origem do poder, como deve ser exercido e por quem? Pode alguém ser escravizado e existe guerra justa? Estas são questões norteadoras levantadas por Francisco de Vitória, quando a partir de 1492, Colombo chegou à América.<sup>11</sup>

A conquista da América não é um feito individual, mas histórico-político. Na Espanha, por exemplo, houve desde 1493 a “justificação” teórica da conquista. O Papa Alexandre VI expediu a bula *Inter Coetera*<sup>12</sup> em 1493 em favor dos reis católicos da Espanha porque isso lhe permitia evangelizar aquelas terras e sujeitá-las ao seu domínio. O teólogo, filósofo e historiador, Enrique Dussel, assim se manifesta:

Dessa maneira se ‘justifica’ a práxis conquistadora a partir de um fundamento teórico: a bula pontifícia. Toda escritura jurídica concreta do século XVI hispano-americano foi, está bem claro, um tipo de *ideologia*. Por trás de belos princípios ocultava-se, se encobria o *sentido* real da práxis conquistadora. O sentido encoberto era o de que na realidade os europeus tinham dominado o índio reduzindo-o a mais horrível servidão. A morte, o roubo, a tortura (que era o fruto real da práxis conquistadora) ficavam encobertos pela interpretação ideológica: a evangelização.<sup>13</sup>

<sup>10</sup> GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação*, p. 18-24.

<sup>11</sup> Francisco de Vitória nasceu por volta de 1482, na cidade de Burgos (Burgos ou Vitória, 1483 - Salamanca, 12 de agosto de 1546) foi um teólogo espanhol neo-escolástico e um dos fundadores da tradição filosófica da chamada "Escola de Salamanca", sendo também conhecido por suas contribuições para a teoria da Guerra Justa e como um dos criadores do moderno Direito Internacional.

<sup>12</sup> RUIZ, Rafael. *Francisco de Vitória e os direitos dos índios americanos*, p. 74.

<sup>13</sup> DUSSEL, Enrique. *Teologia da Libertação*, p. 12 (grifo do autor).

Para Juan Ginés Sepúlveda, inspirado em Aristóteles, a conquista da América e a guerra contra os índios é justa. A causa da guerra justa - *iusta belli causa* - por direito natural e divino - *iure naturali et divino* - é a que se empreende contra a rebeldia dos menos dotados que nasceram para servir, porquanto recusam o império de seus senhores; se não se pode submetê-los por outros meios, a guerra é justa - diz, no *Democrates Alter*.<sup>14</sup>

Enrique Dussel critica Francisco de Vitória, o qual trouxe grande contribuição no processo jurídico para evitar a exploração irrestrita e irresponsável dos índios, mas que, por fim, aceita que a conquista seja possível no caso de se impedir ao missionário anunciar livremente o evangelho (“*libere annuncient Evangelium...*”, explica ele na *Relectio de indis, quarta conclusio*): “Por isso é possível, a fim de evitar-se o escândalo, doutriná-los ainda que contra a sua vontade... e aceitar a guerra ou declará-la”.<sup>15</sup> Percebe-se que a ideologia, como sistema de dominação, muitas vezes dominava os entendimentos e interpretações.

Após longas preleções, Vitória foi colocando novos elementos que foram compondo uma nova mentalidade na maneira de superar os conflitos gerados pela conquista. Rafael Ruiz, estudioso de Vitória, aponta alguns aspectos: os índios tem uso da razão, são livres e tem vontade própria. O fato de que alguns ou muitos fossem bárbaros ou brutos, em nada diminuiria sua condição de homens livres.<sup>16</sup>

Nos primeiros tempos da conquista espanhola havia o documento jurídico da *Encomienda*, típico da Idade Moderna, que criava a obrigação para os índios de prestar serviços e tributos aos espanhóis, em troca de educação cristã e de proteção.<sup>17</sup>

A tese vitoriana postulava que o Papa não teria poder de doar terras dos índios, pois eram já ocupadas; o *Requerimiento*<sup>18</sup> seria um sofisma e a guerra promovida contra os índios, injusta. Além disso, a possível aceitação do poder espanhol por parte dos índios seria juridicamente nula, pois o medo e a ignorância seriam vícios de

<sup>14</sup> DUSSEL, Enrique. *Teologia da Libertação*, p. 13.

<sup>15</sup> DUSSEL, Enrique. *Teologia da Libertação*, p. 14.

<sup>16</sup> RUIZ, Rafael. *Francisco de Vitória e os direitos dos índios americanos*, p. 82.

<sup>17</sup> RUIZ, Rafael. *Francisco de Vitória e os direitos dos índios americanos*, p. 78.

<sup>18</sup> “As Bulas Pontifícias, o *Requerimiento* e as *Encomiendas*: eram os documentos e as instituições jurídicas sobre as quais os peritos, teólogos e juristas da Corte se debruçavam, de acordo com suas opostas cosmovisões, para justificar ou condenar as guerras que, independente de toda e qualquer discussão acadêmica, continuavam a realizar-se nas Índias” (Cf. RUIZ, Rafael. *Francisco de Vitória e os direitos dos índios americanos*, p. 79).



consentimento e o *Requerimiento* dificilmente era entendido e sempre feito na presença das tropas armadas espanholas.

Apesar das resistências, o defensor dos índios, Bartolomeu de Las Casas, fez uma proposta na *Junta de Valladolid*, em 1550, propugnando uma política radicalmente diferente da de Sepúlveda, baseada nos princípios de Francisco de Vitória em benefício dos índios, a qual passaria a ser aplicada, pouco tempo depois, nas Leis do Império espanhol. Os pontos da nova política: *Conversão prévia; Aceitação formal da submissão ao Papa; Pacto constitucional* entre a coroa espanhola e os chefes de cada reino indígena, ou seja, uma vez feitos cristãos, deveria haver um contrato de direitos e deveres para ambas as partes.<sup>19</sup>

Feita certa separação entre o religioso-eclesiástico e o político-civil e a subordinação absoluta do fim aos meios, de forma que a evangelização deveria ser por meios pacíficos, em 1590, imprime-se em Sevilha a obra do padre jesuíta José de Acosta, sobre a *História natural y moral de las Indias*. Acosta diz que é falsa a opinião daqueles que consideram os índios como homens sem entendimento.<sup>20</sup>

Sobre a exploração das minas de ouro no Peru, por exemplo, houve muitas controvérsias entre a coroa espanhola (Garcia de Toledo) e os representantes das teologias dos encarregados de anunciar o Evangelho.<sup>21</sup> O ouro era visto como o *mediador* da presença de Deus nas Índias. A essa “*crístologia*” distorcida, Bartolomeu de Las Casas opõe, na perspectiva evangélica, a de Cristo presente no pobre açoitado nas Índias!<sup>22</sup>

A História da Igreja na América Espanhola é pouco estudada ainda, talvez pela dificuldade de acesso aos escritos. Há muita vida a ser resgatada, muita santidade produzida na Igreja e há, também, muitos conflitos subjacentes pela dificuldade da evangelização. O longo período da Cristandade - *Christianitas* - caminhou entre luzes e sombras! A Patrística acentua que a santidade não é vista como somatório das santidades individuais de seus membros. Nem é correta a visão romântica ou pura, nem a visão só carismática ou problemática da Igreja. Os Padres tiveram que enfrentar os Montanistas, a questão dos *Lapsi*, os Donatistas.... Não se pode julgar a realidade

---

<sup>19</sup> RUIZ, Rafael. *Francisco de Vitória e os direitos dos índios americanos*, p. 94-95.

<sup>20</sup> RUIZ, Rafael. *Francisco de Vitória e os direitos dos índios americanos*, p. 82.

<sup>21</sup> Para mais informações ver: GUTIÉRREZ, Gustavo. *Deus ou o ouro nas índias* (Século XVI). São Paulo: Paulinas, 1993.

<sup>22</sup> GUTIÉRREZ, G. *Deus ou o ouro nas Índias*, p. 101-117.

histórica de ontem, só com os olhos de hoje, especialmente, depois de Medellín, de Puebla e do Vaticano II.

Intrépidos lutadores em prol da justiça e evangelizadores da paz como Antônio de Montesinos, Bartolomeu de Las Casas, João de Zumárraga, Vasco de Quiroga, João dal Valle, Julião Garcés, José de Anchieta, Manuel da Nóbrega e tantos outros que defenderam os índios perante os conquistadores e *encomenderos* até com a própria morte, como o bispo Antônio Valdivieso, demonstram, com a evidência dos fatos, como a Igreja faz a promoção da dignidade e da liberdade do homem Latino-americano.

Leonardo Boff faz uma intrigante pergunta: Podemos reconstruir a História sem ao mesmo tempo já interpretá-la? Como chegamos a conhecer Jesus Cristo? Que significado tem o círculo hermenêutico?<sup>23</sup> Percebe-se a necessidade de esclarecer alguns conceitos.

### 1.1.2 Conceitos a partir dos estudos de paz

Para uma maior compreensão do seguimento de Jesus Cristo na paz resumem-se aqui alguns conceitos recorrentes na teologia sobriniana. Jon Sobrino tem uma vasta obra teológica e interessa agora explicitar o que se entende pelos conceitos de Cristologia, Seguimento e Paz! Sabe-se que a Cristologia Latino-americana deve muito às cristologias europeias que a precederam, mas em geral não se identifica com elas nem na compreensão do que é o *Jesus histórico* nem nas razões para torná-lo central na Cristologia.

Qual é o ponto de partida perseguido por Jon Sobrinho na elaboração de sua Cristologia? É o Jesus histórico fundamento metodológico seguro e suficiente para chegar ao Jesus da fé? Como a *Sequela Christi* foi entendida e vivida como *Imitatio Christi* e finalmente como *Seguimento*? Que se entende por Paz? Essas são perguntas a serem respondidas.

---

<sup>23</sup> BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador*, p. 45.

### 1.1.2.1 Cristologia

O Concílio Vaticano II é considerado um dos maiores eventos da Igreja Católica no período contemporâneo, cuja formulação de fé é verdadeiramente uma *theologia mundi*. A Teologia passou a estar aberta ao diálogo com o mundo contemporâneo, assumindo uma metodologia que exige escutar e ter atenção para afirmar uma palavra de fé viva. O Concílio Vaticano II assumiu a primazia da Palavra de Deus revelada na História, compreendeu que o mistério da fé é um Mistério-Sacramento e, portanto, somente pelo caminho da História torna-se possível compreender a presença de Deus e seu significado à vida humana e se pôde compreender a realidade histórica contemporânea, interpretá-la à luz da fé e da revelação e encontrar horizontes de ação que apontem para uma utopia histórica. A teologia conciliar possui um estado de espírito dialógico e iluminador e abriu novos horizontes à produção teológica, por ter aguçado à ciência teológica a sensibilidade histórica e existencial.<sup>24</sup>

Na esteira do Concílio e com evidente demonstração a teologia contextual de maior importância nas últimas décadas tem sido a Teologia da Libertação (TdL) Latino-americana que assumiu os pobres como *locus theologicus* a ser articulado com a fé positiva. Nessa articulação, a TdL objetiva explicitar Deus como libertador dos oprimidos, conceituar a libertação em sua integralidade e impulsionar os pobres a utilizar sua força histórica para a transformação da sociedade e implantar novas estruturas sociais, efetivamente justas e fraternas. Sua formulação na qualidade de complexo teórico foi classificada como um sistema teológico que assume a perspectiva dos pobres na elaboração de todos os tratados teológicos.<sup>25</sup>

As reflexões cristológicas que foram feitas na América Latina nos últimos quarenta anos inserem-se formalmente no processo de voltar ao Jesus histórico, embora com diferenças nas razões e na compreensão do histórico de Jesus. Teólogos como Hugo Assmann, Gustavo Gutiérrez, Leonardo Boff, Juan Luís Segundo, João Batista

---

<sup>24</sup> GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. “A teologia do Concílio Vaticano II e suas consequências na emergência da teologia da libertação”, in GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes – BOMBONATTO, Vera Ivanise (orgs.). *Concílio Vaticano II. Análise e perspectivas*. São Paulo: Paulinas, 2004, pp. 69-94.

<sup>25</sup> GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. “Teologia da libertação: um estudo histórico-teológico”, in SOUZA, Ney de (org.). *Temas de Teologia latino-americana*. São Paulo: Paulinas, 2007, pp. 167-209; BOFF, Clodovis – BOFF, Leonardo – RAMOS REGIDOR, José. *A teologia da libertação: balanço e perspectivas*. São Paulo: Ática, 1996.

Libânio, Jon Sobrino e muitos outros contribuíram para uma Cristologia crítica no sentido de que não se use o mistério de Jesus para sustentar a injustiça.

Conforme Jon Sobrino, quem com mais radicalidade conceitual propôs a necessidade e significado de voltar ao Jesus histórico foi Ignacio Ellacuría, a partir de uma leitura situada historicamente. Em termos teológicos, a vida histórica de Jesus é a revelação mais plena do Deus cristão.<sup>26</sup>

A importante obra de Leonardo Boff, *Jesus Cristo Libertador*, publicada em 1972, marcou o início de um caminho novo, árduo e difícil: a leitura histórica de Jesus Cristo na perspectiva da Teologia Latino-americana, cujas características principais são o primado da Antropologia sobre a Eclesiologia; o primado da utopia sobre o factual; da crítica sobre a dogmática; da ortopraxia sobre a ortodoxia.<sup>27</sup> Nessa obra, Boff sintetiza numa frase magistral a relevância e a abrangência do seguimento, afirmando: “Seguir Jesus é pro-seguir sua obra, per-seguir sua causa e con-seguir sua plenitude”.<sup>28</sup>

O teólogo brasileiro, Leonardo Boff, considerado um dos maiores protagonistas da TdL Latino-americana buscou aprofundar a centralidade dos pobres em sua produção teológica, sensibilizando-se pelos problemas que colocam em risco a sobrevivência e a existência do planeta Terra, assumindo a teologia da vida, expressão de Franz Hinkelammert.<sup>29</sup>

A intuição original da TdL é muito clara: “é preciso voltar a Jesus”. Por consequência, a cristologia da libertação elaborada na América Latina antepõe o Jesus histórico ao Cristo da fé. “Uma cristologia que passe por cima do Jesus histórico se converte em abstrata e por isso, em princípio, manipulável e, historicamente, alienante. (...) É o Jesus histórico quem torna inequívoca a necessidade, o sentido e o modo de conseguir a libertação”.<sup>30</sup> Portanto, o ponto de partida cristológico aqui tratado é o Jesus historicamente situado no contexto de exploração e de violência, e a necessidade de *descer da cruz os povos crucificados* na América Latina. Implicará em ser eclesial, histórico e trinitário.

A cristologia Latino-americana enfatize-se, tem suas origens em Medellín (1968), que aponta para uma nova compreensão pastoral e teológica de Cristo em relação ao aspecto histórico da salvação, ao princípio da parcialidade e à hermenêutica.

<sup>26</sup> SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador*, p.77.

<sup>27</sup> BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador*, p. 56-60.

<sup>28</sup> BOMBONATTO, Vera Ivanise. *Seguimento de Jesus*, p. 181.

<sup>29</sup> O termo “teologia da vida” é extraído de Hinkelammert, Franz. *As armas ideológicas da morte*. São Paulo, Paulinas, 1983, p. 7, mas que é desenvolvido em toda obra.

<sup>30</sup> SOBRINO, Jon. *Cristologia a partir da América Latina*, p. 360.

Conseqüentemente, a cristologia aqui seguida, tem a característica de ser eclesial, histórica e trinitária. Por diferentes que sejam os modos de como as comunidades no Novo Testamento se apresentam, todas remontam a Cristo para explicar sua realidade. O paradigma do sentido eclesial da Cristologia para a América Latina quer dar sentido a esta vida e práxis. A Cristologia pretende ser também histórica no sentido de percorrer o caminho que torna possível a afirmação de que Jesus é o Cristo, a partir da própria história de Jesus de Nazaré, ou como diz nosso Autor: “Significa conceber o Jesus histórico como a história de Jesus e conceber o Filho como a história de sua filiação”.<sup>31</sup> Na relacionalidade de Jesus com o Reino, a reflexão cristológica se orientará para o futuro da História, para se recuperar o sentido da confissão de Cristo no presente. Por fim, a visão cristológica aqui referida será trinitária, pois a reflexão sobre Jesus só pode ser feita trinitariamente, pois, o círculo hermenêutico na TdL é trinitário.

Quando se afirma que a reflexão sobre Jesus é teo-lógica, cristo-lógica e pneumato-lógica, conclui-se que fazer Teologia significa que o Pai continua sendo o horizonte último da realidade, o Filho a exemplaridade definitiva de como corresponder ao Pai e a vida no Espírito de Jesus o próprio agir cristão que nos torna filhos no Filho. Ou seja, a mútua interação para tornar uma práxis cristã segundo o espírito de Jesus e a esperança na utopia do Reino de Deus, é o círculo hermenêutico, expressado cristãmente, necessário para qualquer reflexão teológica e, em nosso caso, para qualquer reflexão cristológica.

#### 1.1.2.2 Seguimento de Jesus

O que se tem hoje de mais completo e atualizado sobre o seguimento de Jesus segundo a cristologia de Jon Sobrino é a tese de Doutorado de Vera Ivanise Bombonato,<sup>32</sup> cuja obra servirá para situar a discussão aqui proposta.

Consciente de que a vida do cristão consiste em seguir os passos de Jesus, Bombonato, refaz a trajetória dos discípulos de Jesus, passando pela Patrística, especialmente com Santo Agostinho, na qual se entende o seguimento como imitação de

---

<sup>31</sup> SOBRINO, Jon. *Cristologia a partir da América Latina*, p. 20.

<sup>32</sup> BOMBONATTO, Vera Ivanise. *Seguimento de Jesus*, 486 p.

Jesus: seguir é imitar!<sup>33</sup> Na pregação sobre a humanidade de Cristo e na orientação afetiva da piedade medieval, que desemboca na imitação de Cristo, São Bernardo teve uma influência preponderante.<sup>34</sup> O tema da imitação de Cristo também ocupa um lugar determinante no pensamento filosófico e teológico de Santo Tomás de Aquino: *Agir imitando Cristo*<sup>35</sup> é ideia que influenciou não só a Teologia, mas também a Espiritualidade.

Entre as principais Escolas de Espiritualidade que, na Idade Média, centraram-se, particularmente, na humanidade de Cristo e na sua imitação, podemos citar: no século XII, a Escola Beneditina, a Escola Cisterciense e a Escola Agostiniana de São Vítor; no século XVIII, a Escola Franciscana e a Escola Dominicana.<sup>36</sup>

A humanidade histórica do seguimento de Jesus por muito tempo foi entendida como imitação de Cristo. A experiência da profecia como forma de resgate da radicalidade do seguimento fez surgir nomes como *Francisco de Assis: a profecia do testemunho*; *Domingos de Gusmão: o poder da palavra*; *Inácio de Loyola: a mística do serviço*.<sup>37</sup> A vida religiosa como um todo, e sua reflexão teológica exerceram significativa influência na tradição eclesial do seguimento e da imitação de Jesus.

No final da Idade Média, a Reforma Protestante representou uma forte reação contra a teologia dos dois estados de vida e contra a identificação dos conceitos de seguimento e de imitação, e um insistente apelo à volta às fontes bíblicas desses conceitos.<sup>38</sup>

A história do conceito de seguimento no protestantismo passa por três grandes teólogos que direcionaram a teologia protestante, enfocando os seguintes aspectos:

---

<sup>33</sup> BOMBONATTO, *Seguimento de Jesus*, p. 117.

<sup>34</sup> BOMBONATTO, *Seguimento de Jesus*, p. 121.

<sup>35</sup> BOMBONATTO, *Seguimento de Jesus*, p. 124.

<sup>36</sup> BOMBONATTO, *Seguimento de Jesus*, p. 128.

<sup>37</sup> BOMBONATTO, *Seguimento de Jesus*, p. 138-152.

<sup>38</sup> BOMBONATTO, *Seguimento de Jesus*, p. 155.

*Martinho Lutero: obedecer à Palavra; Sören Kiekegaard: Cristo, modelo por excelência; Dietrich Bonhoeffer: fé e seguimento.*<sup>39</sup>

A volta ao Jesus histórico proporcionou a redescoberta da importância do seguimento de Jesus. O movimento de volta ao Jesus histórico teve a influência do Iluminismo e do Racionalismo, que rejeitavam os dogmas cristológicos de Nicéia e Calcedônia e questionavam o fundamento histórico dos Evangelhos. A aplicação dos métodos histórico-críticos, com pressupostos racionalistas, deu origem a um debate sobre parte da obra de Hermann Reimarus,<sup>40</sup> cujas descobertas ocuparam o centro dos interesses dos estudiosos no fim do século XIX e começo do século XX: a identidade histórica de Jesus e sua relação com o Cristo da fé. Esse movimento teve três fases. Na primeira etapa, que abrange o final do século XVIII até o começo do século XX, está a pesquisa sobre a *vida de Jesus* realizada pela teologia protestante liberal, destacando-se Adolf von Harnack, dizendo que é impossível escrever a *vida de Jesus*. Após muita polêmica, surge o estudo de Albert Schweitzer, dizendo que é impossível escrever uma biografia do Jesus histórico.<sup>41</sup>

A segunda fase (1906-1953) tem como expoentes Martin Kähler que introduz a distinção entre o Jesus histórico e o verdadeiro Cristo da Bíblia, defendendo a tese de que *não podemos conhecer Cristo pelo material histórico a nós fornecido; só podemos descobrir o Jesus do querigma, o Jesus pregado na comunidade cristã primitiva*. Igualmente o teólogo Rudolf Bultmann, radicaliza os pressupostos de Kähler dizendo que *só o Cristo do querigma é importante. Sobre Jesus não sabemos praticamente nada*. Por fim, abandona o Jesus histórico, dizendo que só podemos afirmar que *Jesus foi um profeta judeu*.<sup>42</sup>

Já a terceira fase recoloca a questão do Jesus histórico e tem início com a famosa conferência do ex-aluno de Bultmann, Ernst Käsemann, em outubro de 1953, sob o título *O problema do Jesus histórico*. Käsemann afirma que uma nova pesquisa sobre o

<sup>39</sup> BOMBONATTO, *Seguimento de Jesus*, p. 156-168.

<sup>40</sup> Reimarus (1694-1768) opunha à doutrina de Jesus a doutrina dos discípulos, distinguindo o Jesus histórico do Cristo dos dogmas, projetando uma reconstrução histórico-científica do cristianismo. Houve os que primaram pela explicação histórica, os que primaram pela pregação da fé e, finalmente, os que primaram pela representação social e antropológica da figura de Jesus. Todas essas linhas trouxeram grandes contribuições, seja para o conhecimento histórico propriamente dito, seja para o enriquecimento da experiência pessoal de fé que acontece em cada crente. De Reimarus a Bultmann não se pode negar de forma nenhuma a pesquisa histórica e sua importância, o trabalho dos exegetas, o estudo das fontes e das formas, o método histórico-crítico, a desmitologização, o método das ciências naturais.

<sup>41</sup> BOMBONATTO, Vera Ivanise. *Seguimento de Jesus*, p. 173.

<sup>42</sup> BOMBONATTO, *Seguimento de Jesus*, p. 174-5.

Jesus histórico é *legítima, necessária e possível*, pois os estudiosos dispõem de novos métodos de pesquisa: a crítica das fontes, a crítica das formas e a crítica redacional.<sup>43</sup>

A partir de 1970 houve novos avanços na pesquisa do Jesus histórico através da Arqueologia moderna, da pesquisa histórico-crítica da literatura rabínica da época e dos escritos encontrados em Qumran e no Egito.<sup>44</sup> O longo processo de volta ao Jesus da história recoloca a questão que nos interessa: *o seguimento de Jesus*.

Entre as cristologias mais recentes que se desenvolveram na segunda metade do século XX e ganharam força após o Concílio Vaticano II, está a cristologia da libertação, a qual nasceu no seio da teologia da libertação.

Na galeria dos teólogos Latino-americanos é Jon Sobrino quem tematiza, de forma muito especial, a categoria cristológica do seguimento. A origem de sua reflexão cristológica está ligada a uma práxis da libertação histórica e brota de um compromisso prévio com a transformação da realidade.<sup>45</sup> No contexto Latino-americano a preocupação sobriniana é realizar uma cristologia com o rigor científico, mas que ajude as pessoas e comunidades a se encontrar com Cristo e assumir sua causa. A Cristologia pode se converter em mistagogia, quer dizer, em introdução ao mistério, o que significa, concretamente:

A cristologia pode mostrar o caminho, o de Jesus, dentro do qual o ser humano pode se encontrar com o mistério, pode chamá-lo com o nome de “Pai”, como fez Jesus, e pode chamar este Jesus com o nome de Cristo. A cristologia necessita e deve desencadear a força da inteligência, mas também outras forças do ser humano. Seu trabalho deverá ser rigorosamente intelectual, para alguns deverá ser inclusive doutrinal, mas sua essência mais profunda está em ser algo “espiritual”, que ajude as pessoas e comunidades a se encontrar com Cristo, a seguir a causa de Jesus, a viver como homens e mulheres novos e a fazer este mundo segundo o coração de Deus.<sup>46</sup>

A imagem de Jesus que resulta não é uma descrição objetiva. Não há um Jesus histórico crível subjacente ao retrato dos Evangelhos que seja diferente do Jesus característico da tradição sinótica. Não temos outro Jesus da Galileia à nossa disposição,

<sup>43</sup> BOMBONATTO, *Seguimento de Jesus*, p. 175.

<sup>44</sup> Para maior aprofundamento ver: DUNN, James D.G. *Jesus em nova perspectiva*. O que os estudos sobre o Jesus histórico deixaram para trás. 1. ed., São Paulo: Paulus, 2013.

<sup>45</sup> BOMBONATTO, *Seguimento de Jesus*, p. 183.

<sup>46</sup> SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador*, p. 21.



a não ser aquele que deixou uma impressão tão profunda na tradição de Jesus e através dela.<sup>47</sup> Não obstante, esse é seguramente o Jesus histórico que o cristão deseja encontrar e seguir.

### 1.1.2.3 Paz: um bem messiânico

Como a prática libertadora de Jesus Cristo, que é o verdadeiro doador da paz, se verifica com os conceitos de *pax*, *eirene*, *shalom*? Embora Sobrino não aborde diretamente a relação entre Jesus e a paz, sua cristologia assume como ponto de partida a própria fé vivida, para que a partir dela possa ser desvelada a pessoa de Jesus como sendo o Cristo, *Príncipe da Paz*.

O caminho da reconstrução histórico-conceitual, analisando os múltiplos sentidos das mais diversas tradições de pensamento ao conceito de paz, elaboradas por Marcelo Rezende Guimarães, podem ser resumidas nos seguintes contextos, porque constituem tradições específicas de educação para a paz:<sup>48</sup>

- a. Os movimentos de renovação pedagógica do início do século XX, conhecidos sob o nome de *Escola Nova*. Trata-se da paz pela Escola, na tradição dos movimentos de renovação pedagógica, tendo como expoentes: Maria Montessori, Pierre Bovet, Jean Piaget;
- b. O trabalho, os métodos e princípios desenvolvidos pela Unesco. A experiência da Segunda Guerra Mundial, especialmente o holocausto judeu e as bombas atômicas de Hiroshima e Nagasaki, aliada ao desenvolvimento, no pós-guerra, da guerra fria e da corrida armamentista. As protagonistas aqui são a Unesco, o *Peace Research* e a tradição do movimento sindical educacional, com destaque a Jacques Delors e Edgar Morin; a ONU proclama o Ano Internacional (2000) e a Década internacional (2001-2010) para uma cultura de paz e não-violência;
- c. Os movimentos sindicais de educação no contexto da guerra fria para divulgar os princípios da solução pacífica dos conflitos. Condenou o fato de as diferenças internacionais serem resolvidas com armas, a preparação militar escolar, e

---

<sup>47</sup> DUNN, James D.G. *Jesus em nova perspectiva*, p. 93.

<sup>48</sup> GUIMARÃES, Marcelo Rezende. *Educação para a Paz*, p. 40-90.

- reivindicou o desarme progressivo. Em 1951, a Federação Internacional Sindical de Ensino (Fise) – cujo primeiro presidente foi Henri Wallon – promoveu a Caravana de Professores pela Paz, manifestando a vontade de paz dos educadores;
- d. O método de investigação sobre a paz, desenvolvido após a Segunda Guerra Mundial, conhecido como *Peace Research*. Surgem aqui os conceitos de paz negativa e positiva de Johan Galtung, estabelecendo distinções entre violência pessoal ou direta e entre violência estrutural e indireta;
  - e. Os movimentos de não violência que, desde o final do século XX, perpassam as lutas pela paz. É a tradição dos movimentos de não violência protagonizada por Mohandas Gandhi que, de forma ativa, seria um estilo de vida, amor perfeito e Luther King. No Brasil se faz presente pelo *Serviço Paz e Justiça*, pelo *Movimento de Resolução de Conflitos* e pela *Rede em Busca da Paz*;
  - f. As pedagogias de libertação tendo a temática da paz como conscientização sociopolítica no contexto dos movimentos sociais do Terceiro Mundo. Surgiu a partir do educador brasileiro Paulo Freire, desenvolvendo-se estreitamente com o Movimento e Educação de Base e das Comunidades Eclesiais de Base;
  - g. Os movimentos pedagógicos modernos e contemporâneos tendo o tema da paz no centro da Escola. Destaca-se Céslestin Freinet na constituição da Federação Internacional dos Movimentos da Escola Moderna (Firmem); também Birgit Brock-Utne, Ian Harris e David Hicks, no compromisso contra a guerra, o racismo e todas as formas de discriminação e exploração;
  - h. A tradição Socioafetiva: método de educação para a paz, apoiado pela Unesco, desenvolvido a partir da década de 70, centrado na informação e no conteúdo cognoscitivo. A partir, especialmente, da contribuição de David Wolsk e Rachel Cohen começou a chamar-se de Método socioafetivo, favorecendo o desenvolvimento emocional e social do aluno. Destacam-se também, com o método sociocrítico, os trabalhos de Beatriz Aguilera, Calo Iglesias Díaz e Xesús Jares na Espanha e de Daniele Novara, na Itália. No Brasil ficou conhecida pela tradução do livro de Naomi Drew, *A paz também se aprende*;
  - i. O movimento de contracultura ocorrido a partir da década de 60 com o *Movimento do Potencial Humano* e com a *New Age*, que influenciou a educação para a paz a partir da década de 80. Trata-se de uma tradição Holística influenciada por um leque amplo de pensamentos e tendências como a física

quântica de Fritjof Capra, a psicologia personalista de Carl Rogers ou as filosofias orientais. Seus expoentes são: Monique Thoening, Pierre Weil e Jean-Yves Leloup que criaram a Universidade Holística Internacional. Weil, residente no Brasil, recebeu em 2000 menção honrosa da Unesco pelo trabalho de educação para a paz.<sup>49</sup>

Com origem no termo latino *pax*, a paz pode ser definida num sentido positivo e num sentido negativo. Quando escravos e trabalhadores livres, homens e mulheres, nas cidades e nos campos, ouviram o anúncio da paz como *shalom* - paz fundada na justiça e na solidariedade - o receberam como uma boa-notícia: a *pax romana* imposta por César seria substituída pela *paz shalom*, prometida por Jesus.

*Paz* é conceito básico na Bíblia. A palavra hebraica *shalom* é saudação que comunica uma paz completa. É resumo de tudo de bom que Deus quer oferecer quando faz aliança com o povo. O termo aparece na Escritura 239 vezes e abrange muitos significados: bem-estar, felicidade, prosperidade, saúde, segurança e relações sociais equilibradas; harmonia e realização consigo mesmo, com o próximo e com Deus. A paz na Bíblia não é só o contrário de violência e ódio, é a vida como ela deve ser. Conceito englobante, a paz nomeia uma realidade múltipla - espiritual, impessoal, social, internacional e mesmo ecológica - de uma ordem e de uma harmonia que fazem memória da criação ao mesmo tempo em que anunciam a recapitulação escatológica de todas as coisas.<sup>50</sup> Neste sentido, para a religião, a palavra *shalom* em hebraico significa literalmente “paz”. Em diversas passagens bíblicas é encontrada a palavra *shalom* com o significado de paz e desejo de bem-estar entre as pessoas ou nações. Na primeira aparição de Jesus ressuscitado deseja a paz aos discípulos (cf. Jo 20, 20). Significa a transmissão da plenitude dos bens, e o maior de todos eles é a presença do Deus vivo na vida das pessoas. Em oposição à *pax romana* pode-se falar em *pax latino-americana!*

*Eirene* - *ειρηνη* é a palavra grega traduzida por paz, seu significado no Novo Testamento é bastante específico, nela está inserido o conceito de reconciliação entre partes que estão em conflito.

Jon Sobrino parte do *princípio misericórdia*,<sup>51</sup> intuído como estrutura fundamental da re-ação diante das vítimas deste mundo, em que seu sofrimento é interiorizado. Sua teologia será concebida como *intellectus amoris* e, mais

<sup>49</sup> GUIMARÃES, Marcelo Rezende. *Educação para a Paz*, p.88.

<sup>50</sup> LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*. Paz, verbete, p. 1364.

<sup>51</sup> SOBINO, Jon. *O Princípio Misericórdia: descer da cruz os povos crucificados*. Tradução: Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 1994.

particularmente, como *intellectus misericordiae*. Trata-se de uma intuição sumamente importante para a Teologia, construída a partir do chão de dor, sofrimento e esperança na América Latina. Seguir Jesus na paz significa fazer memória do seu ensinamento até as últimas consequências: doar a vida por amor.

O estudo da paz é, notoriamente, multidisciplinar e complexo. A educação para a paz está sendo, paulatinamente, organizada no mundo inteiro. Johan Galtung tenta definir melhor a palavra paz ao apontar os conceitos de uma paz negativa, o que não elimina a predisposição para ela ou a violência estrutural da sociedade, e de uma paz positiva, que viria a ser não somente uma forma de prevenção contra a guerra, mas a construção de uma sociedade melhor, na qual as pessoas comunguem do espaço social.

O conceito de paz tem evoluído na história recente da humanidade. Argumenta-se que não existe uma definição única ou correta de paz, e que deveria ser entendida como uma pluralidade. Esse entendimento pós-moderno da paz foi baseado na filosofia de Jean-François Lyotard. Ele serviu como base para o conceito mais recente de paz trans-racional e transformação de conflitos.

Considerando que o compromisso e o engajamento para uma cultura de paz são condições fundamentais e necessárias do discipulado, importa investigar se a cristologia de Jon Sobrino representa uma contribuição para superar a violência na América Latina. Qual o significado, a relevância e a abrangência do seguimento de Jesus Cristo que atravessa a cristologia de Jon Sobrino? No *princípio misericórdia*, não estaria a chave metodológica para o seguimento a Jesus Cristo na paz?

A paz concedida por Jesus Cristo não é uma simples ausência de conflitos. Muito menos uma falsa paz conseguida pela força e opressão do mais forte que se impõe sobre os mais fracos, por qualquer tipo de poder. Sua paz é *shalom*, ou seja, é a proposta de perfeição das relações, da plena realização do ser, designando assim o bem-estar da existência no cotidiano da vida da pessoa, em um estado de harmonia consigo, com a natureza, com os outros e com Deus.

O discurso da paz não se pode conformar com a concepção “minimalista”, como sendo “mera ausência de guerra” (cf. GS, n.78). A paz se cria, se constrói e se faz na construção incessante da justiça social.<sup>52</sup> Guimarães pergunta como se pode pensar e viver a paz, instaurando uma cultura de paz num mundo acentuadamente marcado pela indiferença e pela banalização da violência? Como pensar a educação para a paz, quais

---

<sup>52</sup> VATICANO II, *Gaudium et Spes*, n.78.

os seus sentidos e dilemas? Acrescenta dizendo que a educação para a paz, pela sua trajetória nas últimas décadas, especialmente na constituição de um conjunto teórico e metodológico e o afastamento da ideia de modismo, “necessita ser estudada, conhecida, debatida, para que as propostas de educação para a paz, em terras brasileiras, ganhem fôlego e sustentação”.<sup>53</sup> E conclui:

Qualquer esforço de educação para a paz deve evitar as tentações, continuamente presentes da simplificação e do reducionismo, como associar a paz aos sentimentos de segurança ou de tranquilidade. Acenar à ideia da paz é evocar um universo.<sup>54</sup>

#### 1.1.2.4 Conflito e Resiliência

Haveria ainda outras categorias, como o *conflito* e a *resiliência*. O pacificador e transformador de conflitos, Jean Paul Lederach, diz que “o conflito é algo normal nos relacionamentos humanos, e o conflito é um motor de mudanças”.<sup>55</sup> As palavras “resolução” e “transformação” são discutidas por esse autor para fomentar o diálogo e buscar uma melhor compreensão dos relacionamentos humanos. Diz que o conflito nasce da vida, ao invés de ser ameaça, deve-se entendê-lo como oportunidade, motor de mudança, como aquilo que mantém os relacionamentos e as estruturas sociais honestas, vivas e dinamicamente sensíveis às necessidades, aspirações e ao crescimento do ser humano.<sup>56</sup>

Ainda conforme Lederach, a transformação nos remete à mudança, oferecendo uma visão expandida do tempo. A ideia de transformação situa as questões e as crises dentro de uma estrutura de relacionamentos e do contexto social.<sup>57</sup> Portanto, o conflito, assim como a crise, é consubstancial ao ser humano. A questão não é suprimir o conflito, destruindo o outro, mas sua resolução por meios não-violentos.

---

<sup>53</sup> GUIMARÃES, Marcelo Rezende. *Educação para a Paz*, p. 320.

<sup>54</sup> GUIMARÃES, *Educação para a Paz*, p. 321.

<sup>55</sup> LEDERACH, John Paul. *Transformação de Conflitos*, p. 17.

<sup>56</sup> LEDERACH, John Paul. *Transformação de Conflitos*, p. 31.

<sup>57</sup> LEDERACH, John Paul. *Transformação de Conflitos*, p. 47.

A temática da resiliência, enquanto realidade conceitual é relativamente nova. Contudo, enquanto realidade humana é possível que seja tão antiga quanto à própria humanidade. As primeiras publicações sobre o assunto aparecem no final dos anos 1980, nos Estados Unidos e na Europa. No Brasil, os estudos começaram no final dos anos 1990. A temática da resiliência foi ganhando progressivo destaque internacional, no campo da observação e da pesquisa, e sendo cada vez mais investigada no âmbito das ciências da saúde e das ciências humanas. Contudo, há poucos trabalhos na área da Teologia.

O termo *resiliência* tem sua origem no latim *resiliens, resilientis*, do verbo *resilio-resilire*, que significa saltar para trás, ser impelido, recuar, retornar a um estado anterior, ou ainda, a capacidade de se recobrar ou de se adaptar à má sorte, às mudanças. O conceito vem sendo utilizado há bastante tempo pela física e pela engenharia para classificar a elasticidade e o poder de resistência dos materiais. Mais tarde, a Psicologia passa a utilizar o conceito de resiliência para referir-se à capacidade que os seres humanos têm de superar traumas, perdas e grandes sofrimentos. A introdução do conceito de resiliência na área das Ciências Humanas, mais especificamente na Psicologia, se deu pela necessidade de compreender como as pessoas enfrentam as adversidades da vida.

José Tavares ressalta a necessidade de que o desenvolvimento da resiliência humana não ocorra através “de mecanismos de defesa, que tornem as pessoas insensíveis, passivas, conformadas”, mas ao contrário, espera-se que as torne “mais forte(s) e equipadaa(s) para poder(em) intervir, de modo mais eficaz e adequado, na transformação da sociedade em que vivemos...”, “... um autor eficaz na transformação e otimização em que se vive”.<sup>58</sup> Refere também a atributos de pessoas e organizações resilientes propondo mudança de atitudes em relação aos sistemas de ser, de pensar, de ter, de querer, de poder. E conclui: “É um problema de cultura e, porventura, de inter, multi e transculturais”.<sup>59</sup>

A abordagem do conceito de resiliência aqui apresentada tem profunda relação com a espiritualidade, visto que esta constitui a mais importante das características da pessoa resiliente e a que mais incide em resultados favoráveis para o manejo da

---

<sup>58</sup> TAVARES, José (org). *Resiliência e Educação*, p. 47.

<sup>59</sup> TAVARES, José (org). *Resiliência e Educação*, p. 69.

adversidade.<sup>60</sup> Pessoa bem formada espiritualmente tem grande capacidade de absorver os conflitos gerados pela violência.

Acredita-se que associando a fé em Jesus de Nazaré à reflexão contextualizada na América Latina seja possível propor uma aproximação entre a cristologia de Jon Sobrino e a resolução não violenta, ou seja, a PAZ.

### 1.1.3 Jon Sobrino e a experiência de violência em El Salvador

Jon Sobrino apresenta Jesus Cristo não apenas para ter notícias e informações sobre sua vida, missão e destino, mas propõe o *seguimento como forma mais radical para recuperar o concreto de Jesus e fazer dele a origem e o fundamento da vida cristã*.<sup>61</sup>

Quando Sobrino parte da *realidade de violência* refere-se à *injustiça estrutural como violência institucionalizada*, junto à qual existe o *encobrimento, a mentira institucionalizada*.<sup>62</sup> Tem consciência de que a violência, mesmo a legítima, gera o mal, pois o cristão não dá seu testemunho específico através da violência. À violência Jesus opõe a utopia da paz como projeto a ser realizado e como meio para realizá-lo. A paz e o trabalho pela paz como utopia é a primeira exigência de Jesus. Sobrino insiste que sem gestos utópicos de paz, não se rompe a espiral da violência. Como a violência histórica provem da injustiça, é preciso carregá-la, o que significa pôr-se do lado de suas vítimas violentadas.<sup>63</sup>

Enquanto endureciam regimes ditatoriais na América Latina, aconteceu a Conferência de Medellín (1968) e de Puebla (1979). As Conferências Episcopais católicas dos países Latino-americanos se reuniram para incrementar a renovação do Concílio Vaticano II (1962-1965). E, como o Documento Conciliar *Gaudium et Spes* e as palavras de Paulo VI ao finalizar o Concílio - palavras repetidas na abertura da assembleia de Medellín - o Episcopado “centralizou sua atenção no homem deste continente, que vive um momento decisivo de seu processo histórico (...) não ‘se

<sup>60</sup> LACAYO, Rosa Argentina Rivas. *Saber crecer: resiliencia e espiritualidad*. España, Urano, 2007.

<sup>61</sup> BOMBONATTO, *Seguimento de Jesus*, p. 191.

<sup>62</sup> SOBRINO, Jon. *Onde está Deus*, p. 74.

<sup>63</sup> SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador*, p. 316.

desviou' mas 'se voltou' para o homem, consciente de que 'para conhecer Deus é necessário conhecer o homem'" (DM, Introdução). O título do Documento é um programa: "Presença da Igreja na atual transformação da América Latina, à luz do Concílio Vaticano II". Há uma tomada de consciência e firme promessa "do serviço que lhe compete prestar neste momento" (Ibid.). Ainda na Introdução, num exercício hermenêutico exemplar, os bispos comparam o povo que anda pela AL com o povo de Israel em êxodo desejando a Terra Prometida.

O Documento de Medellín pode ser considerado um fundamento e uma inspiração para a TdL, da qual Jon Sobrino foi um dos pioneiros. O primeiro capítulo do Documento trata da questão da Justiça no continente, seguindo-se a preocupação pela Paz. O Documento utiliza com desenvoltura, de forma simples e áspera, as categorias de classes antagônicas – opressores, oprimidos, etc. Volta-se para a própria Igreja de forma autocrítica, comprometendo-se com uma presença destituída de ostentação de poder, com ação de conjunto.

A confrontação com as ditaduras militares e governantes corruptos, e a confrontação com os interesses econômicos desmedidos que criam injustiças clamorosas e em que o povo se torna vítima, resultaram em assassinatos e verdadeiros martírios por todo o continente, do México ao Chile e Argentina. Por todos os Países, centenas de lideranças populares, de agentes de pastoral, de ministros eclesiais, assim como padres, religiosos, religiosas e alguns bispos, incluindo o arcebispo de San Salvador em março de 1980, Dom Oscar Romero, foram mortos em condições de martírio. Sua convicção de fé e sua pregação do Evangelho os levaram a defender a causa dos pobres e das vítimas coletivas de injustiça, e foram caluniados, perseguidos, presos, torturados, e muitos finalmente mortos por isso. Teólogos e Teólogas da Libertação sofreram os mesmos processos, e alguns também foram mortos. O caso mais clamoroso ligado diretamente à Teologia foi a execução sumária de toda a Comunidade Universitária dos Jesuítas da Universidade Católica de San Salvador, em novembro de 1989. Entre eles, o Reitor da Universidade, Ignacio Ellacuría, filósofo e teólogo, que contribuiu para o amadurecimento da TdL ao lado de Jon Sobrino. Este estava fora do País na trágica ocasião.

O sofrimento popular, as vítimas dos sistemas de repressão, as aldeias inteiras executadas por se encontrarem entre as forças militares do Estado e as guerrilhas, em alguns Países como Colômbia, Peru, Guatemala, Nicarágua, El Salvador, Brasil, obrigaram a TdL a pensar, junto ao "princípio-libertação", também o "princípio-



misericórdia” e o derradeiro ato de misericórdia, quando já não há mais nada a fazer senão “baixar da cruz o povo crucificado” e enterrar dignamente os mortos, o que ocorria com o arcebispo Dom Oscar Romero.<sup>64</sup>

Importante é lembrar que Jon Sobrino herdou as influências da Conferência Episcopal de Medellín (1968), que procura traduzir na América Latina os novos ventos soprados pelo Concílio Ecumênico Vaticano II (1963-1965). A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* afirma que “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo” (GS, n.1). Por isso, “não se encontra nada verdadeiramente humano que não lhes ressoe no coração” (GS n.1). Em meio à dramática realidade de concentração de renda, de crescente pobreza evidenciou-se que a Igreja tem sua missão fundamental: a evangelização (cf. Documento de Puebla, 1979, cap. I). Portanto, foi dito em linguagem pastoral em Medellín e Puebla o recordou com vigor: “o mais devastador e humilhante flagelo é a situação de desumana pobreza em que vivem milhões de latino-americanos...” (DP n. 29). Os rostos dos filhos e filhas de Deus são crianças machucadas pela pobreza, jovens frustrados em situações infra-humanas, camponeses explorados, operários mal remunerados, desempregados, marginalizados e amontoados humanos, anciãos desamparados... (DP n. 32-39). E Santo Domingo, em 1992, amplia esses rostos:

Rostos desfigurados pela fome, consequência da inflação, da dívida externa e de injustiças sociais; rostos desiludidos pelos políticos, que prometem, mas não cumprem; rostos humilhados por causa de sua própria cultura, que não é respeitada e é inclusive desprezada; rostos aterrorizados pela violência diária e indiscriminada; rostos angustiados dos menores abandonados que andam por nossas ruas e dormem debaixo de nossas pontes; rostos sofridos das mulheres humilhadas e desprezadas; rostos cansados dos emigrantes que não encontram digna acolhida; rostos envelhecidos pelo tempo e o trabalho daqueles que não tem o mínimo para viver dignamente (SD n. 178).<sup>65</sup>

Papa Francisco também insiste na questão dos pobres ao afirmar na Exortação *Evangelii Gaudium*: “Para a Igreja, a opção pelos pobres é uma categoria teológica”

<sup>64</sup> SOBRINO Jon. *O Princípio Misericórdia*, 1994.

<sup>65</sup> CELAM. *Nova evangelização, promoção humana e cultura cristã*, 1992.

antes de ser sociológica. E conclui: “Por isso peço uma Igreja pobre para os pobres. Eles têm muito a ensinar-nos” (EG, n. 198).<sup>66</sup> “Até que não se resolvam radicalmente os problemas dos pobres... não se resolverão os problemas do mundo” (EG, n. 202). “A política, tanto denunciada” - diz ele - “é uma das formas mais preciosas de caridade”. Falando dos desafios do mundo contemporâneo, o Papa Francisco denuncia o atual sistema econômico, que “é injusto pela raiz” (EG, n. 59). “Esta economia mata” porque prevalece a “lei do mais forte”. A atual cultura do “descartável” criou “algo de novo”: “os excluídos não são ‘explorados’, mas ‘lixo’, ‘sobras’” (EG, n. 53). Vive-se uma “nova tirania invisível, por vezes virtual” de um “mercado divinizado”, onde reina a “especulação financeira”, “corrupção ramificada”, “evasão fiscal egoísta” (EG, n. 56).

A velocidade dos processos de mudança e de transformação é a principal particularidade que caracteriza as sociedades e as culturas contemporâneas (cf. *LS*, n.18).<sup>67</sup> A combinação entre a elevada complexidade e a rápida mudança faz com que o homem se encontre num contexto de fluidez e de incerteza jamais experimentado precedentemente: é uma realidade que se deve aceitar sem julgar a priori, se se trata de um problema ou de uma oportunidade.

Papa Francisco, recordando as viagens realizadas em 2016, relata que teve a oportunidade de encontrar-se em múltiplos contextos de realidade, especificamente em relação aos migrantes do México. Francisco solidarizou-se com os milhares de migrantes que suportam terríveis injustiças e perigos, na tentativa de poder ter um futuro melhor, vítimas de extorsão e objeto daquele comércio perverso - “horível forma de escravatura moderna - que é o tráfico das pessoas”.<sup>68</sup> Alertou que ninguém se sinta vítima da cultura do descarte!

Na mensagem do Papa Francisco para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado, para o ano de 2017, diz que as migrações deixaram de ser um fenómeno limitado a algumas áreas do planeta, para tocar todos os continentes, assumindo cada vez mais as dimensões dum problema mundial dramático.

Não se trata apenas de pessoas à procura dum trabalho digno ou de melhores condições de vida, mas também de homens e mulheres, idosos e crianças, que

<sup>66</sup> FRANCISCO Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, 2013.

<sup>67</sup> FRANCISCO Papa. *Carta encíclica Laudato Si*, 2015.

<sup>68</sup> Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/january/documents/papa-francesco\\_20170109\\_corpo-diplomatico.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/january/documents/papa-francesco_20170109_corpo-diplomatico.html). Acesso em maio de 2017.

são forçados a abandonar as suas casas com a esperança de se salvar e encontrar paz e segurança noutra lugar. E os menores são os primeiros a pagar o preço oneroso da emigração, provocada quase sempre pela violência, a miséria e as condições ambientais, fatores estes a que se associa também a globalização nos seus aspetos negativos.<sup>69</sup>

A corrida desenfreada ao lucro rápido e fácil traz consigo também a propagação de chagas aberrantes como o tráfico de crianças, a exploração e o abuso de menores e, em geral, a privação dos direitos inerentes à infância garantidos pela *Convenção Internacional sobre os Direitos da Infância*.

A história da América Latina, conforme, Gustavo Gutiérrez, se deu sob o signo da dependência, situação de subdesenvolvimento, resultado de um processo de exploração e de subproduto histórico do desenvolvimento dos países ricos. E denuncia ainda que a “insustentável situação de miséria, alienação e espoliação em que vive a imensa maioria da população latino-americana pressiona, com urgência, a encontrar o caminho de uma libertação econômica, social e política”.<sup>70</sup> Para esse autor, esse seria o primeiro passo para uma nova sociedade. A questão de fundo que interessa aqui, no entanto, é saber como a Cristologia poderá contribuir na transformação da realidade de violência Latino-americana, sendo para isso, necessário, verificar a realidade no tempo de Jesus.

#### 1.1.4 Percepção sobriniana da violência no tempo de Jesus

No contexto da violência na América Latina, Jon Sobrino diz que a Galileia é El Salvador, que perfeitamente pode servir como exemplo de muitos outros povos crucificados (os Grandes Lagos da África...). Nessa realidade concreta, e pela sua própria natureza surgem as perguntas importantes em torno da ressurreição: que possibilidade há hoje de se compreender e fazer a experiência dos primeiros cristãos, embora de forma análoga? Que esperança tem um povo crucificado de ser também um

---

<sup>69</sup> Disponível em: [https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/papa-francesco\\_20160908\\_world-migrants-day-2017.html](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/papa-francesco_20160908_world-migrants-day-2017.html). Acesso em junho de 2017.

<sup>70</sup> GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação*, p. 85.

povo ressuscitado? A cruz é o lugar teológico privilegiado para compreender a ressurreição.<sup>71</sup> Daí a pergunta: Que leitura cristológica pode-se fazer sobre a realidade de violência no tempo de Jesus? Como é possível compreender o seguimento de Jesus para alcançar a paz?

#### 1.1.4.1 A violência e a paz no tempo de Jesus

Não há estudos específicos sobre Jon Sobrino e a paz. O Jesus histórico é critério de seguimento e o seguimento é o modo de recuperar o Jesus histórico e de prosseguir a sua prática em favor de uma vida digna para todos. Esses três eixos, unidos ao contexto vital em que nasceu e se desenvolve a reflexão cristológica de Jon Sobrino, constituem a chave de leitura para compreender devidamente a sua proposta e acolhê-la com espírito plural que caracteriza a história da Cristologia desde suas origens, expresso nos diferentes rostos de Jesus retratados nos escritos do Novo Testamento.

Embora a questão da paz esteja sempre presente na prática libertadora de Jesus Cristo, a Cristologia Latino-americana refletiu com maior ênfase sobre a justiça social, da qual a busca da resolução não violenta dos conflitos faz parte. Não se tem uma discussão muito elaborada sobre o seguimento de Jesus Cristo na paz no contexto da América Latina, mas justiça e paz andam juntas.

Nos Evangelhos, especificamente nos sinóticos, vê-se que o início da pregação de Jesus foi assim: “Depois que João foi preso, veio Jesus para a Galiléia proclamando o Evangelho de Deus: ‘cumpriu-se o tempo e o Reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e crede no Evangelho” (Mc 1, 14-15). Aparece com destaque a região da Galileia como *locus theologicus* - lugar teológico que interessa para essa reflexão. A origem do ministério de Jesus não é o centro, mas a periferia. É para lá que se dirige inicial e preferencialmente. Na obra *Jesus, aproximação histórica*, José A. Pagola mostra isto:

---

<sup>71</sup> SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p. 29.

Jesus deixa o deserto, cruza o Jordão e entra novamente na terra que Deus havia presenteado o seu povo. Estamos por volta do ano 28 e Jesus está com 32 anos aproximadamente. Ele não se dirige a Jerusalém nem permanece na Judeia. Vai diretamente para a Galileia.<sup>72</sup>

As atitudes, os gestos e as palavras que marcam o início da pregação e vida pública de Jesus se dão na Galileia, lá o Reino de Deus começa a ser anunciado. Para Jon Sobrino “esta apresentação inaugural de Jesus a partir do reino de Deus aparece nos sinóticos com a clara intenção de oferecer um sumário programático de sua missão. [...] Não se pode duvidar da centralidade histórica e teológica do reino de Deus para Jesus”.<sup>73</sup> A Escritura condena a vingança arbitrária e excessiva: “Praticai o direito e a justiça; arrancai o explorado da mão do opressor; não oprimeis estrangeiro, órfão ou viúva, não violenteis e não derrameis sangue inocente neste lugar” (Jer 22, 3), o que significa pôr-se do lado de suas vítimas violentadas. Neste sentido, os cristãos deveriam ser os primeiros e mais ousados em combater toda forma de injustiça e não deveriam fazer uso da violência.<sup>74</sup>

A prática libertadora de Jesus como no episódio do Templo de Jerusalém (cf. Jo 2, 13-22) foi contra a injustiça estrutural como violência institucionalizada. A violência, mesmo a que pode chegar a ser legítima, tem um potencial desumanizante, gera uma série de males e subprodutos negativos, sobretudo a luta armada.

As coisas estão sendo discutidas a partir do Jesus histórico como Boa Notícia para o seguimento a partir da realidade atual:

A análise de Jesus como boa notícia obedece a uma exigência cristológica intrínseca do Novo Testamento, mas aponta para uma questão atual mais geral: se hoje se percebe ou não algo de *eu-aggelion* na realidade do nosso mundo. Este é o problema fundamental para os seres humanos e para os cristãos.<sup>75</sup>

<sup>72</sup> PAGOLA, José Antônio. *Jesus, Aproximação Histórica*, p. 109.

<sup>73</sup> SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador*, p. 106.

<sup>74</sup> SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador*, p. 315-319.

<sup>75</sup> SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p. 325.

Segundo James Dunn, existe na tradição de Jesus um interesse permanente por questões tipicamente judaicas como a obediência à Torá, como observar o sábado, o que considerar puro e impuro, frequência à sinagoga, a pureza do templo. Seguramente Jesus não era alheio a essas questões. Jesus era bem lembrado por seus confrontos com alguns fariseus.<sup>76</sup> Outro aspecto relevante é de que Jesus desenvolveu quase toda a sua missão na Galileia, em torno do Mar e nas aldeias próximas. As parábolas de Jesus, de modo particular estão cheias de referências agrícolas e de ecos de como seria a situação social na Galileia: proprietários de terras abastados, ressentimentos para com proprietários rurais ausentes, administradores abusivos, conflitos familiares por herança, dívidas, trabalhadores diaristas, o que por certo geraria muitos conflitos, e que dá a impressão de que Jesus era um judeu Galileu cuja missão foi em grande parte moldada pela realidade da vida do povo.<sup>77</sup>

John Dominic Crossan, falando de um *banditismo social* e de uma *tipologia da violência* no contexto do império agrário na Itália e na Palestina do século I, descreve a crueldade para com os bandidos, fenômeno comum no Império romano, que se recusam a aceitar seu estado de indigência entre a classe camponesa e a classe dirigente.

Uma vez na corte do governador, o bandido não devia esperar nada além de um julgamento sumário e cruel (...). A lei sancionava a pena de morte mais brutal (a *summa supplicia* – ser crucificado, atirado à fogueira ou às feras) como selvagerias necessárias para ‘mostrar um exemplo’ (...). A punição dos bandidos era encarada como uma forma de retribuição do Estado e como uma espécie de terrorismo público.<sup>78</sup>

Por que tamanha violência contra os *bandidos* se não havia a menor possibilidade de eles ameaçarem o Império? Considere-se a ambiguidade social e jurídica do bandido que ameaçava enredar a próprio Estado em sua ambivalência. Referindo-se ao Império romano, Crossan, pergunta como distinguir o bandido do imperador, a gangue do exército? Citando vários chefes bandidos pelo nome, esse mesmo autor, descreve as guerras, conflitos e rebeliões acontecidas nas décadas

---

<sup>76</sup> DUNN, James D.G. *Jesus em nova perspectiva*, p. 84.

<sup>77</sup> DUNN, James D.G. *Jesus em nova perspectiva*, p. 85.

<sup>78</sup> CROSSAN, John Dominic. *O Jesus histórico*, p. 203-208.

precedentes da era cristã em Roma e na Palestina, afirmando que o aspecto básico da Antropologia Social do banditismo não é a pureza de seus motivos de lutar contra os ricos, nem a sua magnanimidade com os pobres, mas a *ambiguidade corrosiva a nível social, econômico, político e jurídico*.<sup>79</sup> Apoiado nos historiadores, Flávio Josefo e Tácito, Crossan, relata vários conflitos armados em que houve a *mistura de bandidos com profetas*. Tratar-se-ia de uma continuação da confusão generalizada entre os diversos grupos rebeldes, de modo que *terroristas urbanos* ('sicários'), *bandidos rurais* ('salteadores') e *profetas milenaristas* ('impostores') *teriam se fundido numa massa revoltosa indistinta*.<sup>80</sup>

Crossan fala ainda de certa *animosidade dos camponeses galileus*, - que seriam nacionalistas militantes, mas não subversivos e nem revolucionários, - contra a cidade de Séforis e Tiberíades pela sua *atitude pró-romana*.<sup>81</sup> E também de *pretendentes messiânicos* como Judas que tomou armas e riquezas de Séforis, na época capital da Galileia e partiu para guerrear. Outro de nome Simão, um escravo de Herodes e Atronges, modelo de Davi, o Rei-Pastor, que comporia a base ideológica da longa e bem-sucedida rebelião militar conduzida pelo salteador.<sup>82</sup> Tudo isso para mostrar a trajetória de *manifestantes, profetas, bandidos e messias* que atingiu o clímax na primeira guerra romano-judaica, na década de 60 da era comum.

A trajetória dos distúrbios camponeses no tempo de Jesus pode ser distinguida entre três níveis básicos de violência política: o *distúrbio*, a *conspiração* e a *guerra*. Os camponeses da Palestina viviam ao nível de mera subsistência. Isso já acontecia há milênios, sob o domínio de senhores imperiais que incluíam os persas, os ptolomeus, os selêucidas e agora os romanos.<sup>83</sup>

Os pequenos fazendeiros independentes e os artesãos e trabalhadores urbanos de Jerusalém se endividavam não só porque precisavam de empréstimos para sobreviver, mas também porque os senhores de terra ricos precisavam investir os seus excedentes. Os impérios agrários tomavam cerca de dois terços da produção camponesa através de *aluguéis, taxas e impostos*. Não há muitos indícios de que os aristocratas tenham financiado algum tipo de comércio de grande porte. Ao invés disso o dinheiro era investido em terras ou em empréstimos. O primeiro tipo de investimento tirava a

<sup>79</sup> CROSSAN, John Dominic. *O Jesus histórico*, p. 209.

<sup>80</sup> CROSSAN, John Dominic. *O Jesus histórico*, p. 213-221.

<sup>81</sup> CROSSAN, John Dominic. *O Jesus histórico*, p. 227-228.

<sup>82</sup> CROSSAN, John Dominic. *O Jesus histórico*, p. 234-238.

<sup>83</sup> CROSSAN, John Dominic. *O Jesus histórico*, p. 256.

propriedade da terra das mãos dos camponeses, obrigando-os a recorrer ao *arrendamento*, ao trabalho como *diarista* e finalmente, à *escravidão*.<sup>84</sup>

Havia, no entanto, dois grandes problemas para os judeus no empréstimo de dinheiro. Havia a proibição bíblica de cobrar juros de outro judeu, como se pode ver em Êxodo 22, 25 e em Deuteronômio 23, 20. E como todas as dívidas entre judeus deviam ser canceladas no sétimo ano, conforme Deuteronômio 15, 1-8, havia um documento que permitia ao tribunal cobrar a dívida, o que provocou mais desequilíbrio social.<sup>85</sup>

Ao apresentar aspectos da realidade de violência no tempo de Jesus, Bruce J. Malina, em seu *Evangelho social de Jesus*, faz interessantes considerações sobre as qualidades da violência com a qual Jesus teve de lidar. Diz que os romanos, como os mediterrâneos em geral, incluindo Israel, eram propensos à luta e conflito físico ao mínimo sinal de provocação.<sup>86</sup> Aponta que a narrativa do Evangelho, claramente revela que a morte de Jesus foi resultado da *violência instituída*, pois nem os antigos israelitas, nem os antigos atenienses, nem os antigos romanos teriam ideia alguma de relações jurídicas entre nações.

No primeiro século da era cristã, homens do Estado romano tratavam com outros grupos étnicos em termos de boa-fé baseada em relações patrono-cliente. Na percepção romana, Roma era um patrono, não um detentor de império; ela queria pessoas que se comportassem como clientes. Comportar-se de outra forma era ser um rebelde, um fora da lei (veja Malina, 1992). Nem as pessoas nem as nações tinham direitos.<sup>87</sup>

Poder-se-ia dizer que os romanos tinham “foro privilegiado”! Cidadãos romanos deviam ser tratados honoravelmente pelos não-cidadãos: eles não poderiam se açoitados publicamente, não respondiam em qualquer tribunal, mas diante de seu próprio César. Cidadãos romanos tinham preeminência na *Oikoumene* e desonrá-los seria desafiar a própria Roma.

Para o povo do Mediterrâneo frequentemente entravam as ramificações dos valores costumeiros de *honra* e de *vergonha*.<sup>88</sup> Malina faz perceber que o mundo

<sup>84</sup> CROSSAN, John Dominic. *O Jesus histórico*, p. 257.

<sup>85</sup> CROSSAN, John Dominic. *O Jesus histórico*, p. 258.

<sup>86</sup> MALINA Bruce J. *O evangelho social de Jesus*, p. 45.

<sup>87</sup> MALINA Bruce J. *O evangelho social de Jesus*, p. 48.

<sup>88</sup> MALINA Bruce J. *O evangelho social de Jesus*, p. 48.



mediterrâneo era um mundo violento e as pessoas e nações não tinham qualquer direito, inclusive se alguém traísse a honra seria penalizado e a tradição israelita, sacralizava tal violência. Pensava-se que em nome do zelo pela virtude se pudesse exigir punição como forma de aversão ao mal e amor a Deus, infligindo a punição sem misericórdia sobre o ímpio, podendo-se, inclusive, matar em nome de Deus.<sup>89</sup>

Malina informa ainda que muita da violência encontrada na região estava intimamente vinculada às tensões do pluralismo cultural, junto à frágil distinção entre companheiro étnico, companheiro cidadão e inimigo estrangeiro.<sup>90</sup>

A violência, enquanto imposição provocada é sempre uma expressão de preocupação pela manutenção da situação social na forma em que ela está. Assim foi no tempo de Jesus, enquanto restringisse seu trabalho à Galileia e enquanto a multidão o apoiasse, não teria nada a temer das elites. Mas uma vez que o sucesso de Jesus se espalhasse na Judeia, as elites puderam restaurar o *status quo* eliminando Jesus. A essa violência, Malina, chama de *vigilantismo*, colocar-se à espreita com objetivo de neutralizar Jesus, conforme a narrativa de Marcos, onde fariseus e herodianos faziam um plano para matar Jesus (cf. Mc, 3, 6).<sup>91</sup>

Neste contexto cabe a pergunta: como é possível viver a paz? A proposta de Jesus continua válida em nossos dias? Por qual causa vale a pena dedicar-se e como realizar a utopia de um mundo melhor? Que experiência viveu Jon Sobrino e como isso influenciou seu fazer teológico? Vejamos alguns elementos do contexto histórico e da cristologia elaborada pelo Autor.

#### 1.1.4.2 Jon Sobrino e a violência em El Salvador

Jon Sobrino<sup>92</sup> sofreu na própria família a violência direta da guerra e posteriormente a guerra fria, além do contexto histórico de violência na América Latina,

---

<sup>89</sup> MALINA Bruce J. *O evangelho social de Jesus*, p. 49.

<sup>90</sup> MALINA Bruce J. *O evangelho social de Jesus*, p. 53.

<sup>91</sup> MALINA Bruce J. *O evangelho social de Jesus*, p. 74.

<sup>92</sup> Jon Sobrino, nascido em Barcelona, aos 27 de dezembro de 1938, é sacerdote jesuíta, teólogo espanhol, sobrevivente da chacina que, em novembro de 1989, dizimou a vida de seis jesuítas e duas funcionárias da Universidade Centro-Americana (UCA), vive em San Salvador desde 1957. Expoente da Teologia da Libertação, Licenciado em Filosofia pela St. Louis University (Estados Unidos), em 1963 e Doutor em Teologia, em 1975, na Hochschule Sankt Georgen, de Frankfurt (Alemanha).

por isso quer-se analisar como a cristologia de Sobrino pode contribuir para a vivência da paz. Homem marcado pelo sofrimento e pela morte, na luta em favor da vida, Jon Sobrino pode ser chamado de “mártir sobrevivente”, por ter escapado da morte e ter vivido, na fé e na esperança, a dura experiência de ver seus companheiros assassinados, especialmente seu grande amigo Ignacio Ellacuría.<sup>93</sup> Essa tragédia marcou profundamente sua vida e solidificou sua decisão de lutar pela justiça. Aprendeu que o essencial é o exercício da misericórdia diante de um povo crucificado e que não há nada mais humano e humanizante que a fé na plenitude da vida. A perseguição da Igreja foi decisiva para Sobrino descobrir a verdade dos pobres. Comoveu-se diante da realidade de violência em El Salvador, na América Central: assassinato de sacerdotes, repressão do povo, miséria generalizada, opressão estrutural! Essa situação despertou-o do *sono dogmático* e do *sono da inumanidade*,<sup>94</sup> que proporcionou um aprofundamento do seu jeito de fazer Teologia.

Do ponto de vista teórico, duas figuras marcaram o pensamento teológico de Sobrino. Trata-se de José Xavier Zubiri, filósofo espanhol e, particularmente, de Ignacio Ellacuría, companheiro de trabalho em El Salvador.<sup>95</sup> É dele a expressão “povos crucificados”, nascida num contexto de opressão e repressão que se abateu sobre o povo pobre de El Salvador. Merece ainda destaque especial a pessoa de Dom Oscar Romero,<sup>96</sup> mártir da justiça. Seu testemunho profético e corajoso foi decisivo para o desabrochamento teológico de Sobrino.

Olhando para a história de Sobrino, é fácil perceber o sentido que ele deu a cada experiência vivida, também ao sofrimento. Para ele, sofrer é olhar sempre adiante, ir além da dificuldade presente. Seguir em frente com confiança e fé. “A tradição sempre

---

<sup>93</sup> SOBRINO, Jon. *Os seis jesuítas mártires de El Salvador*, 1990.

<sup>94</sup> SOBINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p. 14. Publicado inicialmente em artigos na *Revista Latinoamericana de Teología*, em *Estudios Centroamericanos*, *Sal e Terra* ou na *Revista Concillium*.

<sup>95</sup> Ignacio Ellacuría é também filósofo e teólogo espanhol. Foi enviado a El Salvador em 1949. cursou Humanidades e Filosofia na Universidade Católica de Quito (Equador). Estudou Teologia na Universidade de Innsbruck, na Áustria. Foi reitor da Universidade Centroamericana de San Salvador. Discípulo e colaborador de J. X. Zubiri e prestou relevante colaboração a D. Oscar Romero.

<sup>96</sup> Oscar Arnulfo Romero y Galdámes nasceu na cidade de Barrios, em El Salvador, no dia 15 de Agosto de 1917. Estudou no Seminário Maior dos Padres Claretianos, em São Miguel, e no Seminário Central dos Jesuítas em San Salvador. A partir de 1943, estudou na Universidade Gregoriana. Em 4 de abril de 1952, foi ordenado Sacerdote. No dia 4 de abril de 1967, foi sagrado Bispo; em fevereiro de 1977 assumiu o ministério de Arcebispo de San Salvador em um momento de grande repressão e miséria do povo. Foi assassinado em 24 de março de 1980, por um franco-atirador desconhecido enquanto ministrava uma missa na capela do hospital do câncer *La Divina Providência*, em San Salvador. Suas inúmeras atividades, exercidas no período de 31 de março de 1978 a 20 de março de 1980, estão documentadas na obra “*O profeta dos oprimidos da América Latina: diário de D. Oscar Romero*”.

acentuou como é custoso o seguimento. Às vezes por influência de uma religiosidade de dor, fez coincidir imitação de Cristo e sofrimento”.<sup>97</sup>

Sobrino apresenta o mártir Jesus a partir de monsenhor Romero - sua testemunha - tal como seu amigo Ignacio Ellacuría viu monsenhor, para tornar presente o que chama de “cristologia de testemunhas” e para não transformar sua cristologia excessivamente conceitual, acrescentando que os textos do passado e as realidades do presente se iluminam mutuamente!<sup>98</sup>

Ellacuría, como monsenhor Romero, conhecia a linguagem teológica que comumente se usava para designar o “povo de Deus”, por isso faz questão de dar certa ênfase ao que chama “povo”: os seres humanos, imensas maiorias, organizadas ou não, que vivem mal, e que lutam pela vida, contra a morte lenta da pobreza e da fome, da indignidade e de sua cultura pela morte violenta da repressão.<sup>99</sup>

A experiência da violência fez Sobrino perceber, nas palavras de Ellacuría, que “com monsenhor Romero Deus passou por El Salvador”, revelando sua *trans-descendência* e sua *com-descendência*.<sup>100</sup> Suas homilias teriam sido de palavras de esperança, de proximidade, de humildade e de credibilidade.

Sobrino fala também de seguimento a partir da experiência do testemunho dos mártires, dizendo nas palavras de Ellacuría que monsenhor Romero foi um seguidor exemplar de Jesus de Nazaré, um pastor que defendera seu povo, um profeta que enfrentara os inimigos e um mártir, fiel até o fim a Deus.<sup>101</sup> Ellacuría teria visto em monsenhor Romero os conteúdos fundamentais que vira em Jesus. Pode-se supor, por isso, que Jon Sobrino tivesse uma profunda experiência de fé que influenciasse decisivamente seu pensamento teológico.

Jon Sobrino situa-se nesse contexto dos pobres como realidade histórica, socioeconômica e dialética, teológica e política. Diz que “pobres são aqueles cuja máxima tarefa consiste simplesmente em sobreviver, aqueles cuja vida acha-se ameaçada pelas estruturas socioeconômicas”.<sup>102</sup> Dito de forma teológica e teologal, afirma que a pobreza na América Latina significa que a criação de Deus está realmente ameaçada. A pobreza seria uma miséria que aproxima da morte!

---

<sup>97</sup> SOBRINO, Jon. *Fora dos Pobres não há Salvação*, p.139.

<sup>98</sup> SOBRINO, Jon. *Fora dos Pobres não há Salvação*, p. 161.

<sup>99</sup> SOBRINO, Jon. *Fora dos Pobres não há Salvação*, p. 164.

<sup>100</sup> SOBRINO, Jon. *Fora dos Pobres não há Salvação*, p.172-175.

<sup>101</sup> SOBRINO, Jon. *Fora dos Pobres não há Salvação*, p. 178.

<sup>102</sup> SOBRINO, Jon. *Espiritualidade da libertação*, p. 188.

Citando Franz Hinkelammert economista e teólogo alemão, que fala de uma população sobrente, em que já não se precisa mais da maior parte da população do Terceiro Mundo, Sobrino, denuncia que já se começou a usar uma nova linguagem para exprimir a não-existência prática de milhões de seres humanos: “os excluídos, aqueles que não contam, os sobrantes, os não existentes. Não interessam os seres humanos, desinteresse que se faz notar já há alguns anos, certamente na América Latina”.<sup>103</sup>

Ao dizer que para o capitalismo absolutizado, não interessam os rostos concretos dos pobres, que são as vítimas que os ídolos exigem para subsistir, Sobrino invoca a Dom Romero, que dizia que é preciso defender o mínimo, que é o máximo dom de Deus: a vida.<sup>104</sup> A esperança da vida que, para os pobres, é esperança que a história já não é fatalismo, mas promessa com possibilidades de superação da violência. Essa ideia será aprofundada, agora.

## 1.2 Jesus e a superação da violência

Se a TdL nasce de uma indignação ética diante da pobreza e da marginalização de grandes massas do continente Latino-americano, segundo Leonardo Boff, o desafio então é relacionar a cristologia sobriniana do seguimento como boa notícia para a teologia da paz. Afinal, Jesus disse: “Eu vos dou a paz, deixo-vos a paz, não como o mundo a dá” (Jo 14, 27). O seguimento a Jesus Cristo na paz, na visão sobriniana, inclui:

Buscar aquela compreensão de Jesus que proceda de uma práxis segundo o seguimento de Jesus no anúncio do Reino, na denúncia da injustiça e na realização, mesmo parcial, deste mesmo Reino, que vai dar por sua vez, num novo seguimento. O manter vivo este processo é a expressão eficiente da esperança no mistério do Pai e na vinda do Reino. É, ao mesmo tempo, a mais radical verificação da verdade da cristologia: que Jesus é o Filho eterno do Pai,

<sup>103</sup> SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p. 285.

<sup>104</sup> SOBRINO, Jon. *Espiritualidade da libertação*, p 189.

porque através do seu Espírito, é capaz de continuar gerando seguidores seus, configurando a outros homens à sua imagem.<sup>105</sup>

A imagem de Deus em Cristo Jesus é a expressão da paz e da misericórdia para com a esperança dos últimos, das vítimas! “Nisso conhecerão todos que sois meus seguidores se amardes uns aos outros” (cf. Jo 13, 33-34). São Paulo, ao mencionar as virtudes primordiais da vida cristã diz que a maior, no sentido da mais originária, é o amor (cf. (1Cor 13, 13). Que esperança de amor e de paz pode surgir a partir da perspectiva das vítimas? Sobrino ajudará nessa trajetória!

### 1.2.1 A perspectiva das vítimas

Redescobrir Cristo na América Latina não significou, para Jon Sobrino, outra coisa senão re-descobrir o Cristo dos evangelhos, a esse Cristo que não é senão Jesus de Nazaré, tal como no-lo narram os evangelhos. Mesmo que Jesus tenha de ser apresentado através de mediações, Sobrino afirma que o fundamental é retornar a Jesus de Nazaré a quem voltaram muitos cristãos latino-americanos. O lugar de onde o Evangelho deve ser lido e a partir do qual se torna transparente é o *lugar do mundo dos pobres*, pois, pobre e Evangelho seriam correlativos.<sup>106</sup>

A relação da Cristologia e a realidade de violência na América Latina, na visão de Jon Sobrino, apresenta algumas características de como Jesus é captado:<sup>107</sup>

a. Captado *como um Jesus próximo*. “Proximidade” é, sem dúvida, uma categoria teológica e cristológica de primeira magnitude. Jesus é visto como quem se aproxima à realidade de seu tempo e ao maior fato dessa realidade: as maiorias empobrecidas, oprimidas, sem dignidade. Essa proximidade à realidade o levou, em seu mais profundo ser, a se compadecer (cf. Mt 9, 36) com o sofrimento das pessoas, a sair ativamente à sua defesa, a se envolver nos conflitos, a ser perseguido e crucificado. Os pobres de hoje veem no processo de aproximação de Jesus aos pobres de seu tempo a maneira de como

<sup>105</sup> SOBRINO, Jon. *Cristologia a partir da América Latina*, p. 23.

<sup>106</sup> SOBRINO, Jon. *Espiritualidade da libertação*, p. 200.

<sup>107</sup> SOBRINO, Jon. *Espiritualidade da libertação*, p. 200-207.

Jesus se fez irmão dos pobres. A cruz de Jesus - *descer da cruz os povos crucificados*<sup>108</sup> - é vista como o símbolo máximo da aproximação de Jesus aos pobres, o Evangelho lhes fala diretamente.

b. Ser captado *como um Jesus libertador*. Libertação – em sua formulação como redenção e salvação – é uma categoria teológica fundamental. Na América Latina se tem historiado e compreendido o Cristo a partir de suas raízes bíblicas. “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou com a unção, para anunciar a Boa Nova aos pobres, enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista; para libertar os oprimidos, e para proclamar um ano de graça do Senhor” (Lc 4, 18-19). A partir desta passagem fundamental entendem-se outras tantas passagens centrais que dão uma esperança aos pobres: que o Reino de Deus se aproxima do fim, que os pobres são felizes porque deles será esse Reino.

Embora não seja fácil sistematizar como Jesus é visto como libertador, pode-se dizer que os pobres o veem como alguém que liberta no mais profundo do seu coração, liberta-os de suas angústias, resignação, individualismos, desespero. Veem em Jesus alguém que lhes comunica uma força interior que os faz mudar, pessoal e grupalmente, de homens amedrontados para homens livres, livres para esperar, para se unir, para lutar. Veem que ainda hoje aquelas cenas de curas se repetem: em contato com Jesus, os enfermos deixam de ser doentes; Jesus lhes dá razão: tua fé te salvou. Veem em Jesus aquele que os leva a uma prática destinada à transformação de uma sociedade opressora e a uma sociedade de fraternidade e justiça, de acordo com o ideal do Reino de Deus, a partir da alternativa entre o Deus verdadeiro e os ídolos. Ao descobrir a Jesus, os pobres da América Latina compreendem de maneira muito eficaz que o Deus verdadeiro é o Deus da Vida, que a glória de Deus é o ser humano, sobretudo o pobre que vive, como parafraseou dom Romero a Irineu.<sup>109</sup>

c. Ser captado *como um Jesus presente na história atual*. O conhecimento de Cristo não é adquirido somente a partir do seu passado, mas também a partir de seu presente. A presença de Jesus na América Latina é vista na dialética de encontrar o Cristo presente e de trabalhar para fazê-lo presente. Descobre-se, na absoluta seriedade da atual situação, que os pobres estão completando em seus corpos o que falta à paixão de Cristo (cf. Cl 1, 24) e sabem que são também co-responsáveis pelo atual senhorio de Cristo, isto é, são

<sup>108</sup> SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, 1994.

<sup>109</sup> SOBRINO, Jon. *Onde está Deus*, p. 123.

implantadores nesta história dos signos do Cristo ressuscitado: a esperança que não morre, o serviço desinteressado, a liberdade e o gozo.

d. Ser captado *como um Jesus que é Boa Notícia*. Descobre-se o Cristo dos Evangelhos sinônimo de “Boa Notícia”. Jesus é portador de um Evangelho, de uma Boa Notícia. Suas palavras e suas obras são essa Boa Notícia: “O Reino de Deus está próximo” (Mt 3, 2), “felizes sois vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus” (Lc, 6, 26); temos um Deus que é Pai e que é Pai comum, e por isso se pode dizer: “Pai nosso” (Lc 11, 2); descobre-se quem ao homem afligido disse: “Não temas, vai em paz” (Mc 5, 34); quem ao pecador angustiado disse que o maior júbilo de Deus é que os pecadores se aproximem confiadamente, como a um Pai. Por isso os pobres da América Latina podem na verdade repetir a afirmação paulina: “Surgiu a benignidade de Deus” (cf. Rom 2, 4; Ef 2, 7); ou na afirmação de João: “Surgiu a graça e a verdade” (Jo 1, 17).<sup>110</sup>

A captação do Cristo produz alegrias. Os cristãos latino-americanos certamente conhecem o alto preço das exigências de Jesus - recordem-se os milhões de camponeses, operários, estudantes, religiosos e religiosas, sacerdotes e bispos que derramaram seu sangue por esse Evangelho, mas também a alegria e o agradecimento de se terem encontrado com Jesus.<sup>111</sup>

Jesus, como Boa Nova para as vítimas, adota a condição e a forma de escravo. Sobrino diz que nisto consiste a *Kénosis*, no despojar-se da dimensão divina de ser homem e adotar a condição daquilo que no ser humano há de mais frágil. O servo exprime a condição de vítima, mas na *Kénosis* Jesus se despoja, enquanto o servo é despojado.<sup>112</sup> Por isso, segundo o Autor, não se deve separar ambas as coisas, mas não são o mesmo, pois *Vítima* é um conceito histórico-dialético que responde à realidade de ser ativamente aniquilado por outros. No entanto, em ambos os casos Jesus aceita a afinidade com a condição humana e mais radicalmente com as vítimas. Sobrino conclui dizendo que se a *aproximação* já é uma realidade salvífica, o *abaixamento* o é mais ainda para as vítimas. Abaixar-se é chegar a estar em comunhão com ‘os de baixo’,

---

<sup>110</sup> A realidade dos pobres e oprimidos, na comunidade cristã de Lucas é interpretada pelas mensagens de Jesus de Nazaré, enquanto misericórdia do Pai. Uma delas é o sermão da planície (Lc 6,17-49), que se equipara ao sermão da montanha de Mateus (Mt 5-7). O sermão, sobretudo em Lc 6,20-26, insiste no tema dos pobres, famintos e injustiçados a quem o reino de Deus pertence. Anuncia assim que suas situações se reverterão.

<sup>111</sup> SOBRINO, Jon. *Espiritualidade da libertação*, p. 207.

<sup>112</sup> SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p. 276.

modelo teórico para compreender a salvação, diferente e mais radical que o da teologia grega.<sup>113</sup>

Voltamos a perguntar: qual a relação entre a realidade Latino-americana e a cristologia de Jon Sobrino na perspectiva do seguimento a Jesus Cristo na paz? Que esperança podem ter as vítimas das estruturas opressivas presentes na América Latina que favorecem a situação de desumana pobreza? Entre luzes e sombras, a esperança se renova.

### 1.2.2 A esperança dos crucificados: luzes e sombras

A realidade que nos rodeia é sempre marcada por luzes e sombras. Por isso, antes de ser otimista ou pessimista, apresenta-se o desafio de ser realista. Na linguagem do Novo Testamento o plano de Deus é que cheguemos a ser *filhos no Filho*.<sup>114</sup> Fora do seguimento de Jesus, diz Sobrino, não se sabe com certeza de que estamos falando ao confessar a Jesus Cristo.

Refletir sobre as luzes e sombras significa alimentar a utopia de que a paz é fruto da justiça (cf. Is 32, 17), que a esperança dos crucificados está em Deus, pela ressurreição de Cristo, mas ao mesmo tempo há que debruçar-se sobre a realidade e contribuir para transformá-la.

Chovem diariamente denúncias de violências antigas e estruturais que vieram a somar-se a outras mais recentes, como a guerra no trânsito, a violência doméstica contra crianças e mulheres; a violência urbana contra jovens negros, moradores de rua; a violação dos territórios de indígenas e quilombolas; a exploração de operários e trabalhadores rurais; surtos de intolerância política, religiosa, racial e de gênero. Acrescente-se a violência do crescente desemprego, do tráfico de drogas e de pessoas; dos grupos de extermínio...<sup>115</sup>

<sup>113</sup> SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p. 277.

<sup>114</sup> Para aprofundamento ver: HAMMES, Érico João. *Filii in Filio: A divindade de Jesus como evangelho da filiação no seguimento: um estudo em J. Sobrino*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1995.

<sup>115</sup> BEOZZO, José Oscar./FRANCO, Cecília Bernardete (orgs.). *Educação para a Paz em tempos de injustiças e violência*, p. 8.



Um estudo publicado pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 2014 afirmou que 10% dos homicídios no mundo em 2012 ocorreram no Brasil. O país apresentou uma taxa de homicídios de 25,2 por 100 mil pessoas, a terceira pior da América do Sul, atrás de Venezuela (53,7) e Colômbia (30,8).<sup>116</sup> De acordo com o “Mapa da Violência 2016 - Homicídios por armas de fogo no Brasil”, a lei do desarmamento foi responsável por estancar o ritmo de crescimento desse tipo de crime no País. A taxa, que subiu, em média, 8,1% ao ano entre 1980 e 2003, cresceu 2,2% anualmente de 2004 a 2014.<sup>117</sup> Quanto às ogivas nucleares, conforme a ONU, hoje, no mundo ainda existem mais de 26 mil mísseis nucleares prontos para serem acionados e detonar todo o planeta em questão de segundos. Uma das causas do aumento da violência é que a desigualdade econômica e social aumentou muito nos últimos anos: 1% da população mundial concentra metade de toda a riqueza do planeta.<sup>118</sup>

Fato paradoxal aconteceu em outubro de 2016, quando a Colômbia realizou o referendo no qual o governo colombiano consultou o povo sobre se aprovava o acordo de paz entre governo e a guerra promovida pelas Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia - FARC - e a maioria do povo respondeu pelo *Não* ao acordo de paz assinado pelo governo e guerrilheiros.<sup>119</sup> Diante disso, a interrogação: qual é a esperança dos crucificados serem também um povo ressuscitado e como será compreendida a ressurreição, pelas vítimas? Como o crucificado ressuscitado pode ser o fundamento da fé cristã pessoal? Pretende-se responder a esses questionamentos na certeza de que Deus é o Deus da vida, que fez justiça a uma vítima inocente ressuscitando-a da morte!

### 1.3. Ressurreição: a vida vence a morte

---

<sup>116</sup> Disponível em: <http://oglobo.globo.com/brasil/brasil-tem-10-dos-homicidios-do-mundo-19537676#ixzz4ILawK3Ax>. Acesso em outubro de 2016.

<sup>117</sup> O cálculo foi feito com base nas vidas que seriam perdidas caso o aumento seguisse na velocidade registrada no período anterior à lei. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/brasil/controle-de-armas-evitou-133-mil-mortes-no-brasil-diz-estudo-19537666#ixzz4ILXJd4mp>. Acesso em outubro de 2016.

<sup>118</sup> Disponível em: [http://brasil.elpais.com/brasil/2015/10/13/economia/1444760736\\_267255.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2015/10/13/economia/1444760736_267255.html). FARIZA, Ignacio. A desigualdade aumentou desde a crise de 2008 e chega ao ápice em 2015. Acesso em novembro de 2016.

<sup>119</sup> Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/560728-em-votacao-apertada-colombianos-rejeitam-acordo-de-paz-com-as-farc>. Acessado em outubro de 2016.

Ressurreição é seguimento na história! Na tradição cristã, segundo Jon Sobrino, se compreende o destino dos seres humanos a partir do destino de Jesus. “É preciso ter muito claro que Jesus não terminou sua vida ‘completados seus dias’, mas como uma vítima; e que a ressurreição não consistiu em devolver um cadáver à vida, mas em fazer justiça a uma vítima”.<sup>120</sup> Assim, pode-se afirmar que o Ressuscitado é o Crucificado, como também afirma o Jesus de João, quando o Ressuscitado aparece mostrando suas chagas (cf. Jo 20, 27).

Jon Sobrinho tem consciência de que fala a partir das vítimas, sem ser a vítima, o que não quer dizer que não se pode compreender nada de sua realidade e que já se tenha os conceitos adequados. “Por isso só com audácia e às apalpadelas podemos falar do que a ressurreição de Jesus significa para eles. E a partir deles talvez possamos falar de nossa esperança”.<sup>121</sup>

A partir do pensamento moderno, a ressurreição de Jesus é esperança, diretamente para as vítimas, segundo a visão sobriniana, para cuja identidade e relevância será necessário resgatar a novidade da teologia pós-conciliar, em que a ressurreição de Jesus afete eficazmente a história e sua relação essencial com as vítimas.<sup>122</sup> Para Ignacio Ellacuría, ao falar do seguimento de Jesus, se deveria já viver como ressuscitados na história. Perguntar-se pela presença do Ressuscitado na história, conforme Sobrino, não seria nada de novo, embora o Novo Testamento chamasse a atenção para os perigos de compreendê-la só como ação do Espírito.<sup>123</sup> O problema fundamental seria este: se a ressurreição se faz presente na história, especificamente, no seguimento de Jesus e não em qualquer lugar e de qualquer maneira, mas, além disso, de configurar “ressuscitadamente” a estrutura de encarnação, missão, e suportar o peso da história.<sup>124</sup>

Sobrino sustenta que, se a ressurreição de Jesus não se fizesse de alguma forma presente na história, permaneceria como algo totalmente extrínseco, algo não historizável nem verificável, como o é o seguimento de Jesus. E acrescenta dizendo que o Ressuscitado se pode fazer vitoriosamente presente no seguimento do Crucificado,

---

<sup>120</sup> SOBRINO, Jon. *Fora dos Pobres não há Salvação*, p. 148.

<sup>121</sup> SOBRINO, Jon. *Fora dos Pobres não há Salvação*, p. 149.

<sup>122</sup> SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p. 24.

<sup>123</sup> SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p. 26.

<sup>124</sup> SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p. 26.

deixando claro que a Galileia é El Salvador e que a cruz é o lugar teológico privilegiado para se compreender a ressurreição.<sup>125</sup>

O ser humano é não apenas ser de salvação ou de condenação, nem só ser de esperança, mas é também ser de práxis, caso contrário não poderia compreender a ressurreição. Assim como o Reino de Deus, a ressurreição é um conceito prático.<sup>126</sup>

O que há de continuidade entre a ressurreição de Jesus e nosso presente não estará só no *sentido* da vida presente, mas em viver já de tal modo que esta vida seja *para a verdade e a justiça*, ou seja, que a práxis seja uma determinada práxis, um pressuposto para captar a ressurreição de Jesus.<sup>127</sup> Voltaremos a esse assunto ao final da segunda seção, quando vamos analisar a cruz e a ressurreição como superação da violência, pois esperança e práxis reclamam-se mutuamente. De qualquer modo, enfrenta-se a realidade para encontrar as demandas novas que se apresentam para a evangelização, pois se trata de discernir “os acontecimentos, nas exigências e nas aspirações de nossos tempos [...], quais sejam os sinais verdadeiros da presença ou dos desígnios de Deus” (GS, n. 11). “É o olhar do discípulo missionário que se nutre da luz e da força do Espírito Santo” (EG, n. 50).

Como se pode relacionar a prática libertadora de Jesus e a paz? O que se pode dizer sobre o Reino de Deus? Essas e outras questões farão parte da reflexão da segunda seção.

---

<sup>125</sup> SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p. 29.

<sup>126</sup> SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p. 45.

<sup>127</sup> SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p. 58.

## **2 RELAÇÃO ENTRE JESUS E A PAZ**

A reflexão sobriniana refere que a paz e o trabalho pela paz como utopia é uma das exigências de Jesus. Sem gestos utópicos de paz, não se rompe a espiral da violência. Como a violência histórica provem da injustiça, é preciso carregá-la, o que significa pôr-se do lado de suas vítimas violentadas.<sup>128</sup> Daí o questionamento: qual a importância e o significado teológico da paz na vida e na mensagem de Jesus Cristo? E quais são as consequências na reflexão teológica do NT e na vida cristã como um todo? Teologicamente se coloca a questão da coerência entre a vida e a fé professada. Se acreditar-se no Deus de Jesus Cristo, o Deus que é Amor, como viver, então, efetivamente a fé em um mundo onde a paz ainda não é uma realidade concreta? Qual a importância e a profundidade da relação entre a construção da paz e o projeto salvífico inaugurado por Jesus de Nazaré? Essas questões nortearão a seguinte reflexão.

### **2.1 A prática de Jesus como prática da paz**

A Teologia Latino-americana em sua reflexão cristológica parte da necessidade de uma ortopraxis na vivência cristã. A prática de Jesus é o parâmetro para a atuação cristã hodierna e norma para a Teologia. Por isso, a necessidade de voltar à pessoa de Jesus, modelo de homem perfeito, paradigma de fidelidade e serviço para todo o gênero humano, exemplo perfeito de confiança em Deus e entrega ao projeto do Pai e, partindo d'Ele, motivar-se uma nova atitude cristã diante da realidade.

A dialética histórico-estrutural, presente neste trabalho, parte do princípio de que a vida é dinâmica, e a mudança vai se dando em meio às contradições da realidade que é dinâmica, produtiva, criativa e sempre nova. Acredita-se que os conflitos fazem parte da história e são inerentes à vida, no entanto, há formas não violentas de resolvê-los. Não se pode falar de dialética sem falar de contradição, porque ela está ligada ao fenômeno do conflito. Hegel (1770-1831) já dizia “quanto

---

<sup>128</sup> SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador*, p. 316-317.

maior a contradição, maior a superação”, mesmo que na maioria das vezes predomine o conflito sobre harmonias e consensos.

Jesus mesmo se identifica como “O Caminho”: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14, 6) que pode nos conduzir no caminho da paz: “Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou” (Jo 14, 27)! Jesus sempre será o ponto de partida e de chegada. Seu modo de ser e agir revela que n’Ele o Reino de Deus já está presente (Encarnação). Ele mesmo convida a todas as pessoas para acolher essa nova força salvadora de Deus que deseja libertar a todos e a todas daquilo que escraviza e impede a uma vida digna e feliz. Seu Reino é de vida e de paz. Entrar no Reino anunciado por Jesus é, portanto, deixar-se transformar e construir a vida tal como Deus a quer.

O Concílio Vaticano II ensina que o estudo da Sagrada Escritura deve ser “como que a alma de toda a Teologia”.<sup>129</sup> Enfatize-se que a Teologia enquanto inteligência da fé - *intellectus fidei* - é entendida aqui, como, inseparavelmente, *hermenêutica da Palavra de Deus e hermenêutica da existência humana*,<sup>130</sup> pois toda afirmação sobre Deus implica uma afirmação sobre o homem.

Jesus de Nazaré nasceu e viveu pobre no meio do seu povo de Israel. Compadeceu-se das multidões e fez o bem a todos. Este povo, acobardado pelo pecado e a pela dor da exploração e da violência, esperava a libertação que Deus lhes prometeu. No meio dele Jesus anuncia: “Cumpru-se o tempo e o Reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e crede no Evangelho” (Mc 1, 15). Ungido pelo Espírito Santo para anunciar o Evangelho aos povos, para proclamar a liberdade aos cativos, a recuperação da vista aos cegos e a libertação aos oprimidos (cf. Lc 4, 18-19), Jesus anuncia as bases de seu programa para um novo tempo. Igualmente com as Bem-aventuranças (cf. Mt 5, 1-12) no *Sermão da Montanha*, faz a grande proclamação da Boa Notícia do Reinado de Deus.

Bombonato alerta que a Cristologia Latino-americana não despreza o conteúdo dogmático, mas que prefere começar pela realidade histórica de Jesus, colocando em prática duas importantes lições do NT: não se pode teologizar a figura de Jesus sem historicizá-la, sem narrar sua vida, sua prática, seu destino, nem se pode historicizar Jesus sem teologizá-lo, ou seja, sem apresentá-lo como boa notícia

<sup>129</sup> Cf. Constituição dogmática *Dei Verbum*, nº 24.

<sup>130</sup> GEFFRÉ, Claude. *Como fazer Teologia hoje*, p. 30. Nessa obra o autor apresenta a passagem paradigmática da Teologia dogmática para a Teologia hermenêutica.

de Deus.<sup>131</sup> Daí, a pergunta: Considerando o mistério de Cristo como totalidade, qual a contribuição do Jesus histórico para uma cristologia da paz? Como o tema da paz encontra novas luzes para o seguimento, a partir da pessoa e da mensagem de Jesus Cristo, o Príncipe da Paz?

### 2.1.1 O reinado de Deus como serviço humilde à paz

O teólogo Jon Sobrino, como já sublinhamos, aborda com bastante propriedade a relação entre Jesus e o Reino a partir da conflitividade histórica de Jesus e a realidade de violência na América Latina e Central. Na reflexão sobriniana encontra-se o tema do Reino como centralidade da vida de Jesus. O objetivo agora é compreender a pessoa de Jesus Cristo a partir de seu anúncio do Reino de Deus como serviço humilde à paz. A partir da afirmação da centralidade do Reinado de Deus na vida de Jesus surge um problema prático: Jesus não definiu o que era este Reino e não o conceituou.<sup>132</sup> Mesmo quando falava em parábolas Jesus parecia ter o cuidado de abstrair ou minimizar a conceituação, apelando para comparações como um grão de mostarda (cf. Mt 13, 31-32), o fermento (cf. Mt 13, 33), o tesouro escondido (cf. Mt 13, 44), a pérola (cf. Mt 13, 45-46) ou a rede de pesca (cf. Mt 13, 47-48). Tais parábolas evidentemente não definem o Reino de Deus. Parecem estar muito mais relacionadas com a dinâmica do Reino do que com a definição exata deste. É certo que a noção de Reino não é novidade na pregação de Jesus. Ele assume este conceito, mas como novidade centra sua existência e seu ministério nele: “Procurai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça” (Mt 6, 33; Lc 12, 31). Portanto, a realidade última para Jesus é o Reino de Deus.

O seguimento a Jesus Cristo na paz, na visão sobriniana, implica, contudo, em buscar aquela compreensão de Jesus que proceda de uma práxis segundo o seguimento de Jesus no anúncio do Reino, na denúncia da injustiça e na realização, mesmo parcial, deste mesmo Reino, que vai dar por sua vez, num novo seguimento. O manter vivo este processo é a expressão eficiente da esperança no mistério do Pai e na vinda do Reino.

---

<sup>131</sup> BOMBONATTO, Vera Ivanise. *Seguimento de Jesus*, p. 202.

<sup>132</sup> SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p. 355.

“É, ao mesmo tempo, a mais radical verificação da verdade da Cristologia: que Jesus é o Filho eterno do Pai, porque através do seu Espírito, é capaz de continuar gerando seguidores seus, configurando a outros homens à sua imagem”.<sup>133</sup>

O NT, principalmente nos evangelhos, abre-se com a perspectiva do julgamento e do Reino, que se tornam presentes na pessoa e na ação de Jesus Cristo. Segundo Mateus, a missão de Jesus é “cumprir toda a justiça” (cf. Mt 3, 15), vencendo as tentações que deformam a sociedade (cf. Mt 4, 1-11), para anunciar o Reino que vem trazer a justiça e a felicidade esperada pelos pobres e oprimidos (cf. Mt 5, 1-12). Mas o que significa a busca fundamental: buscar, em primeiro lugar, o Reino de Deus e a sua justiça (cf. Mt 6, 33)? Se há um Deus justo, por que existe o mal? E se o mal existe como poderá haver um Deus justo? Na opinião de Bruno Forte (1985), a cruz é a história do amor trinitário de Deus pelo mundo: um amor que não se limita a suportar o sofrimento, mas que o acolhe! O Deus cristão não está fora do sofrimento do mundo, mas assume a dor da humanidade e a vive de maneira mais intensa, como dom e oferenda da qual jorra a vida nova para o mundo.<sup>134</sup>

L. Boff explica como se pode entender melhor a expressão *Reino de Deus* - *Βασιλεία του Θεού* - que ocorre 122 vezes nos evangelhos e 90 vezes na boca de Jesus, dizendo que, para os ouvintes de Jesus, o Reino é a realização de uma esperança, no fim do mundo, da superação de todas as alienações humanas, da destruição de todo o mal. Reino de Deus seria a manifestação da soberania e senhorio de Deus sobre esse mundo sinistro.<sup>135</sup>

Pagola constata que a vida itinerante de Jesus no meio dos pobres da Galileia é símbolo vivo de sua liberdade e de sua fé no Reino de Deus, o qual vai se gestando ali onde ocorrem coisas boas para os pobres.<sup>136</sup> O Reino é o núcleo central da pregação de Jesus, sua convicção mais profunda, a paixão que anima toda a sua atividade. Tudo o que Jesus diz e faz está a serviço do Reino de Deus e que dá sentido à sua vida. E conclui: “Seu objetivo não é aperfeiçoar a religião judaica, mas contribuir para que se implante o quanto antes o tão suspirado reino de Deus e, com ele, a vida, a justiça e a paz”.<sup>137</sup>

<sup>133</sup> SOBRINO, Jon. *Cristologia a partir da América Latina*, p. 23.

<sup>134</sup> FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré*, p. 26.

<sup>135</sup> BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador*, p. 65.

<sup>136</sup> PAGOLA, José A. *Jesus, Aproximação Histórica*, p. 114.

<sup>137</sup> PAGOLA, José A. *Jesus, Aproximação Histórica*, p. 115.

Na perspectiva dos sinais do Reino, Rabuske, diz que “o Reino se aproxima quando as igrejas promovem a vida contra os mecanismos de morte da sociedade globalizada”, e que não seria nenhum sinal do Reino o fato de muitas pessoas participarem de missas ou eventos religiosos.<sup>138</sup> Para Sobrino, com o termo *Reino de Deus*, se designa formalmente a utopia de Deus para todo um povo. Dito em símbolos expressivos, que o conflito se torne reconciliação (...) que a guerra se torne paz (...) que a injustiça se torne justiça e a vida seja possível, e assim os que trabalham no campo comam do fruto de seu trabalho e os que constroem casas morem nelas (cf. Is 65, 21).<sup>139</sup> Essa é a perspectiva para uma paz reconciliada, recriar a prática de Jesus para prosseguir sua causa.

Na visão sobriniana, o senhorio da bondade do Senhor, não aparece na forma de um triunfalismo, mas como “um poder que pode ser descrito como força-para-servir, como energia para dar vida, e que nada tem de um poder que triunfe magicamente sobre a história.<sup>140</sup> Jesus subverte a visão de senhorio de acordo com sua visão de Reino: O maior é aquele que serve (cf. Mt 20, 27; Mc 10, 44). Desse jeito, Jesus opera uma mudança radical na noção de poder.

Durante toda a Cristandade - *Christianitas* - houve uma forte ênfase no pressuposto do Cristo como um Senhor todo-poderoso.

Por essa razão, é preciso voltar sempre ao Jesus histórico, salvaguarda do Cristo total. E neste sentido, em palavra teológica um pouco primitiva, mas profunda, será bom recordar o que dizia Bartolomeu de Las Casas: ‘a Igreja não tem mais poder que aquele que teve Cristo enquanto homem.’<sup>141</sup>

No Novo Testamento, descreve-se o senhorio de Cristo como positiva força configuradora, como serviço a partir da humildade, como quem serve e dá a paz ao dar-se a si próprio, passando pela humilhação e pela *kénosis*. Em linguagem pessoal e existencial, Paulo diz “para mim, o viver é Cristo” (Fl 1, 21), “vivo, mas não eu, é Cristo que vive em mim” (Gl 2, 20). Depois diz que é necessário completar em nós

<sup>138</sup> RABUSKE, Irineu José. *Jesus Exorcista*, p. 361.

<sup>139</sup> SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador*, p. 112.

<sup>140</sup> SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p. 246.

<sup>141</sup> SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p. 247.



aquilo que falta à paixão de Cristo (cf. Cl 1, 24). Para Jon Sobrino, afirmar o senhorio de Cristo é conflitivo. “Na América Latina muitos cristãos proclamaram com suas obras o Senhorio de Cristo e por isso foram levados diante de César, foram ameaçados, difamados, presos, torturados e assassinados”.<sup>142</sup> Sobrino, arguindo que o Filho amado de Deus, unido a Deus e obediente a Deus, é aquele que toma a figura do *Servo*, conclui: “É Filho agradável a Deus porque é o servo, compreendido este em sua totalidade: aquele que realiza a sua *missão* na terra e está disposto a sofrer o *destino* da cruz”.<sup>143</sup> Deus ama os seres humanos e os ama à maneira humana!

Assim como o precursor João Batista proclama que o Reino já está vindo, Jesus diz que o Reino de Deus está perto (cf. Mc 9, 1), que a colheita está madura (cf. Mt 9, 37), que os campos já estão ficando brancos (cf. Jo 4, 35), que agora há vinho novo (cf. Mc 2, 22), que é a hora do noivo e não precisa jejuar (cf. Mc 2, 18-20). Jesus afirma que, se expulsa os demônios, é porque o Reino de Deus chegou (cf. Mt 12, 28). À pergunta dos fariseus a respeito de quando chega o Reino, responde: “O Reino de Deus já está no meio de vós” (cf. Lc 17, 21). Em linguagem sistemática, Sobrino sintetiza: “Jesus tem a audácia de proclamar o desenlace do drama da história, a superação, finalmente, do anti-reino, a vinda inequivocamente salvífica de Deus”.<sup>144</sup> E os sinais que acompanham suas palavras mantem essa esperança! Deus vem por amor gratuito, não como resposta à ação dos homens. A partir da afirmação sobriniana, de que o Reino de Deus é Boa Notícia para os pobres<sup>145</sup>, pergunta-se: Quem são os pobres como destinatários do Reino de Deus? Qual o programa que Jesus oferece como caminho de felicidade para as vítimas da violência? Que significa ser promotor da Paz? Vamos aprofundar essas questões no próximo seguimento.

### 2.1.2 Felizes os que promovem a paz (Mt 5,9)

<sup>142</sup> SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p. 259.

<sup>143</sup> SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p. 272 (grifo do autor).

<sup>144</sup> SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador*, p. 119.

<sup>145</sup> SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador*, p. 123.

Pelo reinado de Deus propõe-se o modo de relação com o Divino! Nenhuma realidade humana pode ficar fora do apelo do reinado de Deus que é justiça, paz e alegria no Espírito Santo! O que define a salvação é o amor! Os cristãos não se definem pela imunidade porque os pobres, geralmente, são perseguidos! As Bem-aventuranças não são recompensa por obras meritórias, mas são gratuidade, são bênção, são graça!

A subida à montanha sempre indica alguma importante revelação. Na montanha, a Bíblia situa grandes encontros com Deus. Assim foi com Abraão: no Moriá; Moisés: no Horeb, no Sinai e no Nebo; Elias: no Carmelo e no Horeb. E no NT, Cristo sobe ao monte das Bem-aventuranças para promulgar a nova Lei; no monte Tabor para manifestar uma antecipação de sua glória; no Calvário para dar sua vida e no monte da Ascensão para confirmar sua exaltação definitiva pelo Pai mediante sua ressurreição.

As Bem-aventuranças são a síntese do programa de Jesus.<sup>146</sup> Trata-se de uma congratulação na qual se afirma que determinado modo de viver faz que a pessoa mereça ser feliz. Vivendo no Espírito, acolhendo e promovendo novos sinais do Reino, haverá espaço para a promoção da paz que é a plenitude do amor, vínculo da perfeição. A expressão *Reino de Deus* refere-se, assim, à realidade totalmente nova que tem início com a comunidade dos discípulos de Jesus, e se prolonga na história até o fim dos tempos e tem plenitude na eternidade.

O ponto de partida das Bem-aventuranças são as condições concretas da vida humana. Há pessoas que choram, são injustiçadas, perseguidas, injuriadas e caluniadas por causa do Reino dos Céus e ainda assim permanecem mansas, pacificadoras, misericordiosas e puras.

A primeira consequência decisiva para entrar no espírito das Bem-aventuranças é esta: pôr Jesus no centro do cristianismo, pois é essencial para o seguimento de Jesus estar em contato direto com sua Pessoa! Jesus faz todos participantes de sua missão. “Cumprir a missão não é tarefa opcional, mas parte integrante da identidade cristã, porque é a extensão testemunhal da vocação mesma” (DAP n. 144). O Documento de Aparecida diz que “conhecer Jesus é o melhor presente que qualquer pessoa pode receber; tê-lo encontrado foi o melhor que ocorreu em nossas vidas, e fazê-lo conhecido com nossa palavra e obras é nossa alegria” (DAP n. 29). Um encontro significativo com o Senhor pode mudar a vida de qualquer pessoa! Por isso, o primeiro anúncio (Querigma) e o conhecimento do Filho de Deus e seu Reino precisam atingir a

---

<sup>146</sup> O “Sermão da Montanha” de Mt 5, 1-7,29 equivale ao “Sermão da Planície” de Lc 6, 20-49.

experiência do encontro com uma Pessoa. A partir do encontro com o Mestre, vem a mudança no pensar e no agir. Ser discípulo é encarnar as atitudes do Mestre e refletir esse espírito em atitudes, pois toda a prática de Jesus foi para estabelecer a paz de Deus.

Não é suficiente afirmar que Jesus é Deus; é decisivo saber qual Deus se encarna e se revela em Jesus. A maneira de ser, as palavras, os gestos e reações de Jesus são detalhes importantes da revelação de Deus. Deus não é um conceito, mas uma presença amiga e próxima que leva a viver e a amar de maneira diferente. O que faz Deus feliz é ver seus filhos felizes, desde agora e para sempre. É esta a Boa Notícia que é revelada em Jesus Cristo!

Quem são os felizes, os bem-aventurados de quem seja o Reino? Em que pobres Jesus pensa quando diz que o Reino de Deus é deles? À provocação de J. Jeremias de que o Reino pertence *unicamente* aos pobres, Jon Sobrino esclarece dizendo que, de fato, Jesus compreende sua missão como dirigida aos pobres: “O Espírito do Senhor está sobre mim, para isso ele me ungiu, para evangelizar os pobres” (Lc 4, 18). Argui dizendo que Jesus mostra isso também em sua resposta aos enviados de João: “... pobres são evangelizados” (cf. Lc 7,22; Mt 11, 5) e que, em Lucas, a primeira Bem-aventurança que Jesus proclama, é: “Felizes vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus” (Lc 6, 20), donde Sobrino, conclui:

Esta relação entre reino de Deus e pobres se estabelece nos evangelhos como um fato, mas, mais radicalmente, aparece como uma relação de direito, baseada na própria misericórdia de Deus tal como aparece no AT. É isso que o ‘unicamente’ de J. Jeremias expressa.<sup>147</sup>

Para Jon Sobrino, os pobres mencionados em Mt 5, 3, são por um lado, os famintos e sedentos, os nus, os forasteiros, os enfermos, os prisioneiros, os que choram, e os que estão oprimidos (cf Lc 6, 20-21; Mt 25, 35ss). Neste sentido, pobres seriam os que vivem curvados (*anawim*) sob o peso de alguma carga, que Jesus interpretará muitas vezes como opressão. Seriam os pobres econômicos, no sentido de *oikos* (o lar, a casa, o símbolo do fundamental e primário da vida). Por outro lado, os pobres seriam os desprezados pela sociedade, os tidos por pecadores, os publicanos, prostitutas (cf. Mc 2,

---

<sup>147</sup> SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador*, p. 125.

6; Mt 11, 19; 21, 32; Lc 15, 1s), os simples, os pequenos, os menores, os que exercem profissões desprezadas. Ainda, conforme Sobrino seriam os pobres sociológicos, aos quais é negado o mínimo de dignidade. Pobres seriam os que na América Latina são chamados de *maiorias populares*.<sup>148</sup> Nesse sentido, nas Bem-aventuranças se fala em *pobres* no plural, os que são econômico-sociologicamente pobres.<sup>149</sup> Mesmo quando Jesus relaciona Reino de Deus e pobres - *ptochoi* - (cf. Mt 11, 5 = Lc, 7, 22; Lc 4, 18 e Lc 6, 20), seu significado tampouco é espiritual.<sup>150</sup>

Como já foi referido, Sobrino fala sobre a parcialidade do Reino de Deus, não como realidade escatológica, universal, mas como evidência bíblica de sua vinda iminente, o que não se deveria estranhar! Diz que essa parcialidade dialética de Deus aparece também no AT como uma constante em sua revelação, contrapondo o Deus da vida e os ídolos da morte.<sup>151</sup> Se o Reino de Deus é para os pobres, então por sua própria essência, tem que ser, no mínimo, um Reino de vida e de paz, de resolução de conflitos por meios não-violentos!

As Bem-aventuranças (cf. Mt 5, 1-12 e Lc 6, 20-23) devem ser vistas como critério abrangente das questões essenciais do cristianismo. Mateus registra 8 Bem-aventuranças e Lucas 4, mas em ambos os casos, elas têm uma função programática em relação ao Reino de Deus. Como podem ser situadas as Bem-aventuranças sob o ponto de vista da paz?

A pergunta é instigante do ponto de vista da política internacional porque houve uma corrida armamentista depois da Segunda Guerra Mundial, atingindo seu ápice entre 1980 e 1986. Como isso impacta a necessidade de políticas públicas, especialmente quando Jesus diz: “Felizes os promotores da paz” ou “Bem-aventurados os que constroem a paz” (Mt 5, 9), porque serão chamados filhos de Deus?

Quem postula matar os pobres está se excluindo da graça do Reino de Deus ou Reino do Céu! Os migrantes, por exemplo, que estão chegando à Europa e Estados Unidos são tratados muitas vezes com truculência! Não raras vezes encontram fronteiras fechadas e pouco acolhedoras. O contraste de fartura e carência, provocada pela concentração dos bens na mão de poucos, choca o mundo e exige escolhas entre a vida e a morte! Quanta tristeza quando se vive a ausência deste bem imprescindível que é a

<sup>148</sup> SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador*, p. 125-6.

<sup>149</sup> O termo mais usado para descrever os pobres, no grego do NT é *ptochos*, do verbo *ptosso*: agachar-se, encolher-se. Das 25 vezes que aparece 22 vezes se refere aos despossuídos economicamente. SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador*, p.127. Gutiérrez dizia que pobres “são os que morrem antes do tempo”!

<sup>150</sup> SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador*, p.127.

<sup>151</sup> SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador*, p. 130.

*paz*: a paz interior, a paz nas famílias, a paz nas instituições, a paz na sociedade! Se *a Paz é o nome de Deus*, conforme afirmação de Papa Francisco, “quem invoca o nome de Deus para justificar o terrorismo, a violência e a guerra, não caminha pela estrada d’Ele”!<sup>152</sup> A promoção da paz é uma responsabilidade universal, não pode ser feita de forma isolada.

Na busca por viver o diálogo intercultural, exercitando o respeito e a tolerância, as palavras de Jesus, na sétima Bem-aventurança: “Felizes os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus” (Mt 5, 9), ajudam a pensar a paz juntamente com a filiação divina. Por que a promoção da paz é condição para ser chamado filho de Deus? O que Jesus quis dizer com promover a paz? O que significa ser filho de Deus? A paz de Jesus não pode se restringir a um simples sentimento de tranquilidade, a uma paz interior, mas ela também diz respeito à construção de relações de justiça e de vida com os irmãos e irmãs e de cuidado com o mundo. Papa Francisco, explica:

Aqueles que todos os dias, com paciência, procuram semear a paz, são construtores de paz e de reconciliação, são bem-aventurados, porque são verdadeiros filhos do nosso Pai que está no Céu, o qual semeia sempre e unicamente a paz, a tal ponto que chegou a enviar ao mundo o seu Filho como semente de paz para a humanidade.<sup>153</sup>

Pode-se concluir, então, que a promoção da paz implica em certa resiliência, estreitamente ligada à misericórdia, onde as Bem-aventuranças denotam a predileção de Deus em favor dos pobres de quem é o Reino! A vida justa dos pobres, aberta sempre a um “mais”, implica, no Terceiro Mundo, uma revalorização da criação de Deus.<sup>154</sup> A vida justa não é o pressuposto, mas o que se precisa “pôr”, na visão sobriniana, como sinal do Reino e denúncia do anti-reino!<sup>155</sup> Propiciar a vida e a paz é o que continua causando conflito, perseguição e morte. Tudo isso faz com que hoje se possa formular com sentido que o Reino de Deus é a vida justa dos pobres, porque o grande objetivo de

---

<sup>152</sup> Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/september/documents/papa-francesco\\_20160920\\_assisi-preghiera-pace.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/september/documents/papa-francesco_20160920_assisi-preghiera-pace.html). Visita do Papa Francisco a Assis para a Jornada de Oração pela Paz "Sede de Paz. Religiões e Culturas em Diálogo". Acesso: agosto de 2017.

<sup>153</sup> Disponível: [http://www.anchietanum.com.br/upload/files/subsidio\\_jovens\\_peregrinos\\_txto\\_07.pdf](http://www.anchietanum.com.br/upload/files/subsidio_jovens_peregrinos_txto_07.pdf) Homília do Papa Francisco, Missa da Solenidade de Todos os Santos, 1º de Novembro de 2015. Acesso: 25 de agosto de 2017.

<sup>154</sup> SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador*, p.196.

<sup>155</sup> SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador*, p.197.

Deus, em Jesus, o príncipe da Paz, é a reconciliação da humanidade. “Este é o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros assim como eu vos amei” (Jo 15, 12).

A prática de Jesus em favor da paz envolve a diaconia da comensalidade de mesa! Como relacionar a comensalidade de Jesus e a paz? Nesse ponto segue a reflexão.

### 2.1.3 A comensalidade: o pão da paz

Além do anúncio e da prática do Reino, Jesus o celebra, sobretudo, em forma de refeições. A comensalidade é sinal da vinda do Reino e da realização de seus ideais: libertação, paz, comunhão universal, gerando a alegria do Reino: “Feliz aquele que tomar refeição no Reino de Deus!” (Lc 14, 15).

No dizer de Jon Sobrino, para Jesus a Lei de Israel é a expressão da vontade primigênia de Deus. Quando Jesus exemplifica o cumprimento dos mandamentos, apresenta sempre o ser humano em necessidade primária de vida que necessita ser ajudado: os pais em necessidade (cf. Mc 7, 10; Mt 15, 4: a guarda do quarto mandamento), o ferido no caminho (cf. Lc 10, 30: o amor ao próximo). Jesus torna central o símbolo primário da vida: a comida e o pão. Jesus come com os publicanos (cf. Mc 2, 15-17). Faz pouco caso das abluções rituais antes da comida (cf. Mc 7, 2-5; Mt 15, 2). Multiplica os pães para sublinhar que se deve dar comida ao faminto, e o relato diz que comeram e foram saciados (cf. Mc 6, 30-44; Mc 8, 1-10; Mt 15, 32-39). No juízo escatológico (cf. Mt 25, 35-40), sublinha que quem dá de comer ao faminto encontra Deus. Jesus ensina a pedir pão (cf. Mt 6, 11; Lc 11, 3).<sup>156</sup> Sobrino refere que o Pão da Vida e o pão terreno não estão em oposição e que o Reino de Deus deve incluir como mínimo o que é máximo para os pobres.<sup>157</sup>

Érico J. Hammes enfatiza que à medida que esses textos expressam uma preocupação por devolver à criação a integridade original do plano de Deus, mostram também um aspecto fundamental da soberania de Deus em relação à vida, que este mínimo, como lembra Mons. Romero, é o máximo dom de Deus.<sup>158</sup>

<sup>156</sup> SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador*, p. 132-3.

<sup>157</sup> SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador*, p.133.

<sup>158</sup> HAMMES, Érico J. *Filii in Filio*, p. 234.

No episódio da Ceia, Jesus aprofunda o sentido da comensalidade. As palavras que Cristo pronunciou: “Tomai todos e comei...”, “Tomai todos e bebei...”, nos três Evangelhos sinóticos (cf. Mc 14, 22-24; Mt 26, 26-28; Lc 22, 19-20) e no apóstolo São Paulo relatam-se a instituição da Eucaristia. São João não a relata, mas apresenta Cristo como o Pão Vivo, que desceu do céu (cf. Jo 6). Comer junto exige estar em paz, é comprometer-se com a partilha e comungar do projeto de Jesus. É estabelecer relações fraternas e promover a vida.

No texto Lc 24, 13-35, conhecido como: “Os discípulos de Emaús” se constata que aquelas duas pessoas, de semblantes tristes, que encontraram Jesus enquanto caminhavam, já haviam recebido o anúncio sobre Ele e já O conheciam; que de certa forma, já participavam do Seu grupo e estavam buscando encontrar o caminho, quando viram suas esperanças desmoronadas. Todavia, Aquele que caminhava ao lado deles, não só os lembrou dos ensinamentos das Escrituras, a ponto de abrasar-lhes o coração, mas também com eles partilhou o pão, o Seu próprio corpo. O pedido “fica conosco, Senhor” se constituiu no momento culminante da formação daqueles discípulos, no qual eles perceberam que a experiência da acolhida, a comunhão e a partilha do pão, mudou suas vidas e que aquilo não poderia ficar somente para eles. Era preciso testemunhar o Ressuscitado com a própria vida. Naquele momento, eles tomaram consciência do que significava serem “discípulos missionários”, fizeram a experiência da verdadeira “Páscoa”, passaram do fechamento à abertura, do desânimo ao entusiasmo, da discussão ao reconhecimento, da tristeza à alegria. Aos poucos, eles compreenderam que a razão de suas vidas estava em seguir o Cristo junto à comunidade. Hoje, todos podem encontrar e reconhecer o Ressuscitado, na escuta da Palavra, na celebração comunitária e no “partir o pão” e assim, tornarem-se discípulos missionários, comunicando o dom da vida a todos.

Sobrino, ao falar da transcendência histórica do reinado de Deus, afirma que o Reino começa com o pão, símbolo da vida e da superação da morte. Esse pão é sempre mais do que pão; em sua dimensão praxica sugere e exige a dimensão ética de ser compartilhado.<sup>159</sup> O pão conseguido e partilhado leva à pergunta pelo pão para todo um povo, surgindo assim, a dimensão social e política do pão e a pergunta pela libertação integral.<sup>160</sup> Saciar-se do pão da mesa é nutrir-se do evento salvífico, Jesus Cristo, que irrompe como sinal de contradição entre a realidade de violência e o mistério redentor

---

<sup>159</sup> SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador*, p.197.

<sup>160</sup> SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador*, p. 198.

do reinado de Deus. Trabalhar para o bem comum - *Gemeinschaftlichkeit* - é possibilidade de aplacar o flagelo da opressão e aproximar-se do Deus vivo e que dá vida. “Para Jesus, pois, a primeira mediação da realidade de Deus é a vida. Deus é o Deus da vida e manifesta-se através da vida. Por isso é preciso pedir o pão e podem-se arrancar espigas de um campo alheio para comer”.<sup>161</sup>

Esse processo de comensalidade fará aparecer a necessidade de misericórdia para que as entranhas se remexam diante dos sem-pão, coragem para lutar pelo pão, fortaleza para manter-se nos conflitos e perseguições. O pão mobiliza, então, todas as forças do espírito humano, perguntando se o ser humano é capaz de amar, de agradecer, de celebrar.<sup>162</sup> Sobrino crê que a transcendência histórica analisada a partir do pão está presente na TdL, para desdobrar a partir daí a plenitude da vida. Contudo, o reinado de Deus possui sua própria transcendência histórica, porque o pão é sempre mais do que pão e a forma de fazê-lo implica em experiência pessoal, teologal.<sup>163</sup>

No tocante ao *mistério* de Deus que é Pai-Amor-Paz-Partilha, Sobrino refere que a vida justa dos pobres introduz num Deus distinto do pensado, tratando-se de *deixar Deus ser Deus!*<sup>164</sup> O Deus de um reino dos pobres se tornaria um Deus menor, mas que seria definitivamente um Deus maior, utopia para construir o reino de vida justa para os pobres e princípio utópico, onde esse Deus continuaria dando início a realidades boas para os pobres, na história e contra a história: esperança, luta pela justiça, paz, comunidade...<sup>165</sup> Na medida em que isso for realidade vai se reconhecendo que o mistério de Deus, revelado na comensalidade-plenitude, implica na compreensão de que o Reino de Deus é *de Deus* e condição para estar em paz.

A mesa é sempre lugar de certa ambiguidade entre o conflito e a comensalidade. Espaço de comunhão ou hipocrisia. Jesus come com os pecadores e cobradores de impostos (cf. Lc 19, 1-9). Para Jesus a mesa é lugar de afinidade, de servicilidade, de convivialidade. No relato do rico e do pobre Lázaro (cf. Lc 16, 19-31) fica evidente que as mesas eram excludentes e exclusivas.

Diferente de João Batista, de vida ascética, Jesus é comensal. Sai do deserto (cf. Mt 4, 1-11; Mc 1, 12-13; Lc 4, 1-13), lugar de encontro com o divino e a grande tradição, lugar da maturidade, da preparação, do enfrentamento e da desintoxicação e

---

<sup>161</sup> SOBRINO, Jon. *Jesus na América Latina*, p. 155.

<sup>162</sup> SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador*, p. 198.

<sup>163</sup> SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador*, p. 199.

<sup>164</sup> SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador*, p. 200.

<sup>165</sup> SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador*, p. 201.



entra na comensalidade. Jesus toma o pão com sentido na medida em que a palavra aparece junto com o pão. Jesus mostra que o pão não tem só o sentido individual, mas social. A comensalidade com sentido é uma comensalidade social. Jesus é o Pão da Vida (cf. Jo 6, 48)! Faz-se alimento por nós. A entrega de sua vida é feita em forma de Ceia, antecipando a cruz para a mesa. Assim, o princípio explicativo não é a cruz, mas a Ceia, como autodoação. Na narrativa da paixão de João, Jesus é o Cordeiro imolado que se torna alimento para o mundo na entrega de si na Ceia.

Os Evangelhos apresentam muitas situações em que Jesus pratica a comensalidade, oportunidades que favorecem relações fraternas e pacíficas: Bodas de Caná (cf. Jo 2, 1-11), Simão, o fariseu (cf. Lc 7, 36-48), Marta e Maria (cf. Jo 12, 1-8; Lc 10, 39-42), Mateus, o Levi (cf. Mt 9, 10-13; Mc 2, 13-17; Lc 5, 27-32), Última Ceia (cf. Mc 14, 12-26; Mt 26, 17-19; Lc 22, 7-13), discípulos de Emaús (cf. Lc 24, 13-35), discípulos no Cenáculo (cf. Lc 24, 41-43). Em outros textos a temática não está explícita, mas se pressupõe um contexto comensal, a saber: Zaqueu (cf. Lc 19, 1-10), multiplicação dos pães (cf. Mc 6, 30-44; Mt 14, 13-21; Lc 9, 11-17; Jo 6, 5-13), cura da Sogra de Pedro (cf. Mc 1, 29-31) e o discurso do Pão da Vida (cf. Jo 6). Em todas essas ocasiões transparece a preocupação de Jesus com a vida das pessoas que buscam, ontem e hoje, o alimento para o corpo e a alma, ou seja, saúde e paz!

Jesus vai à mesa com outras pessoas. Aceita estar em comunidade de mesa e não faz discriminação, mas até oferece o convite à comensalidade. Assim, a multiplicação dos pães e a Ceia final servem como interpretação da sua existência como um todo, até a cruz. A cruz é o sacrifício da culminância máxima da comensalidade. A morte de Jesus deve ser interpretada à luz da Ceia e não o contrário, pois a Ceia implica total comunhão de ser!

A consequência prática da comensalidade em Jesus, como um caminho para a paz, é a necessidade da partilha diante de milhões que não tem pão.<sup>166</sup> Sem pão não é

---

<sup>166</sup> Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/onu-numero-de-pessoas-que-passam-fome-no-mundo-sobe-35-21143294>. Acesso em 29 de agosto de 2017. O número de pessoas que passam fome no mundo subiu 35% segundo relatório elaborado pela ONU e pela União Europeia (UE) em 2016. Mais de 108 milhões sofrem insegurança alimentar grave e as guerras pioram a situação. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) a subnutrição ainda é causa indireta de cerca de 30% das mortes de crianças no mundo. A fome ainda presente no século XXI não é por falta de alimentos. A produção mundial de comida é suficiente para abastecer os atuais 7,3 bilhões de habitantes da Terra. Descuida-se na distribuição de alimentos: 20% da população detém 80% e 80% da população detém 20% dos alimentos. Disponível em: <http://www.fao.org/brasil/fao-no-brasil/brasil-em-resumo/pt/>. Acesso em 29 de agosto de 2017.

possível viver em paz, porque a fome dói. A fome é um problema ético, político, econômico... A paz só pode mesmo ser justificada no horizonte da justiça e da ética.

#### 2.1.4 O relacionamento de Jesus com as pessoas

O seguimento na paz, objeto dessa pesquisa, é uma aspiração de todos no contexto atual. Não há quem não se sinta ferido com a violência que, de múltiplas formas, extermina a vida. Clama-se por iniciativas pessoais e públicas que possam atender à necessidade vital de mais paz nas relações. Importante é, então, produzir um olhar de paz desde a pessoa Jesus Cristo e da sua vida. Somos comunicação por essência. Comunicação é relação. O relacionamento de Jesus com as pessoas aponta para a necessidade da abertura dialógica ao diferente.

A partir da Carta aos Hebreus, Sobrino analisa o sacerdócio de Cristo na perspectiva dos Sinóticos, dizendo que a entrega de Jesus é consequência e culminância de sua fidelidade a Deus e de sua misericórdia para com os seres humanos.<sup>167</sup> Fidelidade, misericórdia e entrega, seriam características de uma relacionalidade de Jesus não só como verdadeiramente humano, mas como verdadeiro homem e também verdadeiro irmão!<sup>168</sup> O *irmão mais velho* que age por *misericórdia*, elemento essencial do humano de Jesus que é aqui entendido, como solidariedade com os excluídos do banquete.

A gratuidade do reinado de Deus revelado por Jesus se evidencia em seus destinatários: os pobres, as crianças e os pequenos, as mulheres, os doentes, os leprosos, os estrangeiros, (*Fremde*), os estranhos (*unheimlich*), os pastores, as prostitutas, os samaritanos, os órfãos, as viúvas, os publicanos, os pecadores..., enfim, as pessoas preferidas com quem Jesus se relaciona.

O pobre é convidado a participar do Reino (cf. Lc 6, 20; 4, 18; Mt 11, 4-5) não porque seja melhor, mas é a situação miserável e injusta em que a pessoa do pobre se encontra que faz com que o Deus do Reino intervenha em seu favor.

A partir da visão sobriniana pode-se compreender como o Autor aplica a *parcialidade* de Jesus. *Parcialidade* significa que Jesus se situa no mundo da pobreza e

<sup>167</sup> SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p. 214.

<sup>168</sup> SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p. 216.

dos pobres, defende sua causa e assume seu destino. Jesus é verdadeiro homem sendo pobre; faz-se homem universal a partir do pequeno.<sup>169</sup>

Jesus não se importa em contrariar aquilo que impede a fraternidade (cf. Mt 19, 13-15) quando se Lhe são apresentadas as criancinhas para Lhes impor as mãos! Ultrapassa a questão do puro-impuro, identificando-se com os pequenos e dizendo que o Reino é das crianças! Acolhe, toca e cura os doentes. Irradia uma imagem do Pai amoroso e misericordioso.

Jesus valoriza as pessoas! Tem um coração compassivo e generoso, ouvia e acolhia a todos que o buscavam. Deixava de comer e dormir (cf. Mc 3, 20; 4, 38; 6, 31) para atender as pessoas em suas necessidades. Desejava alcançar a todos, inclusive o ladrão arrependido (cf. Lc 23, 43).

Jesus tem outra visão sobre a mulher do seu tempo. Ele altera o relacionamento homem - mulher. Numa sociedade em se que dava privilégios ao homem na questão do divórcio, Jesus procura estabelecer uma relação igualitária e de fidelidade ao projeto original de Deus (cf. Mt 19, 7-12). Inclusive, nos evangelhos encontram-se muitas mulheres que seguiam a Jesus desde a Galileia, e tornam-se suas discípulas (cf. Mc 15, 41; Lc 8, 1-13; Lc 8, 43-49).

Jesus inaugura uma experiência do Reino que recupera as pessoas, restituindo-lhes sua integridade e sua dignidade. Jesus se posicionou contrário à opressão e a marginalização da mulher bem como dos outros excluídos (cegos, mudos, leprosos, pecadoras públicas, coxos, paralíticos).

Como já foi referido na primeira seção, a partir dos estudos de Dunn, Crossan e Malina sobre a realidade da vida simples e explorada das aldeias da Galileia no tempo de Jesus, pode-se dizer que todo o tecido social no tempo de Jesus consistia de política e de parentesco.<sup>170</sup> Na percepção da pessoa, na sociedade camponesa do Mediterrâneo, o valor pessoal não seria o econômico, mas uma questão de linhagem. Malina, diz: “Na América Latina e na maior parte dos países mediterrâneos, religião, política e economia são subservientes ao parentesco e a instituição do parentesco determina as normas da religião, da política e da economia”.<sup>171</sup> Isso significa que uma reflexão adequada sobre os cenários do NT requer atenção aos sistemas sociais daquele tempo e lugar, onde as únicas instituições sociais autônomas eram a política e o parentesco. E Malina conclui

<sup>169</sup> SOBRINO, Jon. *Jesus na América Latina*, p. 56.

<sup>170</sup> MALINA Bruce J. *O evangelho social de Jesus*, p. 98.

<sup>171</sup> MALINA Bruce J. *O evangelho social de Jesus*, p. 106.

dizendo que a injunção de Jesus para seus seguidores israelitas de dar seus bens aos pobres não era um auto-empobrecimento, mas sim uma redistribuição da riqueza.<sup>172</sup>

Fraternidade implica em partilha.

Como compreender, nesse contexto, a exigente condição de Jesus: “Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome sua cruz siga-me” (Mt, 16, 24)? Qual será o perfil dos que atendem ao chamado de Jesus ao seguimento? Que atitudes de não violência o Espírito estaria inspirando hoje na AL? Essas perguntas nortearão a seguinte discussão.

## **2.2. O chamado de Jesus ao seguimento para a missão de paz**

Quando se fala em seguimento e em construção de relações de paz, fundadas na concepção cristã, há que partir-se da força do argumento e não do argumento da força. Isso implica em fundamentos éticos e cristológicos. Na América Latina, tanto Cristo como o Continente, estão hoje crucificados. O chamado de Jesus exige dos discípulos uma firme e convincente resposta à indagação: “Quem dizeis vós que eu sou” (cf. Mc 8, 29)? Ninguém ama o que não conhece! É preciso encontrar-se com Jesus e deixar-se surpreender por Deus! Há sempre o perigo de reduzir a revelação do Senhor às próprias fantasias. Por isso, Jesus tem a preocupação com a formação (global, progressiva e permanente) para o discipulado. Pretende-se analisar, agora, esse processo pedagógico.

### **2.2.1 O grupo dos discípulos de Jesus**

Jesus, enviado do Pai, não quis realizar sozinho sua missão, mas quis precisar de muitos. Chamou, formou e enviou um grupo! Buscou pessoas para acompanhá-lo ou para trabalhar com Ele; foi em busca de simples pescadores, pois o que importa para

---

<sup>172</sup> MALINA Bruce J. *O evangelho social de Jesus*, p. 114.

Jesus não é o preparo científico dos seus seguidores, mas que eles tenham fé e amor no coração (cf. Mt 4, 18- 22). O chamado dos quatro primeiros discípulos acontece “junto ao mar da Galileia” lugar no qual vive o povo da Galileia e ali trabalha. Percebe-se que o chamado não é feito num ambiente religioso particular, mas aí onde as pessoas vivem sua vida cotidiana.

Jesus muito cedo convida discípulos para o seguimento, para compartilhar sua nova forma de vida, para colaborar no projeto do Reino de Deus. Recomenda simplicidade no vestir, no alimentar-se e na relação com as pessoas. Ele os envia em missão de forma comunitária, dois a dois (cf. Mc 6, 7-13), com as recomendações de anunciar a proximidade de Deus e curar as pessoas daquilo que as oprime. Seu grande objetivo é a fraternidade universal, onde todos são convidados a se tornarem irmãos e irmãs.

Jesus procura e encontra o povo em sua situação concreta. Jesus chama também as mulheres: no caso do seu discipulado, há um chamado por parte d’Ele, isto é, o Mestre toma a iniciativa, costume diferente de outros filósofos e rabinos. Jesus rompe as discriminações e chama os “impuros” como, o publicano Levi, zelotes como Simão e várias mulheres como Maria Madalena, Maria mãe de Tiago e Salomé. Na pessoa de Maria de Nazaré, Deus fez a plenitude de suas maravilhas. Maria, a mãe de Jesus, recebeu uma missão muito especial: cuidar do salvador do mundo durante sua infância, junto com José. Nas bodas em Caná da Galileia, Maria, a mãe de Jesus, estava lá para servir (cf. Jo 2, 3-5).

Jesus convida, portanto, os discípulos para segui-Lo, ali onde se encontram, numa situação comum, honesta e honrada como aquela dos primeiros discípulos (dos pescadores) ou então, numa situação desonrada e moralmente difícil como aquela de Mateus, o cobrador de impostos (cf. Mt 9,9). “Seguir” significa ir atrás de alguém, pisando nas suas pegadas, percorrer o caminho de Jesus que pede, sobretudo, uma imensa confiança n’Ele.

O seguimento a Jesus por parte dos discípulos exige urgência e *des-acomodação* diante da situação existente e opção livre por uma nova forma de ver as coisas, participando de uma prática transformadora. Os discípulos “imediatamente deixaram as redes e foram com Ele” (cf. Mt 4, 20-22). O atrativo da chamada de Jesus é irresistível, faz os discípulos capazes de renunciar à sua família e ao seu trabalho para segui-lo.

À exigência do seguimento de Jesus “renuncie a si mesmo, tome a sua cruz, e me siga” (cf. Mt, 16, 24), Malina refere que em termos de padrões de socialização, as

sociedades mediterrâneas do primeiro século eram, predominantemente, coletivistas e alocêntricas, ou seja, centradas no outro.<sup>173</sup> “Dado o valor central da integridade familiar em estruturas coletivistas, não é surpresa que a autonegação e a negação da família estejam quase paralelas”.<sup>174</sup> Assim, se a pessoa permanecesse na sociedade fora de algum grupo interno primário, essa pessoa permaneceria à beira da morte. Inclusive a morte de Judas teria se dado a partir do rompimento com o grupo de Jesus porque traía o fundador (cf. Mt 7, 3-5).

Antônio Pagola sublinha que o seguimento é mudança de comportamento. O que se vive naquelas aldeias não pode ser do agrado de Deus: brigas entre famílias, insultos e agressões, abusos dos mais fortes, esquecimento dos mais indefesos (...), é preciso acabar com os ódios entre vizinhos e adotar uma postura mais amistosa com os adversários e com aqueles que ferem a honra (...). É preciso dar com generosidade aos necessitados que vivem mendigando ajuda pelas aldeias. Se os camponeses dessas aldeias vivessem fraternalmente, não faltaria pão nem vestes.<sup>175</sup> Fonte de conflitos e disputas dolorosas era o fantasma das dívidas que poderia levar a perder a terra.

Sobreviver em sociedade de cultura coletivista implica em viver as atitudes e os atributos do Mestre para atingir as metas: o Evangelho e o Reino de Deus. Segundo Malina, essas atitudes incluem um *senso de honra*, respeito para com o fundador (“por amor a mim”), comportamento centrado no outro (serviço como critério), satisfação com seu *status* no grupo, respeito para com membros mais velhos do grupo (como crianças num grupo de parentesco), e a preservação da imagem pública do grupo (réplicas de honra-vergonha).<sup>176</sup> Parecia que alguns seguidores de Jesus eram motivados pelo fato de que Jesus tinha acesso à *patronagem* de Deus: “autoridade sobre espíritos impuros” (cf. Mc 6, 7), enquanto outros acreditavam que sua autonegação deveria ser recompensada (cf. Mc 10, 28-31; Mt 19, 27-28). “Nos grupos Messiânicos de Jesus pós-ressurreição, era o apego a um grupo de pseudoparentesco centralizado em Deus e o apego aos ensinamentos reapropriados de Jesus que devia caracterizar o verdadeiro Israel”.<sup>177</sup> O grupo de Jesus é desafiado a deixar família e bens por uma causa maior (cf. Mt 10, 37; Lc 14, 26-27).

---

<sup>173</sup> MALINA Bruce J. *O evangelho social de Jesus*, p.131.

<sup>174</sup> MALINA Bruce J. *O evangelho social de Jesus*, p. 134.

<sup>175</sup> PAGOLA, José Antônio. *Jesus*, Aproximação Histórica, p. 136.

<sup>176</sup> MALINA Bruce J. *O evangelho social de Jesus*, p. 137.

<sup>177</sup> MALINA Bruce J. *O evangelho social de Jesus*, p. 142.

Jesus ensina um novo modo de ser e agir; simpatiza com as famílias de pescadores que oferecem seus barcos para deslocar-se pelo lago e para falar às pessoas sentadas na margem. Seus melhores amigos são: Simão e André, Tiago e João e Maria Madalena. Escolhe livremente aqueles que deseja: “Não fostes vós que me escolhestes, mas eu vos escolhi” (Jo 15, 16).

Ao chegar a um povoado, Jesus procura encontrar-se com os vizinhos. Percorre as ruas como em outros tempos, quando trabalhava como artesão. Aproxima-se das casas desejando a paz às mães e às crianças que se encontram nos pátios e sai ao descampado para falar com os camponeses que trabalham a terra.<sup>178</sup> Ensina aos discípulos a observar a vida das pessoas, a natureza, os fatos, pois a partir daí fala em parábolas, realiza curas e anuncia o reinado de Deus.

Ler e ouvir os ensinamentos de Jesus e os relatos de sua missão significa participar do seu círculo de discípulos e dar continuidade à igreja que se estende desde os dias da própria missão de Jesus até o presente.<sup>179</sup> Mas o que isso nos diz a respeito do próprio Jesus? O que se pode dizer do impacto que Jesus causou no grupo dos discípulos e dos seus seguidores? É possível falar da tradição de Jesus como possibilidade de encontrar traços característicos de sua práxis em vista da paz? Vamos analisar a relação de Jesus com o Pai a partir do próximo ponto.

### 2.2.2 A fonte e a pátria da paz

Sobrino aborda o conceito de *pessoa* tal como foi se desenvolvendo nas discussões trinitárias: “Ser pessoa é entrar em relação com um outro, o que se consuma na *entrega*, de modo que Jesus se constitui em pessoa precisamente na entrega a esse outro que é Deus”.<sup>180</sup> Enfatiza a relação pessoal primigênia de entrega de Jesus: *confiança* em um Deus que Ele chama Pai, e *disponibilidade* a um Pai que continua

---

<sup>178</sup> PAGOLA, José Antônio. *Jesus, Aproximação Histórica*, p. 112.

<sup>179</sup> DUNN, James D.G. *Jesus em nova perspectiva*, p. 68.

<sup>180</sup> SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p. 457 (grifo do autor).

sendo Deus.<sup>181</sup> O Autor fala ainda da necessidade de repensar a filiação a partir da relação histórica de Jesus com um Deus Pai.

O Pai não só gera divindade, por assim dizer, mas gera um Filho que é também servo, e nele se compraz. O Pai fica relacionado não só com o humano, mas com o humano à maneira de servo. E digamos que essa consideração sobre a divindade não deixa de ser importante em situações de povos crucificados.<sup>182</sup>

Seguindo a linha zubiriniana do conceito de pessoa, Sobrino entende que a práxis de Jesus é parte constitutiva de sua pessoa. Jesus veio realizar a vontade do Pai: o Reino de Deus (contra o anti-reino). A relação de Cristo com o Reino de Deus conforme a fórmula calcedônica seguida por Sobrino, - embora admita que a linguagem (metafórica) não seja a mais adequada para a relação de Deus Pai e o Filho, - poderia ser entre o *ungidor* (Deus) e o *ungido* (Cristo) unidos em uma mesma vontade de construção do Reino.<sup>183</sup> A partir da práxis de Jesus que diz não basta "dizer Senhor, Senhor", mas que é preciso *fazer* a vontade do Pai, o Autor conclui importante implicação hermenêutica: "Essa práxis de Jesus, positiva em favor do Reino, e antidolátrica, contra o anti-reino, é o que o constitui como pessoa, além da natureza".<sup>184</sup>

Os Evangelhos narram que em tudo que Jesus disse e fez, transparece a experiência de amor que Ele mesmo teve de Deus, como "Abbá", Pai querido, reconhecendo a paternidade divina. Jesus cultivava o silêncio e a oração em momentos de intimidade com o Pai para assim fortalecer-se no foco de sua missão. Ao verem seu modo de se relacionar com o Pai, os discípulos lhe pediram: "Senhor, ensina-nos a rezar" e Ele lhes ensinou a oração do Pai Nosso (cf. Lc, 11, 1-4).

Eis a exigência fundamental para os discípulos missionários: cultivar na oração e na contemplação a inspiração para a ação, a prática do direito e da justiça, do perdão e da paz, da compaixão e do cuidado. Desse modo, o discípulo missionário deve ser um

---

<sup>181</sup> SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p. 458.

<sup>182</sup> SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p. 458.

<sup>183</sup> SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p. 460.

<sup>184</sup> SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p. 461.



místico no coração do mundo, que acolhe os sinais de Deus na vida cotidiana, para saber discernir e transformar o mundo à luz da Boa Nova de Cristo.

Lucas mostra que Jesus é o rosto revelador da misericórdia do Pai. Para isso usa uma série de parábolas (ovelha perdida, filho pródigo, mulher à procura da moeda, Lázaro). O texto da parábola do Bom Samaritano (cf. Lc 10, 25-37), vem na sequência do envio missionário dos discípulos. Está, portanto, no contexto do discipulado: “Vinde a mim todos os que estais cansados sob o peso do vosso fardo e vos darei descanso” (Mt 11, 28).

Jesus é o ungido do Pai para libertar o ser humano pela sua ação, no Espírito, de proclamar o Evangelho aos pobres. Por Jesus conhecemos o Pai, o Filho e o Espírito Santo, presente na história da salvação. Enviado do Pai para fazer sua vontade, Jesus proclama: “A vontade daquele que me enviou é esta: que eu não perca nada do que ele me deu, mas o ressuscite no último dia” (Jo 6, 39).

O estudo sobre Deus Pai coloca-nos no próprio coração da noção cristã do Deus uno e trino. Deus Pai é a fonte, o princípio, a raiz e a causa de toda divindade. A doutrina das processões divinas não significa motivo para subordinacionismo, nem é, por conseguinte, um obstáculo para a plena comunhão entre as Pessoas. Esta plena comunhão não pode encontrar melhor fundamento que a doação total do Pai que encontra para si, no Filho e no Espírito Santo, a plena resposta de amor. Como se realiza a comunhão trinitária em vista da paz?

### 2.2.3 A força do Espírito Santo e o Evangelho da paz

O Pai é revelado pelo Filho, mas é o Espírito Santo que revela o Pai e o Filho. O Catecismo da Igreja Católica parece querer ressaltar a ação do Espírito na história e na vida da cada um, porque somente no Espírito pode-se confessar a fé no Pai e no Filho e assim, a fé na Trindade. Alexandre A. Martins assim sintetiza:

O catecismo busca fundamentar sua argumentação no NT, mas seu ponto de partida é a fé dada pela Tradição, tanto que cita como fonte de verdade o

Concílio de Niceia (325), responsável pelo dogma da consubstancialidade do Pai e do Filho, e o de Constantinopla (381), que confessa a fé no Espírito Santo que procede do Pai e é Deus Uno ao Pai e ao Filho.<sup>185</sup>

Bruno Forte ressalta que o desafio é crer que Jesus é o Senhor, o Filho, o Messias. O mesmo que viveu humaníssimas relações de amor, de dor, de oferenda, de rejeição, é aquele que vive a relação única e exclusiva de vida e de amor com o Pai no Espírito.<sup>186</sup>

A comunhão entre as pessoas divinas ultrapassa nossas categorias porque as relações entre os Divinos Três se fundam na total doação de comunhão de amor e de vida. “Aquele que não ama não conheceu a Deus, porque Deus é Amor” (1Jo 4, 8)! Se Deus é Amor, tem que ser relação, alteridade, ou ainda, Pessoa! Pessoa é vida no amor. O amor é a realidade mais fundamental no mistério da Santíssima Trindade.

Érico Hammes refere que a comunidade primitiva, em meio à experiência da ressurreição, precisa reelaborar a ausência de Jesus com uma presença nova, o Espírito Santo. A descoberta dessa presença em forma de assistência e de apoio, garante à comunidade resistir às forças assassinas e destruidoras.<sup>187</sup> Argumenta que as narrativas sobre o Espírito Santo, especialmente no evangelho de Lucas e dos Atos dos Apóstolos querem ensinar justamente essa força do Espírito. Quanto ao evangelho de João, uma das insistências é sobre a verdade, e a outra é sobre a paz (cf. Jo 20, 19-29). O tema da paz aparece em forma de perdão, porém à diferença do mundo (cf. Jo 14, 17). Depende da capacidade de perdoar, de ser tolerante com outras pessoas e ter a capacidade de pensar além dos próprios interesses.<sup>188</sup> Pode-se concluir que o Pentecostes da compreensão, de atenção aos pobres, doentes e necessitados em geral precisa garantir, - no contexto da realidade Latino-americana aqui analisada, das *vítimas crucificadas e excluídas*, em linguagem sobriniana, - a verdade da fidelidade divina e a permanência do amor de Deus para além da morte e do desespero. Poder-se-ia então falar de uma cristologia da paz a partir do seguimento de Jesus de Nazaré no Espírito Santo.

<sup>185</sup> MARTINS, Alexandre A. *Introdução à cristologia latino-americana*, p. 85.

<sup>186</sup> FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré*, p. 196.

<sup>187</sup> HAMMES, Érico J. Disponível em: <http://www.mitrascscs.com.br/jornalintegracao>, junho de 2017, p. 19. Acesso em 5 de setembro de 2017.

<sup>188</sup> HAMMES, Érico J. Disponível em: <http://www.mitrascscs.com.br/jornalintegracao>, junho de 2017, p. 19. Acesso em 5 de setembro de 2017.

A implicação prática vai significar que a paz está condicionada à dimensão do perdão. A salvação não está reservada apenas para a ressurreição depois da morte, mas inicia com uma libertação da humanidade na história. O anúncio do Evangelho aos pobres, com a libertação dos oprimidos e o *ano favorável do Senhor* (cf. Lc 4, 18-21), são sinais das maravilhas do Reino de Deus, já presente em Jesus, e antecipação - ainda limitada, mutável e contingente - da salvação eterna na ressurreição.

Pela força do Espírito o Evangelho de Jesus é anunciado. Para Jon Sobrino, é preciso colocar a salvação em relação com os pobres, pois *extra pauperes nulla salus* - fora dos pobres não há salvação -, afirmação forte e desafiadora, que vê nos pobres um lugar e um potencial de salvação, mesmo que em termos de ultimidade é Cristo que salva. O Autor insiste que *do mundo dos pobres e das vítimas pode vir cura para uma civilização gravemente enferma*.<sup>189</sup>

A partir de um significado hermenêutico cabe perguntar: o que se pode celebrar já na história, o que se pode saber, o que é lícito esperar e o que se deve fazer, já que *ultimidade* para Sobrino é o seguimento de Jesus. Tentaremos dar uma satisfação sobre isso no próximo seguimento.

### **2.3 Cruz e ressurreição como superação da violência e pacificação**

Nos relatos do NT fica evidente, na opinião de James Dunn, que a ressurreição de Jesus gera realidade e algum tipo de plenitude histórica nos discípulos. Primeiro, porque causa um impacto sobre aqueles que se tornaram seus primeiros discípulos, ainda antes de sua morte e ressurreição. Segundo, pelo modo de representação e de transmissão oral das formulações da tradição, viva em sua natureza e em seus efeitos. Terceiro, pelos aspectos característicos que permeiam a tradição de Jesus que dão uma ideia clara da impressão que Jesus produziu sobre seus discípulos durante sua missão.<sup>190</sup> O que há de triunfo na ressurreição aparece nos relatos de aparições, narradas de tal maneira que os discípulos não só experimentam esperança e envio a uma missão, mas também sentem paz, perdão, luz, alegria.

---

<sup>189</sup> SOBRINO, Jon. *Fora dos Pobres não há Salvação*, p. 85.

<sup>190</sup> DUNN, James D.G. *Jesus em nova perspectiva*, p. 92.

A cruz indica para o mistério da Páscoa, passagem da morte para a ressurreição, que nos trouxe a possibilidade de salvação. Sobrino se pergunta como as vítimas de seu País entendem a Deus, se estão abertas à noção de um Deus que sofre, que se compadece, e se pode também trazer esperança, quando ele mesmo, se mostra sujeito ao sofrimento, um Deus crucificado?

### 2.3.1 A missão de paz na entrega ao serviço

Jon Sobrino assinala que os discípulos que se encontram com o Ressuscitado vivem uma vida nova, com sentido e alegria. Dão testemunho de que também eles vivem já em alguma forma de plenitude. (...) O mais original consiste em que esses primeiros cristãos “têm algo a celebrar”, não só proclamam verdades ou adotam formas rituais no âmbito do culto. Sentem-se obrigados a pôr em palavras seu agradecimento e sua alegria. Celebram o Senhor ressuscitado e exaltado, e exprimem que sua plenitude transbordou e chegou até eles.<sup>191</sup>

Ao falar das experiências pascais dos discípulos, análogas ao longo da História, Sobrino sublinha como se des-vela e como a realidade se mostra: “injustiça que gera pobreza, violência, mentira, morte; e por outra parte, a realidade se mostra também como aquilo que gera esperança, compaixão, justiça, amor”.<sup>192</sup> Depois, o Autor diz que o tipo de vida que surge da realidade e responde à realidade de que se desvela costuma ter os traços de missão mantida contra a negatividade: esperança contra esperança, paz e serenidade contra a obscuridade, amor contra o egoísmo... trata-se de dar a vida por amor para que os pobres tenham vida.<sup>193</sup> O que, então, a ressurreição de Jesus gera de realidade e algum tipo de plenitude histórica nos discípulos, faz com que eles não só experimentem esperança e envio a uma missão, mas que também sintam paz, perdão, luz, alegria. Faz com que os discípulos vivam uma vida nova com sentido e alegria.<sup>194</sup>

Na visão sobriniana, o seguimento de Jesus vai do caminho prático para a doxologia. O processo começa com a *realidade humana de Jesus* que se remete a Deus sem que Deus o “des-humanize”. Depois, essa realidade humana, agora assumida a

<sup>191</sup> SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p. 121 (grifo do autor).

<sup>192</sup> SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p. 115.

<sup>193</sup> SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p. 117.

<sup>194</sup> SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p. 120.

partir da fé é posta em relação com Deus e o processo termina com a confissão da divindade de Jesus Cristo.<sup>195</sup> Portanto, também o grupo dos discípulos de Jesus teve que fazer o caminho prático, seguindo os percalços da elaboração histórica da fé para chegar a confessar que Jesus é o Cristo, sentido de sua vida até a entrega da própria vida. “Seguimento significa caminhar, ser e fazer atualizadamente o que foi e fez Jesus e como Jesus o fez”.<sup>196</sup> Seguimento significa, então, para o grupo dos discípulos e para a epistemologia cristológica fonte de conhecimento: consciência de alteridade e afinidade.

Seguir Jesus, o irmão “primeiro”, consiste, conforme Sobrino, em refazer a vida e a práxis de Jesus, aberto à realidade histórica e à *disponibilidade a dar da própria vida e até a própria vida*.<sup>197</sup> Assim, “no seguimento de Jesus até o fim, se afirma a fé em Jesus, e muito mais se esse fim é martirial, pois a vida é algo que se entrega responsabilmente só por aquilo que se crê na verdade ser último”.<sup>198</sup> Neste ponto Sobrino distingue a *fides quae* (quem é Jesus Cristo) de *fides qua* (o próprio ato de crer em Jesus Cristo), explicando que a correlação entre ambas pode ser frutífera se se mencionar o conteúdo fundamental da *fides qua*: a entrega em vida e morte a Jesus, o *seguimento de Jesus até o fim*.<sup>199</sup> Se a cruz, então, é o sinal maior do amor de Jesus Cristo pela humanidade, seus seguidores, também devem se orientar pelo mandamento do amor que ele nos ensinou, dando sua vida, libertando do mal e abrindo as portas para o perdão e a paz. Qualquer ato de amor, por menor que seja, é um trabalho pela paz.

Que significa a entrega dos discípulos missionários no contexto da realidade Latino-americana? A missão primordial da Igreja será a evangelização, anunciar Jesus Cristo. Papa Francisco insiste na Igreja “em saída” ao invés de agarrar-se às próprias seguranças (cf. EG nº. 20; 23 e 49). Quando não há o encontro vivo com Jesus Cristo, criam-se devoções e outras formas de mediações religiosas. Deve insistir-se para que a evangelização promova o encontro vivo com Jesus Cristo, valorizando o humano (serviço) e o divino (glorificação) como único sujeito. Nesse processo dá-se a revelação plena de Deus, ou melhor, ainda, o encontro com o próprio Deus. Sendo assim, a fé cristã confessa a encarnação real de Deus no homem Jesus de Nazaré! Portanto, não se deve separar a condição humana de Jesus Cristo de sua condição divina!

<sup>195</sup> SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p. 475.

<sup>196</sup> SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p. 477.

<sup>197</sup> SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p. 479.

<sup>198</sup> SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p. 479.

<sup>199</sup> SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p. 480 (grifo do autor).

Sobrino alerta que na história, pode-se viver com resignação ou desespero, mas também se pode viver com esperança diante de uma promessa. Quanto ao seguimento de Jesus pode-se viver como ressuscitado, caminhando com Deus na história ou como experiência de “encontro - na fé, na esperança e no amor - com o Deus que ressuscitou a Jesus”.<sup>200</sup>

A razão de ser do discípulo é a missão de evangelizar. Significa, por conseguinte, afirmar a importância da comunidade. “Não pode existir vida cristã fora da comunidade” (DAP, 278d). Nos Atos dos Apóstolos, os discípulos de Jesus são chamados “adeptos do Caminho” (cf. At 9, 2). “Jesus Cristo é a fonte de tudo o que a Igreja é e de tudo o que ela crê” (DGAE 2015-2019, n. 4). Como Jesus, deverão ser também seus discípulos e discipulas. Seus seguidores têm consciência que Ele caminha, fala, respira e trabalha com eles: sentem Jesus vivo com eles, em meio à tarefa missionária (cf. EG 266).

### 2.3.2 A liberdade de Jesus

A liberdade de Jesus não tem seu fundamento na subjetividade fechada em si mesma, negadora da alteridade, mas se alimenta da íntima relação vivida com o Pai. O modo pelo qual Jesus se relaciona com o Pai e a qualidade dessa relação constitui o sinal mais fundamental da presença do Reino de Deus.

Não há dúvida de que Jesus foi profundamente religioso. James Dunn ressalta a judeidade de Jesus dizendo que existe na tradição um interesse permanente por questões tipicamente judaicas, o que implica a observância da Torá, participar da vida da comunidade, ir à sinagoga e ao templo. Também é verdade que sua religiosidade entrou em conflito com setores poderosos do judaísmo de seu tempo.<sup>201</sup> Jesus realiza a obra do Pai com liberdade! Realiza uma obra de justiça: desmascara o poder opressor da Lei, do Templo e da Religião. Tem clareza da missão e não se deixa manipular.

Em seu modo de agir, Jesus se apresenta sem autoritarismo, mas soberanamente livre. Jesus é livre diante de Lei! Jesus foi livre em relação ao sábado, pois pela Lei não se podia trabalhar em dia de sábado. O descanso sabático estava submetido à

<sup>200</sup> SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p. 126.

<sup>201</sup> DUNN, James D.G. *Jesus em nova perspectiva*, p. 84.

multiplicidade de regras e Jesus realiza curas em dia de sábado (cf. Mt 12, 10-12; Lc 13, 10-17; Jo 5, 16-17, 19-24) e chega a sugerir a outros que façam no sábado o que era proibido (cf. Jo 5, 9-12; 9, 16). “É uma liberdade em função do bem dos outros, e então, sim sem limites nem obstáculos: nem da opinião pública, nem do êxito ou fracasso, nem da Lei ou do Sábado”.<sup>202</sup> O Sábado e o Templo, quando separados da prática do amor-serviço e da solidariedade, levam facilmente a pessoa a desenvolver uma falsa consciência, marcada pela ausência de solidariedade para com os que sofrem.

A liberdade de Jesus se expressa na escolha dos discípulos: “Não fostes vós que me escolhestes, mas fui eu que vos escolhi” (Jo 15, 16). Escolhe livremente todo tipo de pessoas.

O ponto culminante da suprema liberdade de Jesus é a entrega da própria vida. Jesus é dono de seu destino, assume livremente a sua missão até a morte! A morte de Jesus foi tramada (cf. Mc 3,6 há um plano para matá-lo). “É melhor que morra um homem que a nação inteira” (cf. Jo 11,50). “Nós temos uma Lei e, conforme essa Lei, ele deve morrer porque se fez Filho de Deus” (Jo 19,7). Diante disso Jesus não deixou de ser fiel ao Pai: “O Pai me ama porque dou minha vida (...), ninguém a tira de mim, mas eu a dou livremente” (cf. Jo 10, 17-18h).

Deus quis partilhar a própria vida e felicidade. “E o verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1, 14). Jon Sobrino aborda a raiz do significado da liberdade de Jesus, quando diz:

A experiência da bondade de Deus é o que liberta Jesus e o faz livre. E Jesus exercita sua liberdade para a bondade. Aqui está, parece-nos, a raiz e o significado da liberdade de Jesus. E aqui está o aprofundamento do que significa a bondade de Deus como força criadora de liberdade.<sup>203</sup>

A bondade de Deus torna as pessoas livres para amar! Tal liberdade para amar, vivida em plenitude por Jesus é um desafio para os seus seguidores em meio às vicissitudes do nosso tempo.

<sup>202</sup> BOMBONATTO, Vera Ivanise. *Seguimento de Jesus*, p. 241.

<sup>203</sup> SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador*, p. 217.

### 2.3.3 A paz, fruto do amor

Na concepção de Jon Sobrino, a relação de Jesus com as pessoas significa encarregar-se do outro, assumir a causa dos pobres. Supõe uma relação de entrega que, em última instância, significa *descer da cruz as vítimas*. Encarregar-se da esperança das vítimas para quem a ressurreição é a vitória sobre a morte injusta. Trata-se de uma relação em que o divino tem a capacidade de assumir o não-divino e o humano que tem a capacidade de ser assumido pelo não-humano. Assim, Sobrino insiste no concreto-real em que aparece a relação essencial entre um Deus das vítimas e vítimas que se remetem a Deus, onde Deus é um Deus que se esvazia no frágil, e o frágil fica assumido por Deus.<sup>204</sup>

A cruz de Jesus é resultado da entrega aos fracos, expressão de amor aos fracos e por isso o amor é a única coisa que salva. Com a *história* de Jesus, a cruz diz amor, expressão radical da entrega de Jesus ao longo da vida oferecida como salvação. No histórico concreto que existe em Jesus está a cruz e a ressurreição. A ressurreição como *história* significa “fazer justiça a uma vítima e ter esperança de que o verdugo não triunfará sobre elas e de que nós podemos participar dessa esperança”.<sup>205</sup> Nesse sentido, cruz e ressurreição como *história*, revelam um Deus que é amor!

A paz, nesse contexto, supõe um engajamento na causa dos excluídos, fruto do amor e da solidariedade. Seguir Jesus significa fazer memória do seu ensinamento até as últimas consequências: doar a vida por amor. Jesus exige conversão radical entendida positivamente como deixar de oprimir e praticar a justiça; e os que pecam por fragilidades – destes Jesus exige que aceitem a bondade e o amor de Deus, não mais segundo a imagem neles introjetada pelos opressores, mas como amor verdadeiro que veio não para condenar, e sim para salvar os pecadores, os que não devem ter medo, mas alegrar-se pela vinda de Cristo.<sup>206</sup>

A práxis de Jesus liberta, devolvendo a esperança e a dignidade aos desprezados e marginalizados pela sociedade. Sobrino propõe, por isso, que a Teologia, não apenas explique intelectualmente os conteúdos da fé - *intellectus fidei*<sup>207</sup> - mas, sem ignorar isso, leve a compreender a necessidade de que se torne preferencialmente *intellectus*

<sup>204</sup> SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p. p. 449.

<sup>205</sup> SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p. p. 453.

<sup>206</sup> SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador*, p. 147-152.

<sup>207</sup> SOBRINO, *O princípio misericórdia*, p. 71-77.



*amoris*. Por conseguinte, preocupada em “descer da cruz os povos crucificados”, a Teologia deverá ser também *intellectus misericordiae*, *intellectus iustitiae* e *intellectus liberationis*<sup>208</sup> e, por último, deve ser também *intellectus gratiae*.<sup>209</sup> Sobrino observa que *não basta só o despertar a mudança da mente*. É necessário *mudar os olhos* para ver a realidade e *mudar o coração* de pedra em coração de carne, “deixando-se mover pela compaixão e pela misericórdia”. Trata-se, então, de uma tríplice descoberta: a descoberta da “revelação da verdade da realidade e, através dela, da verdade do ser humano e da verdade de Deus”.<sup>210</sup> Pergunta-se, então, se a Teologia não poderia ser entendida também como *intellectus pacis* - inteligência da paz ou compreensão da paz, fruto do amor.

A partir das três virtudes teológicas: *fé, esperança e caridade*, a Teologia, - com Santo Agostinho na Patrística e depois com Santo Tomás de Aquino, durante a Cristandade, - sempre foi entendida como *intellectus fidei*. Posteriormente, Rudolf Bultmann, inspirado no *Princípio Esperança*, desenvolvido por Ernst Bloch, deu novos passos para a compreensão da reflexão teológica. Pelo princípio hermenêutico, como consequência prática, pergunta-se: poder-se-ia postular, então, o *Princípio Paz*, como elemento articulador da Teologia? A compreensão da paz como sendo o nome de Deus implica uma corresponsabilidade trinitária, onde existem relações de puro amor e de perfeita paz.

Na encíclica *Pacem in Terris* de São João XXIII, exalta-se “o sentido da paz baseada na verdade, na justiça, na liberdade, no amor”.<sup>211</sup> Papa Francisco insiste na não-violência como estilo duma política de paz, de construir a paz inclusive através da não-violência ativa e criativa,<sup>212</sup> concluindo que a paz é o nome de Deus e que a violência é uma profanação do nome de Deus.

Para que a paz seja fruto do amor é preciso promover o encontro das pessoas; não basta tolerância; tolerar o outro não basta, precisa ir ao encontro do outro: acolher, proteger, promover e integrar. O encontro é o coração ardente da tolerância. A acolhida

<sup>208</sup> “A partir da relação que existe entre inteligência e misericórdia, entre teoria e práxis, podemos definir formalmente a teologia da libertação como *intellectus misericordiae*. Todavia, como a misericórdia deve ser historicizada de acordo com a opressão a que se quer erradicar, falamos de *intellectus iustitiae* e, definitivamente, de *intellectus liberationis*”. SOBRINO, J. La teología y el “principio liberación”, *Revista Latino Americana de teologia*, San Salvador, n. 35, 1995. p. 127.

<sup>209</sup> SOBRINO, *O princípio misericórdia*, p. 80.

<sup>210</sup> SOBRINO, *O princípio misericórdia*, p. 16.

<sup>211</sup> JOÃO XXIII, Papa. Carta Encíclica *Pacem In Terris*, n. 166.

<sup>212</sup> Mensagem do Santo Padre Francisco para a celebração do 50º Dia Mundial da Paz, 1º De janeiro de 2017. Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco\\_20161208\\_messaggio-1-giornata-mondiale-pace-2017.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20161208_messaggio-1-giornata-mondiale-pace-2017.html). Acesso em 4 de setembro de 2017.

das pessoas, na ótica de Jesus, é o ponto de partida. Para Jon Sobrino, “se os milagres e a expulsão de demônios expressam a libertação do mal físico e do poder do mal, a acolhida expressa a libertação do pecador de seu próprio princípio exterior de escravidão”.<sup>213</sup> A acolhida é libertadora porque devolve dignidade aos desprezados e marginalizados pela sociedade.

Jesus, considerado o "Príncipe da Paz" (cf. Is 9,6) é aquele que passa fazendo o bem (cf. At 10,38), que tem compaixão (cf. Lc 7, 13), que anuncia a misericórdia do Pai (cf. Lc 15, 11-32), que está sempre atento aos pobres, doentes e pequenos (cf. Lc 14, 12-13) e que sempre reza ao Pai (cf. Lc 3, 21; 11, 1; 22, 31-32). Jesus é aquele sujeito da história humana, que vai da Galileia a Jerusalém para acabar morrendo na cruz, sob o procurador romano Pôncio Pilatos: “trabalhou com mãos de homem, sofreu com coração de homem, suou sangue na hora da agonia, e morreu no lenho da maldição”.<sup>214</sup> É o homem de Nazaré e é o Filho de Deus.

Jesus entende o reinado de Deus como um Reino de vida e da paz! Observa-se com perplexidade a globalização da indiferença e da indolência, e afirma-se a necessidade do respeito à dignidade de todo ser humano, a promoção de uma “cultura do encontro”, a prática da fraternidade, a hospitalidade e a compaixão. Esses princípios são reais possibilidades de se erradicarem quaisquer formas de dominação.

O que se pode esperar e o que se deve fazer concretamente para que o seguimento de Jesus seja compreendido como promoção da paz? Qual a causa a ser construída que não seja objeto de disputa odiosa, pela qual valha a pena dedicar o sentido maior da vida? Essas questões serão refletidas na terceira seção.

---

<sup>213</sup> SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador*, p. 150.

<sup>214</sup> FORTE, B. *Jesus de Nazaré*, p. 196.

### 3 O SEGUIMENTO DE JESUS COMO PROMOÇÃO DA PAZ

O objetivo desta terceira seção é explicitar como o seguimento de Jesus pode ser possibilidade de promoção da paz. Na visão sobriniana, o seguimento de Jesus adquire caráter claramente pertinente e relevante para o contexto da América Latina, caracterizado pela injustiça e pela opressão. Que significa o seguimento de Jesus como forma privilegiada para explicitar a identidade cristã e a missão libertadora em favor das vítimas? Como entender que seguir Jesus, significa promover a paz? Qual o papel da educação para uma cultura de paz e um agir misericordioso e solidário para com os pobres? Que espiritualidade fará crescer sementes novas de paz? Essas questões vão orientar a reflexão.

#### 3.1 Busca de paz na América Latina

Nas seções anteriores ficou estabelecido que Jesus e as vítimas deste mundo são o ponto de partida da cristologia de Jon Sobrino. “A proposta de seguimento feita por Jesus tem, para Jon Sobrino, duas novidades singulares: a pessoa de Jesus e a função salvífica do seguimento; a entrega incondicional e a obediência absoluta”.<sup>215</sup> A grande novidade da proposta de Jesus, portanto, está ligada à sua pessoa e à função salvífica do seguimento. Jesus chamou discípulos para segui-lo em comunhão de vida, de missão e de destino. “Vinde em meu seguimento” (Mc 1, 17); “Segue-me” (Mc 2, 14); “Segue-me e eu farei de vós pescadores de homens” (Mt 4, 19). A radicalidade do seguimento a Jesus é, na visão sobriniana, uma característica que deve articular-se historicamente por uma série de renúncias em vista da relação-comunicação pessoal com Jesus e pela finalidade do chamado de Jesus. Renúncias que implicam em dar a vida - o martírio - por amor para que os pobres tenham vida.<sup>216</sup>

Por onde será possível vislumbrar uma perspectiva de paz na América Latina a partir da visão sobriniana? Importante perceber que para Jon Sobrino, o “seguimento como forma de explicitar a identidade cristã implica reproduzir a estrutura histórica da

<sup>215</sup> BOMBONATTO, Vera Ivanise. *Seguimento de Jesus*, p. 247.

<sup>216</sup> SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p. 117.

vida terrena de Jesus: encarnação parcial na história; missão libertadora em favor das vítimas; escândalo da cruz; e vida em plenitude”.<sup>217</sup> Esses elementos estão entrelaçados de forma vital e dinâmica que confirmam a insistência de Sobrino na necessidade de viver o seguimento como ressuscitados nas condições históricas!<sup>218</sup> Bombonato sintetiza:

A ressurreição deve modelar a missão, que, a exemplo de Jesus, expressa o amor incondicional e a doação total da vida em favor das vítimas, dando continuidade à sua prática, entendida como conjunto de atividades exercidas para tornar presente o Reino, e à sua práxis profética de denunciar o combate do anti-reino.<sup>219</sup>

Ao propor a ressurreição como realidade configuradora da encarnação parcial na história, da missão em favor das vítimas e da cruz, Sobrino rompe a simetria entre sofrimento e tristeza, e prova que é possível viver a utopia da libertação, na esperança, na liberdade e na paz, em meio às vicissitudes da história.

Em termos de realidade Latino-americana, é importante oferecer a verdadeira imagem de Cristo. Segundo Sobrino: “(...) é responsabilidade da cristologia apresentar seu verdadeiro rosto para que seja bem usado, para que Jesus Cristo esteja a serviço do *mysterium liberationis* e contra o *mysterium iniquitatis*”.<sup>220</sup> Pode-se verificar conforme Sobrino, que o fundamento da superação da relação de conflito entre as vítimas e seus opressores está no *modo de Deus se manifestar e agir*. “Deus se manifesta através da vida, mas defendendo-a da morte; através da justiça, mas contra a injustiça; através da libertação, mas agindo contra a escravidão”.<sup>221</sup> Assim, o Deus crucificado é também experimentado como salvação porque há experiência de comunhão com Deus. “(...) na experiência das vítimas o Deus *ressuscitador-libertador* exprime a eficácia do amor e da salvação, e o Deus *crucificado-solidário* exprime a credibilidade, a graça e a ternura. O Deus libertador exprime a alteridade, e o Deus crucificado, a afinidade”.<sup>222</sup> *Alteridade* e *afinidade* podem ser então, elementos fundantes, a partir dos quais os seres humanos encontram motivos para acolher Jesus como *eu-aggelion* - boa notícia, que causou

<sup>217</sup> BOMBONATTO, Vera Ivanise. *Seguimento de Jesus*, p. 430.

<sup>218</sup> SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p. 25.

<sup>219</sup> BOMBONATTO, Vera Ivanise. *Seguimento de Jesus*, p. 431.

<sup>220</sup> SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador*, p.16.

<sup>221</sup> SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p. 136.

<sup>222</sup> SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p. 140-1 (grifos do autor).

impacto pelo *modo de ser e fazer* o reino. O *modo de Jesus ser mediador* é que o fez uma boa notícia que causou impacto nos discípulos: “Jesus passou fazendo o bem e consolando os aflitos” (cf. At 10, 38). “A boa notícia de Jesus no Novo Testamento não é, pois, somente crença - a Páscoa traz salvação - mas também experiência de realidade: a misericórdia, a honestidade, a lealdade, a firmeza de Jesus é coisa boa para os seres humanos”.<sup>223</sup>

O seguimento de Jesus como promoção da paz significa, sempre de novo, remontar ao ambiente da própria missão de Jesus. A missão de Jesus mudou a vida de seus discípulos. James Dunn<sup>224</sup> aborda o impacto que Jesus causou na vida dos discípulos com seu jeito de ser e de se relacionar. A fé inicial dos discípulos foi moldando a tradição desde o início da fé pascal. Não se podem desconsiderar os problemas da oralidade da transmissão e da tradição de Jesus, porém, o importante, aqui, é o impacto causado nos discípulos ainda antes de sua morte e que se estenderia por toda a história posterior.

Que significa então a busca de paz na América Latina? Em que Deus creem as vítimas? Para uma tentativa de aproximação histórica, Sobrino diz que os padres conciliares de Niceia aceitaram um Cristo *sofredor*, ou seja, que Deus pode sofrer.<sup>225</sup> Esta relação Deus-sofrimento, segundo, Sobrino, deve ser assumida pela Teologia como condição de possibilidade para expressar a realidade última de Deus, tanto em seu *conteúdo*, Deus é *amor*, como em sua *formalidade*, Deus é *mistério*.<sup>226</sup>

Na experiência histórica repetida em El Salvador, Sobrino revela que muitos não-pobres se aproximaram das vítimas, como o próprio Dom Romero e Ignacio Ellacuría, que exprimem *alteridade*, e nesta alteridade veem possibilidade de salvação. E quando com alteridade aparece algum tipo de *afinidade*, os pobres deste mundo sentem que algo de bom lhes aconteceu. Ou seja, a afinidade com respeito a eles é também salvífica e até libertadora, conforme Sobrino, embora a salvação que produz seja distinta da salvação que pode ser produzida pela alteridade como poder. “Assim, quando não-pobres com prestígio e poder participaram até o martírio nos sofrimentos dos pobres, estes experimentaram - em meio a lágrimas e protestos - algo salvífico”.<sup>227</sup>

---

<sup>223</sup> SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p. 321.

<sup>224</sup> DUNN, James D.G. *Jesus em nova perspectiva*, 152 p.

<sup>225</sup> SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p. 395.

<sup>226</sup> SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p. 396.

<sup>227</sup> SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p. 405-6.

A bondade de Jesus, feita experiência de realidade, é atualizada no hoje da história, por exemplo, por ocasião do encontro de testemunhas, agentes e vítimas da violência que pôde comprová-lo o Papa Francisco em recente viagem pela Colômbia em 2017.<sup>228</sup> O encontro entre o perdão que alivia e restitui a alegria, e entre vítimas e algozes, faz perguntar o que significa perdoar? Não é certamente, apenas não se vingar ou "ceder" sempre aos que ofendem, mas reconhecer que com o adversário de ontem se pode construir algo de bom e de novo.... É estar sempre disposto a ir ao encontro, a estender a mão, a recomeçar o diálogo, a dar outra oportunidade. Na parábola, o servo que não perdoou foi para a prisão (cf. Mt 8, 21-35).

Às vezes a paz só é possível depois de longo caminho para reconstruir a paz, o que implica em aprendizagem para perdoar e pedir perdão pelo imperdoável. Pode-se dizer então que perdoar é uma forma de amar, um amor que acolhe o outro na sua fragilidade. As dores causadas pela violência geralmente têm raízes e causas profundas que precisam ser enfrentadas pela *verdade*, companheira inseparável da justiça e da misericórdia.

No tocante à realidade social atual, já o constatara Sobrino: “Vivemos em um mundo em que as notícias não são boas, e em que a bondade não costuma ser notícia”.<sup>229</sup> Não basta repetir os conteúdos da fé em Cristo, mas é preciso apresentá-lo em sua capacidade de humanização, como aquilo que em Jesus causa impacto: “ser defensor dos fracos e denúncia e desmascaramento dos opressores”.<sup>230</sup> Os evangelhos apresentam um Jesus encarnando tudo o que é mais humano e ao mesmo tempo tudo o que for humano até o dia de hoje! Sobrino define esse processo assim: “(...) Jesus é não só um *bom* mediador do reino, eficaz em sua teoria e práxis, mas um mediador *bom*, acolhedor, compassivo, confiável para os pobres e aflitos, os destinatários do reino”.<sup>231</sup>

---

<sup>228</sup> Disponível em: <http://paulosuess.blogspot.com.br/2017/09/reconciliacao-na-base-de-justica.html>. Acesso em setembro de 2017. Na viagem do Papa Francisco pela Colômbia no dia 8 de setembro de 2017, constatou-se que um dos momentos mais emocionantes foi o encontro com quatro testemunhas, agentes e vítimas da violência: Moradores de Bojayá chegaram em Villavicencio pedindo ao Papa Francisco que benzesse seu “Cristo Mutilado”, fruto do confronto entre as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc) e um grupo de 250 paramilitares das Autodefesas Unidas da Colômbia (AUC). No dia 2 de maio de 2002 uns 200 moradores, de origem negra e indígena, da comunidade de Bojayá, no departamento do Chocó, haviam se refugiado na igreja. Dois artefatos, lançados pela guerrilha, atingiram a igreja e houve 79 mortos, o Cristo da igreja caíra por terra, mutilado, sem braços, sem pés. O papa escutou os testemunhos de quatro vítimas da guerra civil da Colômbia: Deisy Sánchez Rey, recrutada pelos paramilitares (AUC), Juan Carlos Murcia Perdomo, que atuou por 12 anos na guerrilha (Farc), Pastora Mira García que perdeu seus filhos e Luz Dary Landazury, mutilado como o Cristo de Bojayá.

<sup>229</sup> SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p. 325.

<sup>230</sup> SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p. 326.

<sup>231</sup> SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p. 327 (grifos do autor).

Existem inúmeras experiências de busca da paz na América Latina, entre às quais se podem mencionar os esforços para a construção de pontes com as forças e agentes da paz, os projetos de educação para a paz, as ações contra o armamentismo, o movimento de objeção de consciência, os esforços de solidariedade para prevenção, resolução e solidariedade aos povos em conflito, as articulações na linha da justiça e dos direitos humanos, inclusive nas questões de gênero e das minorias, os círculos de cultura da paz.<sup>232</sup> Roque Hammes pensa que o Movimento Pacifista está muito próximo dos Movimentos com fundo cultural como o Ambientalista e o de Mulheres. Também está próximo do Movimento de Justiça e Direitos Humanos. Inspira-se em Mahatma Ghandi, Martin Luther King, Dom Oscar Romero, Rigoberta Menchú, Chico Mendes e outros.<sup>233</sup> Em seguida, quer-se analisar algumas dessas experiências em vista do seguimento na paz, tendo como pano de fundo a cristologia de Jon Sobrino.

### **3.2 Educação para uma cultura de paz a partir da Cristologia**

O desafio agora é relacionar a cristologia sobriniana do seguimento como boa notícia para a teologia da paz. Como a prática libertadora de Jesus Cristo se verifica com os conceitos de *pax*, *eirene*, *shalom*? A partir do Jesus histórico, Jon Sobrino descobre, no seguimento de Jesus, a chave e a síntese da existência cristã. Categoria cristológica fundamental, o seguimento é, para Sobrino, lugar primigênio de toda a epistemologia teológico-cristã e princípio hermenêutico fundamental. No seguimento, acontece a recuperação do Jesus histórico e, por conseguinte, pode-se dizer que conhecer Jesus é uma questão de afinidade e de conaturalidade.

Na perspectiva sobriniana pode-se perguntar como é possível falar de Deus diante do sofrimento humano? A sede de ódio e de vingança vem aumentando a tragédia de todas as vítimas da injustiça. Há que entender-se que a dor das vítimas precisa ser curada e que a cruz é um escândalo que precisa ser superado. Até que ponto a morte de Cristo redimiu os crucificados? Jesus disse: “Deixo-vos a paz, minha paz vos dou; não vo-la dou como o mundo a dá” (Jo 14, 27). Qual a missão dos discípulos missionários de Jesus? Como é possível que a promoção da paz possa ser paradigma de resiliência?

---

<sup>232</sup> GUIMARÃES, Marcelo Rezende. *Educação para a Paz*, p. 238-258.

<sup>233</sup> HAMMES, Roque. *Igreja Católica, Sindicatos e Movimentos Sociais*, p.121.

A paz requer atitudes concretas para sua efetiva construção. E, vista em uma dimensão integradora, exige a presença de elementos como a justiça e a reconciliação entre as pessoas. Só assim acontece a verdadeira paz. Toda essa perspectiva de construção da paz só encontra plena realização em Jesus Cristo, já que “amor e verdade se encontram, justiça e paz se abraçam” (cf. Sl 85, 11).

Marcelo Guimarães faz uma descrição dos múltiplos sentidos que a paz assumiu no pensamento e na experiência histórica do Ocidente - apresentada na primeira seção deste trabalho, - mostrando como a instauração da educação para a paz pressupõe uma crítica da racionalidade e da cultura.

A paz tem que ser pensada em sua radicalidade, não somente em função de um ideal teórico, mas como agenda e ação; não como negatividade, mas como positividade; não como um estado, mas como um acontecimento, não como subjetividade, mas como intersubjetividade, na qual se destaque uma perspectiva dialógica e multicultural.<sup>234</sup>

A paz implica, por isso, uma ação coletiva, comunitária e intersubjetiva, uma prática de conversação e convivência. Acreditando que pensar, discutir e estruturar ações da educação para a paz é realidade necessária, deve-se estar atento para o alerta de Guimarães quando diz que o estudo da paz, apesar de oferecer espaço para argumentação positiva, deve interpretar “os sentidos e significados que se nos oferecem, de modo a melhor circunscrever a temática da paz e não violência e da educação para a paz”.<sup>235</sup> Que sentido e significado precisam ser dados, então, à agenda e às ações em favor da paz?

A exigência de pensar a educação para a paz como *Ereignis*, na visão de Guimarães, implica em um conceito mais dinâmico, ou seja, pensar a paz não metafisicamente, mas como acontecimento.<sup>236</sup> Assim, a paz como permanente possibilidade de efetuação, ao mesmo tempo se dá e se perde, se revela e se esconde, mostrando-se em sua eventualidade, imperfeição e incompletude.<sup>237</sup> A paz é permanente processo de construção.

---

<sup>234</sup> GUIMARÃES, Marcelo R. *Educação para a Paz*, p. 15.

<sup>235</sup> GUIMARÃES, Marcelo R. *Educação para a Paz*, p. 28.

<sup>236</sup> GUIMARÃES, Marcelo R. *Educação para a Paz*, p. 191.

<sup>237</sup> GUIMARÃES, Marcelo R. *Educação para a Paz*, p. 192.



Ao referir-se à paz numa perspectiva multicultural, Guimarães prefere falar em *culturas* de paz, alertando sobre o perigo de substancializar a compreensão da paz no processo de educação para a paz, “como se ela fosse um sujeito ou uma força à qual se devesse identificar, desprezando sua dimensão de processo”,<sup>238</sup> sugerindo que se deve pensar a paz como uma relação entre diferenças e diferentes: culturas e sujeitos. Para o contexto Latino-americano, isso é particularmente importante por causa da contribuição, por exemplo, dos povos indígenas e negros na construção de uma cultura de paz, por sua valorização da vida das pessoas. Esses povos atribuem importância na relação dos seres humanos com o mundo natural, ou seja, a paz em relação às forças da natureza, com outros animais e com os espíritos dos antepassados seriam tão importantes quanto à paz com outros povos.<sup>239</sup>

Uma educação para a paz pós-metafísica incluiria também, conforme Guimarães, a passagem de uma compreensão da paz vinculada à ordem, para a inclusão de elementos que a caracterizariam como processo dialógico-conflitivo.<sup>240</sup> Assim, pacificar e apaziguar são verbos que denotam uma determinada ordem, como a figura de Duque de Caxias, visto como Pacificador do império, mesmo que para isso tenha lançado mão de meios violentos ou da guerra.

No processo dialógico-conflitivo há que distinguir-se a dimensão da agressividade, definida por Jean-Marie Muller como energia benéfica ou maléfica, força de combatividade, de auto-afirmação, constitutiva da personalidade. Assim, em sua etimologia, o verbo *a-gredir* não implicaria uma violência maior que *pro-gredir*, que significa caminhar para frente.<sup>241</sup> Agressividade, portanto, não se opõe à paz; ao contrário, é a ela necessária, como expressão da vontade de potência para operar a paz. Seu oposto seria a passividade, a resignação, o conformismo.

Neste sentido, Muller assinala que a não-violência encontra-se em maior oposição à passividade e à resignação do que a violência.

A ação não-violenta coletiva deve permitir canalizar a agressividade natural dos indivíduos, de forma que não se expresse através dos meios da violência destruidora, meios que possibilitam outras violências e injustiças, mas por

---

<sup>238</sup> GUIMARÃES, Marcelo R. *Educação para a Paz*, p. 193.

<sup>239</sup> GUIMARÃES, Marcelo R. *Educação para a Paz*, p. 195.

<sup>240</sup> GUIMARÃES, Marcelo R. *Educação para a Paz*, p. 195.

<sup>241</sup> MULLER, Jean-Marie. *O princípio da não-violência*, p. 21-2.

meios justos e pacíficos que possam construir uma sociedade justa e pacífica. Na realidade, a violência não deixa de ser uma perversão da agressividade.<sup>242</sup>

Da mesma forma pode-se compreender que o conflito é dimensão inerente à natureza humana e, de certa forma, necessário para o enfrentamento da injustiça, mas não deve ser considerado como norma da relação com o outro. Deve haver permanente esforço de manter uma relação pacífica e hospitaleira em relação ao outro. A hospitalidade exige mais do que a justiça. Na comunidade humana, o esforço da hospitalidade é o espaço da bondade.

Ainda segundo Muller, constituem fundamento da atitude não-violenta do homem moral, as quatro virtudes cardeais: a coragem, a prudência, a temperança e a justiça.<sup>243</sup> Porém pode contribuir muito para a não-violência, o perdão. Afirma esse autor, que a importância decisiva da exigência ética do perdão nas relações humanas se evidencia por aquilo que sua negação implica fatalmente: o encadeamento implacável das vinganças e retaliações.<sup>244</sup> Enquanto o ressentimento, o rancor e o ódio aprisionam o indivíduo aos grilhões do passado, o perdão leva-o a se libertar deles, permitindo-lhe entrar no futuro. Aquele que perdoa, no entanto, não desconhece o desejo de vingança, mas decide sobrepujá-lo e vencê-lo.

Para concluir esse ponto, pode-se afirmar com Jean-Marie Muller, que o perdão se situa no próprio núcleo da exigência da não-violência, pois, efetivamente, perdoar será sempre perdoar uma violência. Perdoar é decidir romper a cadeia interminável das violências que se justificam umas às outras, é recusar continuar indefinidamente a guerra, é querer fazer a paz com os outros, como consigo mesmo. Aquele que só pensa em se vingar nunca está em paz, já que perdoar significa pacificar o próprio futuro, recusando-se a continuar prisioneiro de um ciclo perpétuo de violências.<sup>245</sup>

Entretanto, a recusa da violência ainda tem o aspecto de reconstruir uma nova relação entre o ofendido e o ofensor. Numa relação pessoal, trata-se de perdoar o próximo; mas numa relação política, trata-se de perdoar o que está distante, o que implica, senão uma reconciliação, uma conciliação, permitindo estabelecer relações de justiça, pois muitas vezes os grandes massacres da história não foram provocados por

---

<sup>242</sup> MULLER, Jean-Marie. *O princípio da não-violência*, p. 23.

<sup>243</sup> MULLER, Jean-Marie. *O princípio da não-violência*, p. 74.

<sup>244</sup> MULLER, Jean-Marie. *O princípio da não-violência*, p. 75.

<sup>245</sup> MULLER, Jean-Marie. *O princípio da não-violência*, p. 76.

rancores pessoais, mas por ódios coletivos.<sup>246</sup> No contexto Latino-americano, precisamente esses que precisam ser extintos. O perdão revela-se, então, como um momento decisivo da ação política, cuja finalidade é libertar a história do mecanismo da violência.

Voltando ao desafio do que represente a educação para a paz em relação à Cristologia, pode-se afirmar que o perdão é instrumento de cura e salvação. Salvação que se realiza na história do mundo que tem sua unidade estrutural na “história de Deus”. É na história, em sua realidade concreta e situada, que o Reino de Deus precisa ser visibilizado pela práxis do seguimento. Bombonato lembra que Jon Sobrino evidencia o *caráter relacional* e não absoluto de Jesus em relação ao Reino e ao Pai: o Reino como utopia da libertação total que se vai historicizando e o Pai como referência última. Ambos dão sentido à vida, à atividade e ao destino de Jesus.<sup>247</sup> Essa dupla relação de Jesus traz consigo o resgate das mediações históricas como caminho de acesso absoluto, pois é na história de Jesus que se esconde e se revela a sua divindade.

O evento salvífico, Jesus Cristo, irrompe como sinal de contradição entre a realidade de violência e o mistério redentor do reinado de Deus. Tendo presente a relação de Jesus com o Reino de Deus e o Deus do Reino e sua exigência de seguimento na paz pergunta-se: qual a visão sobre Direitos Humanos enquanto critério de equilíbrio e de confiança mútua entre os povos e como possibilidade de consolidação da paz?

### 3.2.1 Direitos humanos para a paz

A *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, de 1948, constituiu-se num marco referencial na História da humanidade, desses que anunciam e sinalizam mudanças qualitativas, representando hoje um dos mais admiráveis consensos que a humanidade conseguiu estabelecer. A partir daí, estruturou-se um campo amplo do movimento pacifista, composto de inúmeros grupos e frentes, trabalhando as múltiplas relações entre paz, justiça e direitos humanos - DH. Surgiram os movimentos de DH contra a pena de morte, a tortura e contra qualquer forma de discriminação, seja racial, de gênero ou outra. Aqui são muitas as instituições nos diversos níveis com destaque à

---

<sup>246</sup> MULLER, Jean-Marie. *O princípio da não-violência*, p. 77.

<sup>247</sup> BOMBONATTO, Vera Ivanise. *Seguimento de Jesus*, p. 262.

Anistia Internacional ou à organização internacional não-governamental que defende e realiza pesquisas sobre os DH - *Human Rights Watch*.<sup>248</sup> - Observatório dos Direitos Humanos.

Quando se fala hoje de uma *hermenêutica dos direitos humanos*<sup>249</sup> lida-se, acima de tudo, com um problema de fundamentação filosófica, visando responder às questões: o que são, afinal, os DH - *Menschenrechte*? - e por que e como devem ser defendidos? Tais questões são inseparáveis do questionamento programático das práticas cotidianas e institucionais, especialmente as políticas públicas que efetivamente assegurem e promovam os direitos humanos.

Ao abordar a questão do direito à vida, qual seria mesmo o lugar do ser humano no mundo? Com a emergência da ética animal e de movimentos em favor dos direitos dos animais nos anos 70, ficou cada vez mais difícil defender uma concepção *especista*<sup>250</sup> que privilegia o ser humano em detrimento das demais espécies, sobretudo agora quando podemos também falar de “pessoas não-humanas”. Por outro lado, com a emergência de uma ética ambiental e com a consolidação de uma conscientização ecológica global, não parece apropriado exaltarmos a vida humana em detrimento da fauna e da flora que têm sido ameaçadas pela dominação e exploração humana da natureza.<sup>251</sup> Somente uma visão de sustentabilidade abrangente pode assegurar um futuro promissor, para as gerações atuais e futuras, assim como para outras espécies de vida animal e vegetal.

O problema hermenêutico de como interpretar, justificar e defender os DH implica numa abordagem intercultural, transcultural ou multicultural, e perguntando em que medida tal viés hermenêutico teria ainda alguma pretensão de validade universalista. Contudo, para além de tentativas especulativas, a luta pelos DH em vista da paz, numa concepção sobriniana, pode ser compreendida como convocação à solidariedade, cuja convocação primária provém das vítimas.<sup>252</sup> São os *povos crucificados*, os convocadores das ações que interpelam à ajuda!

Falando da experiência de solidariedade por ocasião do terremoto de janeiro de 2001, em El Salvador, Sobrino narra que o “dar-de-si converteu-se imediatamente em

---

<sup>248</sup> GUIMARÃES, Marcelo Rezende. *Educação para a Paz*, p. 254-5.

<sup>249</sup> OLIVEIRA, Nythamar de. *Tractatus practico-theoreticus*, p. 304.

<sup>250</sup> Para maior aprofundamento ver: SUSIN, Luiz Carlos; ZAMPIERI, Gilmar. *A vida dos outros. Ética e Teologia da Libertação Animal*. São Paulo: Paulinas, 2015.

<sup>251</sup> OLIVEIRA, Nythamar de. *Tractatus practico-theoreticus*, p. 304-5.

<sup>252</sup> SOBRINO, Jon. *Onde está Deus*, p. 129-130.

dar ao outro e receber-do-outro”.<sup>253</sup> Essa relação de mútua ajuda entre entidades, como DH, Igrejas, Governos, ONGs e o povo crucificado, revelou que os “solidários” já não dão o que têm, mas o que são. O martírio dos crucificados é recebido com indignação, mas também com agradecimento último pelo amor que expressam, tornando-se um com o povo crucificado.<sup>254</sup>

Lembrando que o multiculturalismo e o pluralismo democrático como formas de alteridade, não apenas refletem a diversidade étnico-cultural da experiência humana de sociabilidade, mas que se manifesta também em termos de sexualidade, de construção da subjetividade, de projetos de vida, de políticas identitárias, etc, Nythamar de Oliveira, esclarece:

Ao tentarmos re-situar a questão da alteridade no contexto atual da globalização, creio que lembramos com Derrida que a democracia - assim como a política da amizade e a liberdade de cada outro - não pode ser imposta, mas é o outro mesmo que nos solicita, que nos impele e requer de cada um de nós que preservemos nossa alteridade sem violência ou exclusão.<sup>255</sup>

Uma das grandes intuições de Sobrino, talvez seja essa de que é possível conviver solidariamente e, acrescente-se, pacificamente, quando se luta pela superação dos “desiguais”. Quando a mesa “igual” os desiguais, se constrói a família humana. “Os fracos podem oferecer acolhida, perdão, amor, ou seja, podem salvar contra todas as expectativas. Daí a importância de falar em desiguais: remeter ao impensável e inesperado para que haja salvação. É a experiência da graça”.<sup>256</sup>

Como já foi referido na primeira seção, em oposição à *pax romana* pode-se falar em *pax latino-americana*. Como espaço e expressão de *outro mundo possível* de mais paz, Pedro Ribeiro exemplifica a experiência dos Fóruns Sociais Mundiais na perspectiva do resgate da força da utopia, tão necessária em tempos de carência de referências.

---

<sup>253</sup> SOBRINO, Jon. *Onde está Deus*, p. 132.

<sup>254</sup> SOBRINO, Jon. *Onde está Deus*, p. 134.

<sup>255</sup> OLIVEIRA, Nythamar de. *Tractatus politico-theologicus*, p. 69-70.

<sup>256</sup> SOBRINO, Jon. *Onde está Deus*, p. 138.

A ideia-força de *globalização* confere à atual ordem mundial um caráter de inevitabilidade, como se dissesse ‘o mundo real é este, adapte-se a ele e jogue conforme as regras do jogo: a competitividade do mercado’. A *ideia-força* do *altermundismo* diz justamente o contrário: ‘quando nós criamos outras formas de relações humanas e econômicas, respeitando a vida do Planeta, vivemos muito melhor’. Uma ideologia apela para o *pragmatismo* (aceitar a realidade como ela é) enquanto a outra apela para a *utopia* (o mundo será melhor quando os excluídos acreditarem em sua própria força).<sup>257</sup>

A pedagogia de Jesus servirá de paradigma para estabelecer um processo educativo em vista de uma cultura da paz. A paz tem uma grande possibilidade de concretização através da pedagogia de Paulo Freire porque ele inscreveu na sua epistemologia crítica a intenção de atingi-la. Freire foi contemplado com o “Prêmio UNESCO da Educação para a Paz” em setembro de 1986. Na ocasião, afirmou com convicção em seu pequeno discurso, em Paris:

De anônimas gentes, sofridas gentes, exploradas gentes aprendi, sobretudo, que a Paz é fundamental, indispensável, mas que a Paz implica lutar por ela. A Paz se cria, se constrói na e pela superação de realidades sociais perversas. A Paz se cria, se constrói na construção incessante da justiça social. Por isso, não creio em nenhum esforço chamado de educação para a Paz que, em lugar de desvelar o mundo das injustiças o torna opaco e tenta miopizar as suas vítimas.<sup>258</sup>

Os DH como instituição vêm se aperfeiçoando em meio a muitos percalços. Essa instituição há que ser assumida como espaço de reflexão teológica e como imperativo ético, moral e cristão por todas as pessoas de boa vontade! O povo de Deus é uma comunidade de discípulos missionários chamados, em uma dinâmica de saída e entrega, a testemunhar e a anunciar o Evangelho, guiados pelo Espírito Santo. Somente uma instituição espiritualmente mais evangélica, teologicamente mais consistente e

---

<sup>257</sup> OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de. *Agenda latino-americana* (2008), artigo: Política e ideologia. Disponível em: <http://www.servicioskoinonia.org/agenda/archivo/portugues/obra.php?ncodigo=7>. Acesso em novembro de 2016 (grifo do autor).

<sup>258</sup> Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/fo/ojs/index.php/faced/article/view/449>. *Educação para a paz segundo Paulo Freire*, por Ana Maria Araújo Freire (Nita). Educação - Porto Alegre – RS, ano XXIX, n. 2 (59), p. 387 – 393, Maio/Ago. 2006. Paulo Freire foi um educador, pedagogo e filósofo brasileiro. É considerado um dos pensadores mais notáveis na história da Pedagogia mundial, tendo influenciado o movimento chamado pedagogia crítica. Acesso em novembro de 2016.

pastoralmente mais aberta à diversidade sociocultural e religiosa, poderá responder ao desafio de trabalhar pela justiça, a paz e o cuidado da casa comum, a partir de uma genuína atenção aos mais pobres e excluídos de nossa época.

Direitos humanos, a rigor, não precisariam ser defendidos, mas acolhidos e respeitados. Mas devido às explorações de pessoas, por exemplo, de trabalho escravo e infantil, práticas de degradação ambiental, monopólio e exploração de trabalhadores e produtores, tráfico de pessoas e de armas, dívidas impagáveis dos países mais pobres, entre outros fatores, levou a uma luta incansável de centros de DH, nos mais diversos níveis, fazendo parte, hoje, da sistemática das sociedades.<sup>259</sup>

Os DH constituem-se na pedra-de-toque da educação para a paz. “A ligação visceral com esses grupos possibilita à educação para a paz a profundidade necessária, uma vez que a paz é e sempre será paz para os humanos, portadores de uma dignidade própria e inalienável”.<sup>260</sup>

### 3.2.2 Círculos de cultura para a paz

Como se pode pensar e viver a paz, instaurando uma cultura de paz num mundo acentuadamente marcado pela indiferença e pela banalização da violência? Como pensar a educação para a paz, quais os seus sentidos e dilemas? A paz implica uma ação coletiva, comunitária e intersubjetiva, prática de conversação e convivência.

O educador brasileiro, Paulo Freire, sempre insistia que sem o diálogo com os oprimidos não é possível uma práxis autêntica,<sup>261</sup> de forma que sua ausência ou presença configura os processos educativos, determinando-os ou como concepção bancária ou como concepção dialógica de educação. “Para quatro características da ação antidialógica - conquista, divisão, manipulação e invasão cultural -, Freire aponta outras quatro características da ação dialógica: colaboração, união, organização e síntese cultural”.<sup>262</sup>

---

<sup>259</sup> GUIMARÃES, Marcelo Rezende. *Educação para a Paz*, p. 255.

<sup>260</sup> GUIMARÃES, Marcelo Rezende. *Educação para a Paz*, p. 256.

<sup>261</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 23. ed., 1994.

<sup>262</sup> GUIMARÃES, Marcelo Rezende. *Educação para a Paz*, p. 257.

Na opinião de Marcelo Guimarães, as iniciativas de educação para a paz poderiam recuperar os círculos de cultura de Paulo Freire recriando-os como círculos de cultura da paz na perspectiva do diálogo, cerne de sua experiência pedagógica. Os círculos de cultura poderiam contribuir num processo de educação para a paz pós-metafísica, tanto no aspecto participativo através do diálogo nas escolas quanto de efetiva ação em prol da paz fora do meio escolar.

Os círculos de cultura fornecem para a educação para paz essa inspiração de reunir pessoas – a ideia do círculo – em torno da preocupação pela paz, como ícone da tarefa que a humanidade necessita realizar. A educação para paz, desta forma, passa a ser significativa como um espaço onde os sujeitos dizem a paz, debatendo suas visões e percepções, ao mesmo tempo em que organizam ações para sua efetivação.<sup>263</sup>

Ao estabelecer-se a comunidade ou grupo de base como referência no processo de educação para a paz, está-se explicitando o que se considera fundamental para o horizonte de sentido e mediação do movimento pacifista e da cultura da paz. Na tradição das comunidades de base e dos movimentos sociais na AL, isso é particularmente importante porque as ações em prol da paz precisam comprometer a todos os envolvidos e afetados pela violência, pois, precisamente, os mais afetados são os mais idôneos para formular propostas adequadas.

Desta forma, os círculos de cultura de paz constituem essa comunidade de sentido, onde a paz e suas exigências emergem como portadoras de significado, lugar da experiência pacifista e da articulação de todo o trabalho pela paz em curso. “Constituindo-se como comunidades interpretativas estáveis, os círculos de cultura de paz permitem superar o episódico de algumas propostas de educação para a paz, instaurando-se como caminho metodológico no processo da educação para a paz”.<sup>264</sup>

Como exemplo de articulação concreta em prol da cultura da paz, dentro do movimento pacifista, sugere-se a experiência da Rede *Em Busca da Paz* que se articula em torno de cinco bandeiras de luta que a identificam:<sup>265</sup>

- Luta contra as armas: químicas, biológicas e bélicas;

<sup>263</sup> GUIMARÃES, Marcelo Rezende. *Educação para a Paz*, p. 257-8.

<sup>264</sup> GUIMARÃES, Marcelo Rezende. *Educação para a Paz*, p. 258.

<sup>265</sup> A Rede *Em Busca da Paz* gestada no início da década de 1990 pela Pastoral da Juventude da Diocese de Santa Cruz do Sul, no Brasil, foi fundada por Marcelo Guimarães com o apoio de um grupo de coordenação e de assessoria da qual fiz parte. Para maiores informações ver: HAMMES, Roque. *Igreja Católica, Sindicatos e Movimentos Sociais*, p. 122-3.



- Objeção de consciência: deve ser respeitado à pessoa o direito de não participar de certas ações por motivos de consciência. Concretamente, a Rede defende o direito às pessoas de não prestarem serviço militar;
- Educação para a paz: realização de diversas atividades em escolas, especialmente as “oficinas para a paz”;
- Solidariedade com os povos em conflito: juventude de Moçambique, Chiapas no México, MST no Brasil;
- Ações para a cidadania: participação na campanha pelo título eleitoral para jovens de 16 anos; participação na campanha contra as minas terrestres; projeto de alfabetização para menores carentes; contra a pena de morte.

### **3.3 Paz como furto do seguimento na misericórdia**

Já se afirmou que seguir Jesus, hoje, é promover a paz! Como se pode entender então que esse processo precisa passar pela misericórdia divina para alcançar sentido de plenitude?

Apesar de vários autores pensarem diversamente, é preciso dizer que o objeto primeiro e imediato da Teologia não é Deus, mas a fé. Decorrente dessa visão há que considerar-se, na opinião de Érico Hammes, a condição hermenêutica da Teologia, ou seja, como a historicidade interpretativa é uma das condições da razão e inteligência humanas, qualquer afirmação ou juízo precisam incluir as categorias de tempo e espaço e as condições culturais. A circularidade interpretativa e as condições existenciais dos sujeitos da fé e o próprio conteúdo da fé fazem parte do fazer teológico!<sup>266</sup>

Defende-se a ideia de que Deus não poderia sacrificar sua justiça pela misericórdia. No entanto, existiria tal intimidade entre o mistério de Deus e sua misericórdia que seria possível reconhecer uma identificação entre ambos. “Tão excelente é essa misericórdia que é o qualificativo distintivo da justiça”.<sup>267</sup>

---

<sup>266</sup> HAMMES, Érico J. *O princípio teológico da misericórdia*, p. 49-76, aqui, p. 50, in: MILLEN, Maria/ZACHARIAS, Ronaldo (orgs.). *O Imperativo Ético da Misericórdia*.

<sup>267</sup> HAMMES, Érico J. *O princípio teológico da misericórdia*, p. 55, in: MILLEN, Maria/ZACHARIAS, Ronaldo (orgs.). *O Imperativo Ético da Misericórdia*.

Para desenvolver a questão da paz como seguimento na misericórdia, é importante perceber como o termo *misericórdia*<sup>268</sup> deve ser entendido.

A compreensão bíblica entende a misericórdia no sentido de um ser e estar orientado, direcionado, no relacionamento com o outro. “Misericórdia, antes de ser uma paixão, uma emoção, é um comportamento, um relacionamento, um modo de ser com o outro, que se realiza, se consuma, como ação, como ato, de socorrer, de ajudar”.<sup>269</sup>

A palavra latina misericórdia no seu significado original, quer dizer ter o coração (*cor*) com os pobres (*miseri*), sentir afeto pelos pobres.<sup>270</sup> Também o termo alemão *Barmherzigkeit* aponta nesta direção. Significa ter um coração compassivo. A misericórdia denota a atitude de quem transcende o egoísmo, transcendendo-se a si mesmo até aos outros, especialmente aos pobres e afligidos. Para Santo Agostinho e São Tomás, as semelhantes palavras *compaixão* e *misericórdia* não são apenas sentimentos suscitados pela experiência do sofrimento do outro, nem são só atitudes unicamente afetivas, mas também, ao mesmo, tempo efetivas, pois procuram combater e superar a carência e o mal.<sup>271</sup> Papa Francisco diria que a misericórdia é o muro que Deus impõe ao mal.

A misericórdia é mais do que o lado visível e operativo da essência de Deus, que é amor (cf. Jo 4,8; 16); a misericórdia expressa a essência divina, que se encontra graciosamente virada [Sic!] para o mundo e para os seres humanos e que se torna a virar para eles uma e outra vez na história, isto é, a bondade e o amor inerentes a Deus. A misericórdia é a *caritas operativa et effectiva* de Deus. E deve, por isso, ser tida o principal atributo de Deus.<sup>272</sup>

Em hebraico existe a palavra *hessed* para dizer fidelidade e a palavra *rahamin* para significar a afeição entranhada de uma mãe com sua criança. Talvez, melhor do que fidelidade ao coração se possa dizer fidelidade ao *ventre*, pois a misericórdia é um amor que brota das entranhas mesmas de Deus, de seu ventre ou útero (hebraico:

<sup>268</sup> O tema da misericórdia ganhou maior relevância nos últimos tempos a partir do Papa Francisco, de Walter Kasper e do Congresso da Sociedade de Teologia Moral, realizado em 2016, que resultou no livro: *O Imperativo Ético da Misericórdia*. Editora: Santuário, 2016.

<sup>269</sup> STEINER, Leonardo Ulrich. *Ética da misericórdia*, p. 17-48, aqui p. 35, in: MILLEN, Maria/ZACHARIAS, Ronaldo (orgs.). *O Imperativo Ético da Misericórdia*.

<sup>270</sup> KASPER, Walter. *A Misericórdia*, p. 37.

<sup>271</sup> KASPER, Walter. *A Misericórdia*, p. 38.

<sup>272</sup> KASPER, Walter. *A Misericórdia*, p. 114 (grifo do autor).

*rahamin* = amor visceral; *rehem* = ventre materno, útero materno).<sup>273</sup> Seu correspondente na tradução grega é *éleos* e *splagna* com seus derivados. Assim, etimologicamente, o termo misericórdia remete ao útero e por isso traz consigo o sentido de bondade maternal e paternal.<sup>274</sup> O termo misericórdia ocorre 369 vezes na Bíblia.<sup>275</sup>

Grande parte das tradições religiosas tem resistência à ideia de um Deus misericordioso. Diante de Auschwitz e de tantas experiências de sofrimento humano, como a fome, o crime organizado, assassinatos, dependência química, tráfico humano, etc, Walter Kasper traduzindo a pergunta de Jacques Derrida sobre o perdão questiona: Como poderia um Deus que deve ser visto como justo mostrar-se misericordioso?<sup>276</sup> Que justiça futura poderia compensar o infinito sofrimento de tantas vítimas?

Onde está a misericórdia aí está o Espírito de Deus, já ensinava Santo Ambrósio - frase repetida seguidamente por Papa Francisco. É desta forma que Deus age, e neste agir, a misericórdia cria a justiça: uma justiça libertadora, uma justiça salvadora. Como o conceito de misericórdia pode ser relacionado à construção da paz, será o seguinte ponto da reflexão.

### 3.3.1 Misericórdia como práxis de paz

Deus é misericórdia ou não vale a pena que se defenda sua existência! “O nome de Deus é misericórdia. A misericórdia é uma das mais radicais formas de compreender o Mistério Divino”.<sup>277</sup> A misericórdia é a capacidade de identificar-se com outra pessoa assumindo sua realidade mais profunda. Por isso, a misericórdia tem o sentido de compaixão!

Jon Sobrino parte do *princípio misericórdia*,<sup>278</sup> intuído como estrutura fundamental da re-ação diante das vítimas deste mundo, em que seu sofrimento é interiorizado. Trata-se de um amor específico que está na origem de um processo,

<sup>273</sup> STEINER, Leonardo Ulrich. *Ética da misericórdia*, p. 36, in: MILLEN, Maria/ZACHARIAS, Ronaldo (orgs.). *O Imperativo Ético da Misericórdia*.

<sup>274</sup> HAMMES, Érico J. *O princípio teológico da misericórdia*, p. 51, in: MILLEN, Maria/ZACHARIAS, Ronaldo (orgs.). *O Imperativo Ético da Misericórdia*.

<sup>275</sup> LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*, p. 1150.

<sup>276</sup> KASPER, Walter. *A Misericórdia*, p. 46.

<sup>277</sup> HAMMES, Érico J. *O princípio teológico da misericórdia*, p. 71, in: MILLEN, Maria/ZACHARIAS, Ronaldo (orgs.). *O Imperativo Ético da Misericórdia*.

<sup>278</sup> SOBINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, 1994.

permanecendo ativo ao longo dele, dando-lhe direção e configurando os diversos elementos dentro do processo. Deus-Pai é um Deus bom, cuja bondade se concretiza na parcialidade em favor da vida dos pobres. Ele ama com ternura os privados de vida, a tal ponto de identificar-se misericordiosamente com as vítimas deste mundo.<sup>279</sup> A misericórdia é o princípio fundamental da atuação de Deus e de Jesus, e deve ser também o da resolução de conflitos. Um Deus próximo e, ao mesmo tempo, transcendente e imaniplável. É o Deus Maior da Criação e do Êxodo, mas é também o Deus Menor da Paixão e da Cruz. Um Deus que não apenas está em favor das vítimas, mas está também à mercê dos verdugos. Esse Deus misterioso e bom é o centro da confissão de fé de nosso autor.

O *princípio misericórdia* interpela a dureza de coração de nosso mundo atual que tende a manter no esquecimento o rosto do outro, especialmente o do pobre e da vítima. Neste sentido, pode-se indagar se no princípio misericórdia, elaborado pela cristologia de Jon Sobrino, não estaria a chave metodológica para o seguimento a Jesus Cristo na paz através de uma leitura hermenêutica deste princípio na contemporaneidade.

Na opinião do Jon Sobrino, o sacrifício de Jesus, segundo a carta aos Hebreus, deve ser lido como consequência e expressão de sua misericórdia e de sua fidelidade. Jesus é o rosto da misericórdia do Pai.<sup>280</sup> Com sua palavra, os seus gestos e toda a sua pessoa, Jesus de Nazaré revela a misericórdia de Deus em pessoa! O homem perdoado é capaz de misericórdia.<sup>281</sup> Na história do bom e misericordioso samaritano Jesus, então, perguntou ao mestre judeu: "Qual dos três foi o próximo do homem, que caiu nas mãos dos assaltantes?". A resposta estava correta: "Aquele que teve misericórdia dele". E Jesus diz: "Vá, e faça a mesma coisa" (cf. Lc 10, 30-37). Na medida em que se exerce a relação misericordiosa vai-se construindo a possibilidade de relações de paz!

Em termos teológicos sobrinianos, há um pensar para erradicar o sofrimento, transformando-o em alegria, para erradicar a morte e promover a vida. "Existe um pensar imbuído de admiração e esperança, mas há igualmente um pensar imbuído de sofrimento e misericórdia".<sup>282</sup> Dentro desta perspectiva, percebe-se que, para o teólogo salvadorenho, há uma relação intrínseca entre misericórdia e o tipo de sofrimento enfrentado. A forma pacífica que a misericórdia alcança se configura como resposta à

<sup>279</sup> SOBRINO, Jon. *O princípio misericórdia*, p. 23.

<sup>280</sup> FRANCISCO, Papa. *Misericordiae Vultus*, p. 9.

<sup>281</sup> SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p. 209.

<sup>282</sup> SOBRINO, Jon. *O princípio misericórdia*, p. 74.

situação que causa o sofrimento. Assim, dá-se a passagem da Teologia meramente especulativa para uma Teologia comprometida enquanto *intellectus amoris*, já que esta não somente deriva da misericórdia, mas é sua manifestação mais eloquente. Portanto, há uma estreita relação entre Teologia e prática da misericórdia. A Teologia é assim concebida como *intellectus amoris* e mais particularmente *intellectus misericordiae*. É um fazer teológico em defesa das vítimas, dos pobres, introduzindo-os no âmbito da realidade teologal.

Neste contexto de sociedade injusta, desumana e pecaminosa, e da necessidade de fazer Teologia como inteligência do amor e da justiça, brota a intuição de Jon Sobrino ao referir-se à misericórdia como princípio configurador da vida humana e cristã. É essencial “o exercício da misericórdia de Deus que se inclina para o fraco no que tem de fraco”.<sup>283</sup>

Caracterizado o *princípio misericórdia* que carrega, em seu interior, um forte apelo unificador e configurador, gerador de paz - *Frieden, Shalom* (plenitude) - pode-se buscar em chave hermenêutica, como na tradição da fé judaico-cristã, a paz como fruto da relação amorosa de Deus que se revela *com-paixão* misericordiosa (cf. Mc 6, 34; Mt 9, 36). Ou seja, Jesus, rosto misericordioso do Pai e Príncipe da Paz, é a promessa da paz divina, descida na Terra para as pessoas de boa vontade (cf. Lc 2, 14) em forma de práxis. Por isso pode-se dizer que no modo da comunicação intratrinitária encontra-se a fundamentação da relação da misericórdia como práxis de paz. “Na revelação comunicativa da misericórdia em Jesus de Nazaré, manifesta-se a realidade misericordiosa do Pai e do Espírito Santo como trindade misericordiosa comunal”.<sup>284</sup> Na plenitude da comunhão pacífica e pacificadora, é possível proclamar que Jesus Cristo é nossa paz (cf. Ef. 2, 14-18).

Para Sobrino, o *princípio misericórdia* é o princípio fundamental da atuação de Deus e de Jesus, e deve ser também o princípio que norteia a ação evangelizadora da Igreja. Da mesma forma como o amor, assim também a misericórdia e a paz são elementos essenciais de uma dimensão que precisa ser aprendida. A não-violência é uma opção da razão. Márcio Fabri dos Anjos distingue a *misericórdia racional* e a *razão misericordiosa*. A primeira se caracteriza por conhecimentos racionais sobre a

<sup>283</sup> SOBRINO, *O princípio misericórdia*, p. 204.

<sup>284</sup> HAMMES, Érico J. *O princípio teologal da misericórdia*, p. 73, in: MILLEN, Maria/ZACHARIAS, Ronaldo (orgs.). *O Imperativo Ético da Misericórdia*.

misericórdia, a segunda preocupa-se com a escolha livre de colocar-se a serviço do fragilizado. É fundamental aprender a razão misericordiosa.<sup>285</sup>

O amor é tensão e satisfação, é desejo e hostilidade, alegria e dor! Assim é também com a solidariedade e o diálogo ecumênico e inter-religioso em busca da paz: um não existe sem o outro! “Aquele que não ama não conheceu a Deus porque Deus é Amor” (1Jo, 4, 8)! Se Deus é Amor, tem que ser relação, alteridade, Pessoa! Pessoa é vida no amor e na misericórdia. A misericórdia, elevada a princípio, se tornou o método do conteúdo teológico sobriniano, a partir do qual se pode dizer que o amor-misericórdia na paz nos faz afins a Deus. A experiência teologal de Sobrino, marcada por alegrias e sofrimentos, é sua expressão mais eloquente da misericórdia de Deus, nascida do coração da Trindade e testemunhada pela própria vida, na mais profunda solidariedade com as vítimas desse mundo. Solidariedade misericordiosa pode, então, ser entendida como práxis de paz. “Deixo-vos a paz, minha paz vos dou” (Jo 14, 27).

### 3.3.2 Solidariedade com os pobres, fundamento do Ecumenismo

O descobrimento da realidade dos pobres é, de direito, a origem da solidariedade, cuja resposta é uma exigência ética e, além disso, uma prática salvífica para os que se solidarizam com os pobres. Na ajuda aos pobres se adquire “olhos novos” para ver a verdade; “novo ânimo” para percorrer caminhos desconhecidos e a “experiência de sentido” para a própria vida. Trata-se do exercício da corresponsabilidade como algo bom, plenificante e salvífico.<sup>286</sup>

A volta da Igreja ao mundo dos pobres constitui uma solidariedade fundamental com a qual a Igreja realiza sua missão e mantém sua identidade. A partir da solidariedade, Jon Sobrino, foca em três realidades: na catolicidade, na ajuda missionária e no movimento ecumênico.<sup>287</sup>

Na *catolicidade*, uma das notas da Igreja, aparece o problema do um e do múltiplo ou a universalidade e a localidade. Em virtude da universalidade da Igreja se fomentava, até há pouco tempo, a mesma doutrina, uma mesma forma de administração, mesma teologia que, a partir do Vaticano II, rachou, em nome do *pluralismo*,

<sup>285</sup> ANJOS, Márcio Fabri dos. *Crítica a sentidos éticos da misericórdia*, p. 77-96, aqui p. 94-95, in: MILLEN, Maria/ZACHARIAS, Ronaldo (orgs.). *O Imperativo Ético da Misericórdia*.

<sup>286</sup> SOBRINO, Jon. *O princípio misericórdia*, p. 222.

<sup>287</sup> SOBRINO, Jon. *O princípio misericórdia*, p. 224.

acentuando a diversidade de expressões litúrgicas, pastorais e teológicas. No entanto, Sobrino questiona o modelo pluralista porque não atribui maior importância eclesial ao que na Igreja existe de “local”, devido à situação histórica, econômica, social e política, nem se introduz neste modelo a “corresponsabilidade”, o “suportar-se mutuamente” como forma de catolicidade. Portanto, catolicidade significa corresponsabilidade direta entre as igrejas locais, dando e recebendo, ensinando e aprendendo, suportando-se mutuamente na fé.<sup>288</sup> Sem prejuízo do vínculo entre Jesus Cristo, “verdadeira videira”, como o centro e fundamento da Igreja (cf. Jo 15, 1-5).

Uma forma concreta e importante da catolicidade da Igreja é sua *atividade missionária*, entendida como solidariedade. Sobrino diz que a solidariedade introduz uma *circularidade* na categoria teológica do envio, quer dizer, não só como dar, mas também como receber e aí pergunta: o que significa missionar a América Latina? Conclui dizendo da necessidade de levar a sério o destinatário da evangelização que não é qualquer “homem”, o “pagão”, mas é o pobre, porque é o destinatário privilegiado do amor de Deus e da ação de Jesus.<sup>289</sup>

Para Sobrino, a atividade missionária é, fundamentalmente, solidariedade entre as igrejas locais. A atitude ecumênica supõe o mútuo respeito e aceitação; e supõe, sobretudo, a necessidade e urgência de unidade entre as diversas confissões.<sup>290</sup> Essa postura está em continuidade com a declaração conjunta em vista dos 500 anos da Reforma Luterana em que se diz na expressão *passando do conflito à comunhão*: “Rejeitamos categoricamente todo o ódio e violência, passados e presentes, especialmente os implementados em nome da religião”.<sup>291</sup> Jesus quer misericórdia e não sacrifício, pois veio não para chamar os justos, mas os pecadores (cf. Mt 9, 13). A misericórdia é mais importante que normas e preceitos.

Ao redelinear os pressupostos do ecumenismo, Sobrino, afirma: “Uma solidariedade interconfessional sem uma prévia solidariedade com os pobres deste mundo é irrelevante, anticristã e historicamente difícil”.<sup>292</sup> E conclui: “Antes de buscar a

<sup>288</sup> SOBRINO, Jon. *O princípio misericórdia*, p. 226-228.

<sup>289</sup> SOBRINO, Jon. *O princípio misericórdia*, p. 232.

<sup>290</sup> SOBRINO, Jon. *O princípio misericórdia*, p. 235.

<sup>291</sup> Disponível em: <http://www.luteranos.com.br/textos/confessionalidade-luteranos-em-contexto/declaracao-conjunta-por-ocasio-da-comemoracao-conjunta-catolico-luterana-da-reforma>. Acesso em 21 de setembro de 2017.

<sup>292</sup> SOBRINO, Jon. *O princípio misericórdia*, p. 236.

‘unidade’ das igrejas, é preciso buscar, portanto, a ‘verdade’ da Igreja, na qual podem se unir as diversas confissões”.<sup>293</sup>

As reflexões aqui resumidas querem mostrar como a solidariedade oferece um modelo para que as igrejas ou confissões mantenham, recobrem ou aumentem sua identidade em relação com outras igrejas e confissões. A fé, sendo um ato pessoal, é vivido em comunidade. O mistério de Deus, formulado na revelação e no magistério da Igreja, não quer dizer que todos o captem da mesma forma e em igual grau. À medida que surgem novas concreções na captação do mistério de Deus, ele sempre se mostra imanipulável.<sup>294</sup>

Refletindo a implicação mútua entre as religiões e a busca da paz, Hans Küng, afirma que “não haverá sobrevivência sem uma ética mundial. Não haverá paz no mundo sem paz entre as religiões. E sem paz entre as religiões não haverá diálogo entre as religiões”.<sup>295</sup> O teólogo suíço-alemão, Hans Küng, ainda afirmou recentemente por ocasião da comemoração dos 500 anos da Reforma Luterana: “No nosso mundo globalizado e laicizado, o cristianismo só terá credibilidade se se posicionar como comunidade de verdadeira diversidade reconciliada”.<sup>296</sup> Neste contexto recebem especial relevância os cinco imperativos ecumênicos pelos quais luteranos e católicos podem comemorar juntos no ano de 2017 os 500 anos da Reforma Luterana: *partir da perspectiva da unidade e não da divisão; deixar-se transformar pelo encontro e pelo testemunho mútuo da fé; busca da unidade visível; redescobrir a força do Evangelho de Jesus Cristo; testemunhar juntos a graça de Deus*.<sup>297</sup> Por isso, é necessário que o diálogo ecumênico e a busca da compreensão recíproca continuem entre teólogos e historiadores, sobretudo sobre temas como a justificação, a eucaristia, o ministério, a Escritura e a tradição.

A concepção sobriniana passa por um processo de confronto com a injustiça e a opressão do povo Latino-americano, no qual a opção preferencial pelos pobres é uma

<sup>293</sup> SOBRINO, Jon. *O princípio misericórdia*, p. 238 (grifo do autor).

<sup>294</sup> SOBRINO, Jon. *O princípio misericórdia*, p. 243.

<sup>295</sup> KÜNG, Hans. *Projeto de Ética Mundial: uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*. 3. Ed., São Paulo: Paulinas, 2001, p.7.

<sup>296</sup> Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/565331-os-500-anos-da-reforma-uma-oportunidade-historica-artigo-de-hans-kueng>. Acesso em abril de 2017.

<sup>297</sup> PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS E FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL. *Do Conflito à Comunhão*. Comemoração conjunta católico-luterana da Reforma em 2017, 1. ed., Brasília: Edição conjunta Edições CNBB e Editora Sinodal, 2016, p. 90.



exigência evangélica, não só como uma verdade a ser reafirmada, mas como uma boa nova que produza alegria e possibilidade de vida plena (cf. Jo 10, 10).

A base comum para o ecumenismo, conforme Jon Sobrino é, portanto, a solidariedade das confissões com os pobres, sendo que solidariedade é suportar-se mutuamente na fé. Rudolf von Sinner, complementando, sugere três valores que poderiam ajudar em um empenho ecumênico em busca da paz: *confiança, esperança e serviço*.<sup>298</sup> Urge então, continuar construindo uma caminhada em comum que testemunhe a unidade na diversidade, pois a Igreja - *Ecclesia semper reformanda*, - está em constante purificação e renovação, e enquanto houver história, haverá um longo caminho a percorrer para aperfeiçoar a convivência humana na paz!

### 3.4 Espiritualidade do seguimento na paz

A espiritualidade do seguimento como relação à transcendência, à pessoa consigo mesma, com o próximo e à natureza quer ser entendida aqui em vista do seguimento de Jesus na paz. Buscar a compreensão da realidade, sem subterfúgios, é condição necessária de despojamento para uma espiritualidade da paz.

O termo *espiritualidade* deriva de várias palavras com significados correlatos que transcendem o visível: vem do latim *Spiritus*, do hebraico *Ruah*, do grego *Pneuma*, do alemão *Geist* e significa sopro, respiração, hálito, movimento do ar ou vento. Denota dinamicidade, movimento, força renovadora, espírito, vida. Na espiritualidade cristã significa participação no mistério de Jesus Cristo. A espiritualidade cristã é um modo de ser, de sentir, de viver, de compreender a vida, tendo como referencial a pessoa e a práxis de Jesus de Nazaré.

Jon Sobrino afasta todo tipo de abstração e toda forma de entender a espiritualidade relacionada a um universo puramente espiritual, invisível e imaterial. Vida espiritual não é outra coisa senão vida em espírito e, mais especificamente, vida com espírito de Jesus.<sup>299</sup> A vida é a realidade mais abrangente da qual as práticas espirituais constituem expressão e para a qual são iluminação e motivação. Assim, Sobrino entende por espiritualidade o viver na história, fazê-la e padecê-la segundo o Espírito de Deus que está entre nós. “Concretamente, a espiritualidade não é senão

<sup>298</sup> SINNER, Rudolf von. *Confiança e convivência*, p. 76-79.

<sup>299</sup> SOBRINO, Jon. *Espiritualidade da libertação*, p. 10.

realizar a fé, a esperança e a caridade; porém realizá-las concretamente na história, tal como o Espírito vai possibilitando e exigindo”.<sup>300</sup>

A cristologia sobriniana procura atualizar os pressupostos da contínua ação de Deus na História, porque a experiência espiritual é dimensão essencial da Teologia<sup>301</sup>, e nem sempre aparece integrada à realidade atual. No caso da realidade de violência e opressão na AL e na conseqüente opção pelos pobres e vítimas, Vera Bombonato refere que para Sobrino, a espiritualidade é uma dimensão tão primigênia quanto a libertação, e ambas estão relacionadas e se exigem mutuamente. “Além disso, a espiritualidade na teologia é também integradora das outras dimensões: corporeidade, socialidade, ‘praxidade’ e ‘utopicidade’ do ser humano”.<sup>302</sup>

A espiritualidade do seguimento não separa a experiência espiritual do compromisso cristão. O teólogo salvadorenho propõe um caminho concreto para superar essa dicotomia, entendendo a experiência espiritual como ato primeiro do fazer teológico.<sup>303</sup>

Como consequência para o seguimento na paz, Sobrino elenca quatro exigências fundamentais da espiritualidade que coincidem com os quatro momentos da vida de Jesus, explicitados por Bombonato: encarnação parcial na história; missão libertadora em favor das vítimas; morte na cruz e ressurreição.<sup>304</sup> Esses elementos já foram dispersamente abordados. Porém, pergunta-se: quais os frutos de espiritualidade que essas exigências geram na vida de quem segue Jesus com espírito? Qual a possibilidade de viver a paz?

#### 3.4.1 Espiritualidade como relação à transcendência

Na visão de Jon Sobrino existe uma relação recíproca entre Teologia e Espiritualidade. O Autor atribui à Teologia, toda ela espiritual, três adjetivos: teologal, popular e criatural.<sup>305</sup> O aspecto teologal - que interessa a este ponto - compreende uma dimensão mistagógica: introduzir a pessoa na realidade de Deus, mistério transcendente

---

<sup>300</sup> SOBRINO, Jon. *Espiritualidade da libertação*, p. 150.

<sup>301</sup> SOBRINO, Jon. *Espiritualidade da libertação*, p. 59.

<sup>302</sup> BOMBONATTO, Vera. *Seguimento de Jesus*, p. 385.

<sup>303</sup> SOBRINO, Jon. *Espiritualidade da libertação*, p. 87.

<sup>304</sup> BOMBONATTO, Vera. *Seguimento de Jesus*, p. 386.

<sup>305</sup> SOBRINO, Jon. *Espiritualidade da libertação*, p. 89.

e não manipulável, levando-a a fazer a experiência de Deus e dispondo-a à oração e à abertura à palavra de divina, como recorda São Paulo: “Pois nele vivemos, nos movemos e existimos” (At 17, 28). Além disso, o aspecto teologal deve desenvolver uma teologia da história, para que sua práxis não seja apenas uma exigência ética, mas teológica e trinitária.<sup>306</sup>

Ao assumir a natureza humana, Jesus optou pela pobreza e simplicidade. Tornou-se pobre com os pobres, assumindo a sua causa. Por serem os preferidos de Deus, os pobres são lugar teológico - *locus theologicus* - da experiência espiritual; eles nos levam ao encontro profundo com o Senhor. “Para Jon Sobrino, a encarnação no mundo dos pobres, a exemplo de Jesus, é uma exigência fundamental para a vivência da espiritualidade e tem como fruto a santidade da pobreza”.<sup>307</sup>

Sobrino comentando o livro de Gustavo Gutiérrez: *Beber no próprio posso*,<sup>308</sup> lembra que encontrar o Senhor é, antes de mais nada, ser encontrado por Ele (...) Ser encontrado pelo Senhor é a experiência do amor de Deus, experiência insubstituível e de caráter fundamental e fundante. E conclui, maravilhosamente: Quem se sabe amado por Deus, melhor amará o irmão; quem foi purificado no olhar por Deus, com mais limpidez verá o mundo do pobre; quem mais experimentou a misericórdia e o perdão de Deus, mais misericordioso e compreensivo será!<sup>309</sup>

A santidade do amor, para Sobrino, consiste em viver e exercer a missão que Jesus confiou aos seus seguidores no espírito das Bem-aventuranças. Consequentemente, ser promotor da paz (cf. Mt 5, 9), significa lutar pelo fim dos conflitos e ser agente de reconciliação universal. Bombonato, nas palavras de Sobrino lembra que perdoar a quem nos ofende é um ato de amor e um modo de amar os inimigos. Oferecer e aceitar o perdão liberta o ser humano para conhecer a Deus, particularmente em sua dimensão essencial de gratuidade e de parcialidade.<sup>310</sup>

Deus não quer o sofrimento e a morte, mas a vida em plenitude para todos os seres humanos (cf. Jo 10, 10). Por conseguinte, a espiritualidade cristã não está centrada na cruz e no sofrimento, mas no amor fiel e consequente de quem entrega livremente, a própria vida. Na visão sobriniana, o ressuscitado é o crucificado, e viver como ressuscitados na história produz como fruto a santidade do gozo. À ação dos homens de

<sup>306</sup> SOBRINO, Jon. *Espiritualidade da libertação*, p. 89-90.

<sup>307</sup> BOMBONATTO, Vera. *Seguimento de Jesus*, p. 386.

<sup>308</sup> SOBRINO, Jon. *Espiritualidade da libertação*, p.72.

<sup>309</sup> SOBRINO, Jon. *Espiritualidade da libertação*, p. 74.

<sup>310</sup> BOMBONATTO, Vera. *Seguimento de Jesus*, p. 388.

matar o justo e inocente, Deus responde devolvendo-lhe a vida em plenitude. “Assim, a transcendência estará presente nas condições históricas da existência, desafiando nossa capacidade de reconhecer a presença do ressuscitado caminhando conosco”.<sup>311</sup>

A espiritualidade dos discípulos de Jesus assume um caráter de seguimento, que exige olhos novos para ver a verdade da realidade, a verdade dos seres humanos e a verdade de Deus, e ainda, um coração misericordioso para *descer da cruz os povos crucificados*,<sup>312</sup> espelhando-se em Jesus que buscou constantemente a vontade do Pai, por meio de uma atitude de constante discernimento.

A espiritualidade como relação à transcendência consiste, então, segundo Sobrino, em caminhar com Deus na misericórdia e descer da cruz os povos crucificados. Essa espiritualidade cristã será, por isso, misericordiosa, missionária e samaritana. Deverá ser uma relação de fidelidade a Deus, de verdade para consigo mesmo, de solidariedade e de cooperação para com o próximo e de comunhão e de cuidado para com a natureza. E no espírito das Bem-aventuranças, gera felicidade para os que trabalham pela paz!

### 3.4.2 Espiritualidade em relação consigo mesmo

O ser humano sempre procurou dar um sentido à sua vida e se aprofundar em sua existência. Tem a necessidade de cultivar uma relação sadia para consigo mesmo, que seja autêntica, verdadeira. E a espiritualidade cristã tem contribuído para o autoconhecimento. Ninguém se compraz com os conflitos e as inquietações. O seguimento exige a ligação da fé com a vida.

A espiritualidade é o caminho da liberdade e da paz. Segundo Alfonso Garcia Rubio, a liberdade de Jesus não tem seu fundamento na subjetividade fechada em si mesma, negadora da alteridade, mas se alimenta da íntima relação vivida com o Pai. O modo pelo qual Jesus se relaciona com o Pai e a qualidade dessa relação constitui o sinal mais fundamental da presença do Reino de Deus.<sup>313</sup> Sem disponibilidade para o amor-serviço, a oração não leva à experiência do Reino de Deus.<sup>314</sup> O encontro com

<sup>311</sup> BOMBONATTO, Vera. *Seguimento de Jesus*, p. 394.

<sup>312</sup> SOBRINO, Jon. *O Princípio Misericórdia*, p.16-28.

<sup>313</sup> RUBIO, Alfonso Garcia. *O Encontro com Jesus Cristo Vivo*, p. 73.

<sup>314</sup> RUBIO, Alfonso Garcia. *O Encontro com Jesus Cristo Vivo*, p. 79.

Jesus Cristo vivo - ressuscitado - deve dar-se a partir da prática libertadora de Jesus Cristo. No contexto da realidade Latino-americana, com a necessária adequação da linguagem, respeitando a emergência da subjetividade, aberta ao transcendente e em atitude dialógica e crítica, há de encontrar-se um caminho seguro para um encontro vivo e significativo com Jesus Cristo. A pessoa vai se dispondo em sua dinâmica de interioridade e contextualização, condições necessárias para o seguimento.

A espiritualidade é uma dimensão da experiência humana que exige uma expansão em todos os sistemas teóricos e práticos e engloba as interações bio-psico-socio-espirituais (Walsh 2010). Como já foi observado, para Sobrino não basta só despertar a mudança da mente. É necessário mudar os olhos para ver a realidade e mudar o coração de pedra em coração de carne, “deixando-se mover pela compaixão e pela misericórdia”. Trata-se, portanto, de uma tríplice descoberta: a descoberta da “revelação da verdade da realidade e, através dela, da verdade do ser humano e da verdade de Deus”.<sup>315</sup>

O que significa ser humano, à luz da revelação cristã? A concepção do ser humano como “pessoa” é originalmente cristã. Uma vida, mal vivida, é potencialidade para ação que gera outro mal. Muitas vezes esta vida é assim induzida por aprendizagem. Como entender, por exemplo, o fascínio de alguém que delira e se sente extasiado quando consegue matar, torturar e levar outros ao sofrimento?

Os aspectos antropológicos da violência humana revelam-se em muitas dimensões: quanto à natureza; quanto às relações pessoais; quanto à genética; quanto à cultura. O combate de uma violência automaticamente gera mecanismos de revide e de outra violência, seja física ou simbólica. Como cultivar então, uma relação ou uma espiritualidade que ultrapasse a dimensão apenas da paz interior? Que concepção de ser humano será capaz de transcender o *homo homini lupus* - o homem lobo do homem - na expressão popularizada de Thomas Hobbes, em sua visão de Estado? A espiritualidade para o seguimento na paz não deveria ser mais abrangente? Segundo Sobrino, sem solidariedade não há mística de misericórdia e justiça! A solidariedade implica em deixar-se afetar pela realidade dos outros seres humanos.<sup>316</sup>

---

<sup>315</sup> SOBRINO, Jon. *O princípio misericórdia*, p. 16.

<sup>316</sup> SOBRINO, Jon. *Onde está Deus*, p. 50-1.

Leonardo Boff refere a uma ecologia mental,<sup>317</sup> um tipo de mentalidade, cujas raízes alcançam épocas anteriores à nossa história moderna, incluindo a profundidade da vida psíquica humana consciente e inconsciente, pessoal e arquetípica. Haveria um antropocentrismo em que os demais seres só teriam sentido quando ordenados ao ser humano, e que estariam aí disponíveis a seu bel-prazer. Esta estrutura quebraria com a lei mais universal do universo: a solidariedade cósmica na qual todos os seres seriam interdependentes, dentro de uma teia intrincadíssima de relações.

O ser humano está em relação ao mistério de Deus “porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5, 5). A vida cristã no Espírito situa a espiritualidade da paz no seu centro, pois “o desejo da carne é a morte, ao passo que o desejo do espírito é a vida e a paz” (Rm 8,6). Uma espiritualidade da paz consiste na disponibilidade permanente da pessoa ao mistério divino. Pela reconciliação com o universo maior o ser humano é capacitado a levantar após as quedas e recomeçar o caminho, reforçado pela santidade, pela bondade e pelo autoconhecimento.

Para o filósofo e teólogo, Romano Guardini, não pode haver limites para o perdão e a liberdade para quem quer progredir no aperfeiçoamento. A fragilidade é sempre oportunidade para recomeçar. Paciência para consigo mesmo seria o alicerce de todo progresso, pois em Deus, paciência e bondade, se identificam.

O homem é ser finito, mas pessoa autêntica; insuprimível na sua essência, inalienável na sua dignidade, insubstituível na sua responsabilidade. E a história não se processa como o prescreve a lógica de uma essência do mundo, ela é o que o homem livremente determina que seja.<sup>318</sup>

Liberdade com responsabilidade talvez seja o imperativo espiritual que esteja faltando ao estilo de vida pautado pelo Evangelho, que visa imitar a pessoa de Jesus. Seremos espirituais quando pudermos dizer, com sinceridade, como o Paulo apóstolo: “Já não sou mais eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” (Gl 2, 20).

---

<sup>317</sup> BOFF, Leonardo. *Princípio-Terra. A volta à terra como Pátria comum*. São Paulo: Ática, 1995.\_\_\_\_\_. *Ecologia. Grito da Terra*. São Paulo: Ática, 1993.\_\_\_\_\_. *Saber cuidar. Ética do humano: compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 1999.

<sup>318</sup> GUARDINI, R. *O fim da Idade Moderna*. Tradução: M.S. Lourenço, Lisboa: Edições 70. (Original publicado em 1950), 2000, p. 67.

### 3.4.3 Espiritualidade na relação ao próximo

Considerando que para Sobrino a espiritualidade é dimensão essencial da Teologia, pode-se afirmar que o seguimento de Jesus é a melhor forma de explicitar a identidade cristã.

O outro/próximo assume um lugar vital na espiritualidade, segundo a ética da alteridade em Emmanuel Levinas. Herodes queria ver Jesus (cf. Lc 9, 7-9) para defender-se da ameaça que Jesus representava à sua conduta espúria, ao passo que Zaqueu queria ver Jesus quando, na verdade foi visto, ou melhor, deixou-se ver por Jesus (cf. Lc 19, 5). Deixar-se ver significa estar disposto a acolher o gesto do outro que vem ao encontro e comprometer-se com o rosto do outro que interpela. Na contemplação do rosto do outro homem se encontra a identidade de um ser, e também certa vulnerabilidade e transcendência, a ideia do infinito, expressão original que, antes de tudo, é ética. O rosto em sua nudez revela a privação do pobre e do desconhecido.<sup>319</sup>

Levinas desenvolve a “assunção do Outro” na sua reflexão sobre a dimensão transcendental do ser humano. Percebe o outro como o lugar do encontro com o Outro e não somente um caminho, uma mediação. Aqui está uma chave de leitura para a não-violência: “Não matarás”, não é apenas uma simples regra de conduta, mas representa o princípio do próprio discurso e da vida espiritual. Encontrar-se com o outro é conversar, conhecer e deixar-se conhecer, responsabilizando-se pelo outro sem esperar reciprocidade, pois é pela bondade que o homem se torna artesão da paz. A bondade é a verdadeira resposta à solicitude do rosto do outro.<sup>320</sup>

O que é último em cada pessoa deve ser realizado na abertura à fé pessoal dos outros. Jon Sobrino afirma que o povo pobre, com seu sofrimento e luta pela vida, converteu-se em carta aberta de Deus dirigida aos homens, à Igreja e à Teologia. Deixando-se contaminar pelo potencial evangelizador dos pobres, a Teologia tornar-se-á solidária e real.<sup>321</sup>

Espiritualidade em relação ao próximo refere-se aos necessitados concretos de solidariedade, que significa suportar-se mutuamente na fé. Exemplo profético é a iniciativa da campanha que deve envolver toda a *Rede Caritas* na resposta ao apelo do

<sup>319</sup> MULLER, Jean-Marie. *O princípio da não-violência*, p. 62-3.

<sup>320</sup> MULLER, Jean-Marie. *O princípio da não-violência*, p. 65.

<sup>321</sup> BOMBONATTO, Vera. *Seguimento de Jesus*, p. 384.

Papa Francisco para acolher a “cultura do encontro” diante da vida de imigrantes e refugiados. De acordo com a *Caritas*, as pessoas serão encorajadas a refletir, aproximando imigrantes, refugiados e comunidades com o objetivo de mudar corações e mentalidades.<sup>322</sup> Atitude profética foi também a posição da CNBB, em 2015, contra a redução da Maioridade Penal.<sup>323</sup> É a espiritualidade do cuidado com o outro.

Como ensina o Papa Francisco: “Ninguém se salva sozinho, isto é, nem como indivíduo isolado, nem por suas próprias forças” (EG, nº 113). Como sinal de amor, o povo de Deus é chamado a ser os olhos, os ouvidos, as mãos, a boca e o coração de Cristo no mundo; a ser servidor, assumindo o forte compromisso ético do cuidado de uns com os outros, com especial ênfase com os mais frágeis.

Na Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* de Paulo VI, fala-se sobre a missão dos fieis leigos enviados ao vasto e complicado campo da política, da realidade social e da economia, como também o da cultura, das ciências e das artes, da vida internacional, dos "mass media" e, ainda, a outras realidades abertas para a evangelização, como sejam o amor, a família, a educação das crianças e dos adolescentes, o trabalho profissional e o sofrimento (EN nº 70).<sup>324</sup> Trata-se de uma espiritualidade encarnada no chão da vida.

Desde Puebla (1979), insiste-se, mais fortemente na AL, na ligação Fé-Vida, em que haveria um pé na esfera política, e outro na esfera eclesial, aprofundando as motivações teológicas do compromisso de seguir Jesus. Insistia-se na dupla inviscação (é o termo certo): uma missão na esfera política e outra no campo eclesial, autônomas, mas com mútuas incidências. O *homo politicus* é um *homo credens*. E isso é tanto mais verdade quanto mais o compromisso político é profundo como no caso dos movimentos revolucionários (Nicarágua, El Salvador, etc.). A espiritualidade funciona então como uma espécie de posto de reabastecimento com dupla função: favorecer uma fé politicamente definida e uma política animada pela fé.

Retomando uma tese central de Jon Sobrino, pode-se afirmar que a espiritualidade do seguimento, traz consigo algumas exigências fundamentais que coincidem com os principais momentos da vida histórica de Jesus e que devem gerar

---

<sup>322</sup> Desde o início do conflito na Síria (2011), 3.772 pessoas desse país solicitaram refúgio no Brasil. Cresce o número de solicitação de refúgio por cidadãos da Venezuela: apenas em 2016, 3.375 venezuelanos solicitaram refúgio no Brasil, número que representa 33% das solicitações registradas no mesmo ano.

<sup>323</sup> Disponível em: <http://cnbb.net.br/dom-leonardo-steiner-reforca-posicao-da-cnbb-e-diz-nao-a-reducao-da-maioridade-penal/>. Acesso em 29 de setembro de 2017.

<sup>324</sup> Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_p-vi\\_exh\\_19751208\\_evangelii-nuntiandi.html](http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html). Acesso em 27 de setembro de 2017.



frutos no Espírito. A *encarnação parcial na história* que gera como fruto a santidade da pobreza, que consiste na opção pelas vítimas. A *missão libertadora em favor das vítimas* gera a santidade do amor no espírito das Bem-aventuranças. A *disposição de enfrentar a morte* por causa do Reino gera a santidade política, cuja expressão por excelência é o martírio. *Viver à luz da ressurreição* gera santidade do gozo, que consiste em viver como ressuscitados.<sup>325</sup>

Os frutos do Espírito, que são o sinal do autocontrole e do senhorio próprio, e que fazem entrar a pessoa na verdadeira liberdade, são: caridade, alegria, paz, longanimidade, afabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e continência. Contra esses frutos não há Lei (cf. Gl 5, 22-23), porque aqueles que vivem esses frutos do Espírito são orientados pelo amor, e quem ama sabe que jamais poderá fazer o mal nem a si mesmo e nem aos outros. Valores como amor, esperança, alegria, perdão e compaixão são o combustível da espiritualidade encarnada que busca a justiça e a paz.

A totalidade da vida cristã pode ser definida, então, como *prosseguimento de Jesus com espírito!*<sup>326</sup> Seguir Jesus significa, conseqüentemente, viver e testemunhar Cristo no dia a dia, sendo humano a ponto de se compadecer das dores, das angústias e dos sofrimentos de seus semelhantes, imbuído do senso de fraternidade. Seguimento implica em forma privilegiada de identidade cristã, de escolher, dentre tantos, o caminho proposto por Jesus.

#### 3.4.4 Espiritualidade em relação à natureza

Apesar de todas as evidências da tragicidade da história, Jon Sobrino não se deixa contaminar pelo pessimismo, sua teologia está permeada de confiança em Deus. Faz uma reflexão teológica à luz da ressurreição e elaborada segundo a perspectiva do Ressuscitado, que é o crucificado.

Como princípio unificador, a espiritualidade está relacionada com a totalidade da realidade. Na perspectiva do diálogo com a História e com as outras ciências, a TdL estabelece o lugar da relação da espiritualidade com a natureza, com a criação e com o mundo. O diálogo deve estar marcado sempre pela alteridade que propicia o respeito e a

<sup>325</sup> BOMBONATTO, Vera. *Seguimento de Jesus*, p. 439.

<sup>326</sup> BOMBONATTO, Vera. *Seguimento de Jesus*, p. 411.

reciprocidade de quem se relaciona. Nesse sentido, a Teologia Latino-americana sensibilizou-se pela história humana, principalmente pelos acontecimentos catastróficos do século XX e pelas diferentes situações de pobreza vista em sua totalidade econômica, política, social, cultural, ética e religiosa.

Os lugares teológicos se movem a partir dos fatos da vida, da História. A espiritualidade como seguimento na paz engloba a teologia criatural, aberta para o ser humano, para o mundo e para seus problemas. À luz da encarnação de Cristo, Sobrino aponta a *lealdade* e a *fidelidade* como atitudes fundamentais para uma *teologia criatural*.<sup>327</sup> Trata-se de um fazer teológico com humildade e solidariedade a partir do chão dos pobres da América Latina. Com lealdade e fidelidade à realidade e às suas exigências deve discernir “como e para onde a história se faz mais história de graça e menos história de pecado”.<sup>328</sup> Quando a Teologia pode dizer com credibilidade aos homens de hoje que o verdadeiro ser-homem é ser criatura de Deus, pode oferecer-lhes o caminho de Jesus como realização do ser-homem, e que por esse caminho nada os separa da história real, mas os mergulha nela, segundo a fé, deixará de exercer o papel do que tradicionalmente se chamou de teologia fundamental.<sup>329</sup> Será, então, uma resposta situada e significativa, subsidiária da qualidade de vida.

Quando o ser humano se coloca, numa imensa comunidade planetária e cósmica, pode-se falar, segundo Leonardo Boff, de uma ecologia integral. Os cosmólogos, vindos da astrofísica, da física quântica, da biologia molecular, numa palavra, das ciências da Terra, estariam advertindo que o universo inteiro se encontra em cosmogênese. Isto significa que o universo estaria em gênese, se constituindo e nascendo, formando um sistema aberto, sempre capaz de novas aquisições e novas expressões. Estaríamos igualmente em processo de antropogênese, de constituição e de nascimento.<sup>330</sup>

Conceitualmente, ainda, segundo Boff, pode-se falar em teologia ecológica ou Ecoteologia, como sendo teologia da vida, que suscita a responsabilidade humana em cuidar do planeta, de desenvolver uma espiritualidade cósmica e deixar se cuidar pelos outros seres, em uma clara demonstração de entrelaçamento e de movimento ecológico.

---

<sup>327</sup> SOBRINO, Jon. *Espiritualidade da libertação*, p. 93-96.

<sup>328</sup> SOBRINO, Jon. *Espiritualidade da libertação*, p. 95.

<sup>329</sup> SOBRINO, Jon. *Espiritualidade da libertação*, p. 95.

<sup>330</sup> BOFF, Leonardo. *Princípio-Terra. A volta à terra como Pátria comum*. São Paulo: Ática, 1995. \_\_\_\_\_. *Ecologia. Grito da Terra*. São Paulo: Ática, 1993. \_\_\_\_\_. *Saber cuidar. Ética do humano: compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 1999.

Seria assim, uma teologia atenta à sensibilidade histórica, antropológica, social, política, econômica e religiosa intrínseca aos diversos modos de produção teológica.<sup>331</sup>

A TdL vai desenvolvendo uma espiritualidade cósmica em que o Espírito da vida - *Zoé* - continua a agir de modo que a habitação divina - *Schechiná* - se realize. A Ecoteologia é sensível aos acontecimentos históricos, às angústias humanas, ao sofrimento de todos os seres e aberta ao diálogo com as outras ciências, em uma clara demonstração de que se trata de um complexo teológico aberto e pretensioso. A teologia ecológica é uma verdadeira teologia da vida e, por isso suscita a utopia da vida, da certeza de que a destruição e a morte não se constituem na última realidade planetária e cósmica.

Jon Sobrino insiste em se viver o seguimento de Jesus, como ressuscitados, nas condições históricas.<sup>332</sup> A vida que há de vir, o futuro glorioso da Criação, em sua qualidade de glória divina, é o que a teologia ecológica sustenta.

### 3.5 Celebração da vida, semente de paz

A celebração do mistério cristão que São Paulo chama de “economia do mistério” (cf. Ef 3, 9) e a que a Tradição chama de “economia da salvação”, ou como o teólogo Karl Rahner descreveu: a Trindade “econômica” é a Trindade “imaneente” e vice-versa, é o fundamento e o sentido litúrgico da fé cristã. Bruno Forte tem a consciência de que o falar sobre Deus deve partir do evento Cristo e, precisamente, a partir da Páscoa: “o ponto de partida da fé e da reflexão cristã é a ressurreição do Crucificado. A ‘história cristã’ nasce da Páscoa”.<sup>333</sup>

*Celebrar* significa tornar célebre, importante. Celebração é o processo da glorificação da obra salvadora de Deus. Celebrar a vida plena é referir-se necessariamente à Vida-Paixão-Morte-Ressurreição, Mistério Pascal de Cristo.

---

<sup>331</sup> Nas sub-determinações da ecologia: *a ecologia ambiental, a ecologia social, a ecologia mental e a ecologia integral*, Leonardo Boff define a teologia ecológica como uma verdadeira teologia da vida. BOFF, Leonardo. *Princípio-Terra. A volta à terra como Pátria comum*. São Paulo: Ática, 1995. \_\_\_\_\_. *Ecologia. Grito da Terra*. São Paulo: Ática, 1993. \_\_\_\_\_. *Saber cuidar. Ética do humano: compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 1999.

<sup>332</sup> SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p. 25.

<sup>333</sup> FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré*, p. 87.

A palavra *Liturgia* - do grego *leitourgia* - permitia enfatizar originalmente uma dimensão de "serviço público, de serviço ao povo (*laos*) de Deus em sua prática religiosa".<sup>334</sup> Na tradição cristã quer significar que o povo toma parte na "obra de Deus". Cristo Redentor continua a obra da redenção. Como acontece a celebração da vida do povo na AL, o que é celebrado? Que sinais de vida e de morte estão presentes na caminhada do povo que faz memória perigosa de seus mártires? A fim de perceber as sementes de paz e de não-violência, serão analisados os últimos aspectos.

### 3.5.1 O testemunho dos mártires

A Teologia é conclamada a perceber o silêncio divino diante das vítimas e a dizer algo, a partir das Sagradas Escrituras, que, por sua vez, apontam ao silêncio de Deus: Deus é aquele que passa, não no furacão ou no terremoto, mas na brisa suave (cf. 1Rs 19, 11-13) que se esconde (cf. Is 45, 15), mesmo daqueles que afirmam já ter visto sua face (cf. Is 6, 1).

O Deus que se revela na tradição judaico-cristã, o Deus do silêncio é o Deus da liberdade, no qual o ser humano é chamado a esperar: “Aguardo a Iahweh, que esconde a sua face da casa de Jacó, nele ponho minha esperança” (Is 8, 17). Deus se retrai, fica obscuro ao ser humano a fim de que este possa assumir a sua história com todas as decisões e consequências destas decisões.

Para Jon Sobrino, os mártires são fonte de conhecimento teológico, são a presença de Cristo crucificado na História. São histórica e existencialmente o melhor caminho mistagógico para a Cristologia. Em Dom Oscar Romero, por sua dedicada vida aos pobres e em sua morte, encontra-se a atualização da vida e morte de Jesus. Pode-se esperar algum tipo de ressurreição, quando dizia: “Se me matam, ressuscitarei na vida do meu povo”.<sup>335</sup> A oração - rezava profeticamente - é uma força solidária que deve ser exercitada como seguimento com espírito.

A vida e a práxis de Jesus nas quais se manifesta o Espírito são realidades históricas. O Espírito se manifesta de forma concreta na vida de Jesus como: novidade e futuro, liberdade e discernimento, oração e gratuidade. “Nas situações de opressão, de

<sup>334</sup> LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*. Liturgia, verbete, p. 1045.

<sup>335</sup> BOMBONATTO, Vera. *Seguimento de Jesus*, p. 442.

conflito e de martírio, características da América Latina, o Espírito se manifesta particularmente como vida, verdade, amor e misericórdia”.<sup>336</sup>

A misericórdia vivida na dimensão da solidariedade com as vítimas gera conflitos e desafios. Assumida no seguimento a Jesus até a radicalidade do martírio, significa caminhar até a porta do amor infinito de Deus que sustenta nas tribulações.

Seguir o caminho do mártir Jesus é estar disposto a enfrentar a realidade da cruz e do sofrimento, não como fim de uma trajetória, mas como passagem para a vida plena. Mártir então é quem segue Jesus, vive dedicado à causa de Jesus e morre pelas mesmas razões de Jesus.<sup>337</sup>

No martírio de Jesus de Nazaré há uma realidade paradoxal: Cristo se entrega livre e gratuitamente ao Pai na cruz, mas há uma negatividade que não pode ser satisfeita. Diante do sofrimento de Deus há silêncio. Deus não faz, não diz, não intervém, deixa que as coisas simplesmente sejam, mesmo que seja afetado. Que sentido teria a morte do justo Jesus e de tantas vítimas? É possível que a cruz dê sentido ao sofrimento? O que pode significar que o sofrimento afete a Deus?

Sobrino crê que Deus sofre na cruz de Jesus e na das vítimas deste mundo o fato de ser testemunha in-ativo e silencioso delas.<sup>338</sup> O sofrimento de Deus seria “verossímil” se Deus realmente quisesse revelar sua solidariedade para com as vítimas deste mundo. No caso da América Latina se entende que a solidariedade leve à encarnação. Quando Dom Romero teria rejeitado a segurança pessoal oferecida pelo governo de El Salvador enquanto o povo não a tivesse, provocou solidariedade entre os pobres e credibilidade do testemunho do pastor.<sup>339</sup>

Sobrino foi muito marcado pelo testemunho de Dom Romero, na sua maneira de conduzir seu serviço para a realização do Reino (o anúncio, a esperança, a utopia que irradiava). A solidariedade última e o amor que expressou com sua morte, e a esperança de ressurreição no povo salvadorenho, de que a libertação chegará a ser uma realidade. Ainda seu modo de ser próximo a pobres e vítimas, e profeta para os opressores; seu

---

<sup>336</sup> BOMBONATTO, Vera. *Seguimento de Jesus*, p. 436.

<sup>337</sup> BOMBONATTO, Vera. *Seguimento de Jesus*, p. 441.

<sup>338</sup> SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador*, p. 348-354.

<sup>339</sup> SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador*, p. 355.

grande interesse por propostas de solução ao conflito; sua compaixão e bondade, sua firmeza e honestidade. Tudo isso humanizava e atraía.<sup>340</sup>

Chamar os povos do Terceiro Mundo de “povos crucificados”, “servos sofredores de Javé”, “presença de Cristo crucificado na história” é a mais importante teologização que se pode fazer deles, conforme Sobrino, que os chama também de “povo mártir”.<sup>341</sup> Com essa definição quer-se reforçar que mártir é aquele que morre *como* Jesus e que morre *pela causa* de Jesus. Os mártires Latino-americanos teriam sido mortos por defender a mesma causa de Jesus, o Reino de Deus para os pobres e foram ameaçados, perseguidos e mortos pelo anti-reino.<sup>342</sup>

### 3.5.2 Celebrar as lutas do povo

A Teologia desenvolvida a partir das categorias cristológicas aqui refletidas deverá perceber, agora, o sentido celebrativo do seguimento e da missão: saberá que, a partir do encontro com o Deus que se autocomunicou por meio da Palavra na História, deverá compreender a necessidade de que a *intellectus fidei* se torne *intellectus amoris*, preocupada em “descer da cruz os povos crucificados”. Neste contexto, a Teologia, toda ela espiritual, deverá ser também *intellectus misericordiae*, *intellectus iustitiae* e *intellectus liberationis*<sup>343</sup> e, por último, despertada do sono da inumanidade, ajudará a compreender que deve ser também *intellectus gratiae*.

É certo afirmar que o sujeito celebrante da misericórdia é sempre primordialmente Deus em seu amor ablativo e em seu olhar complacente. Contudo, o sujeito celebrante é também o povo chamado a viver a Aliança de vida e liberdade na paz. Celebrar é ação de Graças. O povo celebra suas lutas e reivindicações fazendo memória, sabendo-se povo de Deus a caminho. Medita a Palavra e celebra a Eucaristia. O perdão que é oferecido por Deus, desafia a cultivar também os sentimentos e ações de

<sup>340</sup> SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p. 327.

<sup>341</sup> SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador*, p. 381.

<sup>342</sup> SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador*, p. 385.

<sup>343</sup> “A partir da relação que existe entre inteligência e misericórdia, entre teoria e práxis, podemos definir formalmente a teologia da libertação como *intellectus misericordiae*. Todavia, como a misericórdia deve ser historicizada de acordo com a opressão a que se quer erradicar, falamos de *intellectus iustitiae* e, definitivamente, de *intellectus liberationis*”. SOBRINO, J. La teología y el “principio liberación”, *Revista Latino Americana de teologia*, San Salvador, n. 35, 1995, p. 127.

reconciliação (cf. Mt 18, 21-35). O rancor e a raiva são coisas detestáveis (cf. Eclo 27, 33). Perdoar é uma forma de amar. Sem perdão não pode haver paz.

O amor que acolhe o outro na sua fragilidade é capaz de *encarregar-se do Reino*, sem opor *práxis e graça*, nem *práxis e espírito*, sempre que este for entendido como *spiritus, pneuma*, tudo que é vento, força, energia, que se relaciona com um *ser* e, especialmente, com um *fazer*.<sup>344</sup>

No meio da dor dos pobres, com frequência há serena alegria, expressa nas celebrações dos triunfos do povo ou na cotidianidade da vida e em seus trabalhos. Em suas celebrações litúrgicas, reza-se pelos vivos e pelos mortos, existe tempo de agradecer à solidariedade de outros, às visitas e, inclusive, para o perdão àqueles que assassinaram seus filhos.<sup>345</sup>

### 3.5.3 Quando o dia da paz renascer

Celebrar pertence à totalidade do humano. Conforme Sobrino, “sem captar o que já existe de celebração na história não se pode compreender a realidade Latino-americana a partir de onde nos perguntamos pela ressurreição”.<sup>346</sup> Se o ser humano não fosse por natureza *ser-da-esperança*, os textos sobre ressurreição se lhe tornariam incompreensíveis. E lembrando Dom Pedro Casaldáliga, recorda a sua profecia: “A utopia é necessária como o pão de cada dia”.<sup>347</sup>

Lacoste levanta uma questão teológica crucial: Pode-se pensar a restauração de uma ordem verdadeira, não violenta, portanto, que salve o homem da violência ou a salvação é pensável apenas como fuga para fora das armadilhas de uma ordem que não pode senão permanecer intrinsecamente violenta?<sup>348</sup> Sobrino responde: A utopia do Evangelho é que a vida justa e digna dos pobres chegue a ser uma realidade, de modo que a crueldade muito real de seus sofrimentos não tenha a última palavra.<sup>349</sup> E

<sup>344</sup> SOBRINO, Jon. *Fora dos Pobres não há Salvação*, p. 138.

<sup>345</sup> SOBRINO, Jon. *Espiritualidade da libertação*, p. 194.

<sup>346</sup> SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*, p. 61.

<sup>347</sup> SOBRINO, Jon. *Fora dos Pobres não há Salvação*, p. 125.

<sup>348</sup> LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*. Violência, verbete, p. 1859.

<sup>349</sup> SOBRINO, Jon. *Fora dos Pobres não há Salvação*, p. 126.

arremata: “O seguimento de Jesus é o modo especificamente cristão de corresponder à passagem de Deus por esse mundo, de chegar ao seu Reinado”.<sup>350</sup>

Ter uma missão é o que dá sentido à vida de Jesus. Papa Francisco sugere que as pessoas devem deixar-se surpreender por Deus, deixar-se “ser abraçados no mistério de Deus”. Esta união íntima é realizada de forma especial na experiência da dor. É certo que o sofrimento por si só não é garantia de encontro com Deus, uma vez que também na dor o ser humano pode não reconhecer a proximidade de Deus e se fechar à experiência transcendental. Mas, por outro lado, o ser humano que o experimenta unido à Paixão do Filho de Deus, tem a possibilidade de fazer de seus sofrimentos ocasião de graça e salvação, de união íntima com o “Homem das dores”.<sup>351</sup> Neste sentido, Bruno Forte, completa: “A dor do negativo, assumida no amor e na fé do Crucificado em solidariedade com o sofrimento do mundo, torna-se possibilidade de salvação, a agonia da morte é transformada em aurora de vida”.<sup>352</sup> A dor humana não deve ser experimentada, portanto, em uma passividade infrutífera, mas, a exemplo de Jesus, e em união com Ele, como oportunidade de encontrar o verdadeiro sentido da existência humana. Nas cruzes de cada dia, o ser humano tem a possibilidade de encontrar-se com o Senhor a fim de que, como Ele, possa fazer a passagem da dor para a alegria, da morte para a vida.<sup>353</sup>

O que teria ocorrido, pergunta Jon Sobrino, frente ao ato terrorista de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos, se a primeira palavra, sem tirar a dor nem a busca para os culpados, tivesse sido um convite à reconciliação?<sup>354</sup> A soberba, o poder e a prepotência nunca ajudam a reconciliação e a paz. Embora, absolutamente utópico, Sobrino insiste que não se pode perder impunemente qualquer oportunidade de humanização, mesmo nas tragédias.<sup>355</sup> Muitos familiares de vítimas teriam se colocado contra o conseqüente bombardeio do Afeganistão, acreditando que a vingança não é o caminho e não traz os mortos de volta! Afinal, os povos todos pertencem a uma grande família humana! Quando acontecer a coexistência não-violenta e quando o dia da paz renascer, então se pode cantar:

---

<sup>350</sup> SOBRINO, Jon. *Fora dos Pobres não há Salvação*, p. 137.

<sup>351</sup> FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré*, p. 275.

<sup>352</sup> FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré*, p. 290.

<sup>353</sup> Na história da Igreja Latino-americana não foram poucos os que, por uma vida de ascese e de sofrimentos, procuraram unir-se intimamente com o Cristo sofredor: Oscar Romero, Ignacio Ellacuría, João Bosco Burnier, Santo Dias, Josimo Tavares, Ezequiel Ramin, Margarida Alves, Teresa de Calcutá, Helder Câmara, Luciano Mendes de Almeida, Chico Mendes, Dorothy Stang e tantos outros.

<sup>354</sup> SOBRINO, Jon. *Onde está Deus*, p. 167.

<sup>355</sup> SOBRINO, Jon. *Onde está Deus*, p. 168.



Quando o dia da paz renascer, quando o sol da esperança brilhar. Eu vou cantar. Quando o povo nas ruas sorrir, e a roseira de novo florir. Eu vou cantar. Quando as cercas caírem no chão. Quando as mesas se encherem de pão. Eu vou cantar. Quando os muros que cercam os jardins, destruídos então os jasmims vão perfumar. Vai ser tão bonito se ouvir a canção, cantada de novo no olhar da gente a certeza de irmãos reinado do povo. Quando as armas da destruição, destruídas em cada nação, eu vou sonhar. E o decreto que encerra a opressão, assinado só no coração, vai triunfar. Quando a voz da verdade se ouvir e a mentira não mais existir, será enfim, tempo novo de eterna justiça, sem mais ódio sem sangue ou cobiça, vai ser assim.<sup>356</sup>

---

356

Disponível em:  
<https://www.paulinas.org.br/comep/ptbr/?system=catalogo&action=detalhes&produto=124524>. Zé Vicente é natural de Orós, Ceará. Canta e compõe desde 1981, fazendo de suas composições e voz instrumentos não só para o povo brasileiro, mas também para toda a América Latina. CD coletânea: Música, *Utopia*. Acesso em 30 de setembro de 2017.

## CONCLUSÃO

Diante do clima de confrontos e tensões no mundo, o seguimento de Jesus Cristo na paz quer ser uma resposta diante da crescente violência e da banalização da vida, pois nenhuma realidade humana pode ficar fora do apelo do reinado de Deus que é, em última instância, justiça, paz e alegria no Espírito Santo!

Explicitando a fé vivida e crida diante da violência estrutural na América Latina e o desafio da vivência cristã, procurou-se refletir o que significa crer em Jesus Cristo, Príncipe da paz e assumir seu projeto de vida. A Cristologia elaborada por Jon Sobrino, que sofreu na carne a violência e a perseguição, serviu para nortear a discussão do papel da fé cristã num mundo que clama por paz. Seguir Jesus na paz significa fazer memória do seu ensinamento até as últimas consequências: doar a vida por amor.

O seguimento como lugar privilegiado para conhecer Jesus tem como cenário mais amplo a TdL, cujo interesse teológico é a libertação real e integral dos pobres, pois entende-se que na Cristologia, Jesus só é conhecido por quem participa de seu clamor e de sua dor no seguimento. Seguir Jesus, conforme Jon Sobrino, é fazer como ele fez: animados pelo seu Espírito, manter-se constantemente abertos à realidade sempre maior do mistério de Deus, na busca constante de sua vontade, refazendo a estrutura fundamental de sua vida na densidade e conflituosidade da história.

Jesus veio realizar a vontade do Pai: o Reino de Deus (contra o anti-reino). A centralidade da categoria Reino de Deus na vida e na missão de Jesus atravessa toda a cristologia de Jon Sobrino que sistematiza e reelabora essa categoria dando-lhe um caráter totalizante, concebendo Deus voltado para a História. O encontro com o pobre permanece como eixo central da cristologia sobriniana e é o acesso ao Jesus concreto que mostra a sua virtualidade universal nas diferentes situações históricas. A prática de Jesus é inseparável de sua identidade mais profunda e, por isso, constitui a chave de acesso à totalidade de sua pessoa.

A América Latina e o Caribe estão profundamente influenciados por uma teologia profética e inculturada que supõe perguntar-se a partir de onde se faz Teologia e de que maneira se deve compreender a realidade como lugar teológico - *locus theologicus*. Cabe destacar o valor das teologias contextuais, como aquelas feitas por

mulheres, indígenas e afro-americanas, entre outras, sujeitos que têm sido marginalizados da vida social e eclesial.

Crescem assustadoramente os gestos de intolerância, agressividade e violência. A violência é sempre sem sentido - *Gewalt ist immer sinnlos*. O ano de 2016 entra para a história do Brasil como o ano com o maior número de assassinatos no campo em decorrência de conflitos agrários, de luta pela terra e pela água, nos últimos 13 anos com um crescimento de cerca de 30% de casos. Como evitar o confronto pelo simples confronto e o desejo de vingança quando se aprofunda o escândalo da corrupção? Existe lei e Estado para não existir a barbárie!

A morte de pessoas faz pensar a atuação de políticas públicas por parte dos governos federal e estadual e municipal que impeçam a violência, junto às famílias, à escola, à rua, à vida social e pessoal. Jesus solicita promotores pela paz e pelo amor: “Felizes os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus” (Mt 5, 9). Testemunhar o amor de Cristo Jesus é ser sal da terra e luz do mundo (cf. Mt 5, 13). Trata-se de exercer as atividades em favor da paz tendo como princípio a mediação e a resolução de conflitos com respeito ao outro, levando a empatia ao limite extremo da compreensão e da tolerância.

O conceito de paz tem evoluído na história recente da humanidade. A paz concedida por Jesus Cristo não é uma simples ausência de conflitos. Paz é aqui entendida, como resolução crítica e criativa, não violenta dos conflitos. A paz se cria, se constrói e se faz na construção incessante da justiça social. O estudo da paz deve interpretar os sentidos e significados que se nos oferecem as culturas e os sujeitos, de modo a melhor circunscrever a temática da paz e não-violência e da educação para a paz.

Deus ama os seres humanos e os ama à maneira humana! O conceito de resiliência fez perceber que pessoas formadas espiritualmente tem grande capacidade de absorver os conflitos gerados pela violência.

Sobrino insiste que é preciso deixar-se mover pela compaixão e pela misericórdia. Junto ao “princípio-libertação”, o Autor propõe também o “princípio-misericórdia” e o derradeiro ato de misericórdia, quando já não há mais nada a fazer se não “baixar da cruz o povo crucificado”.

As palavras *hessed* para dizer fidelidade e *rahamin* para significar afeição, podem remeter o termo misericórdia, por derivação, ao significado de útero e, por isso, traz consigo o sentido de bondade maternal e paterna. A misericórdia é o princípio

fundamental da atuação de Deus e de Jesus, e deve ser também o da resolução de conflitos. Se a paz é o nome de Deus e a violência uma profanação de seu nome, pode-se buscar, em chave hermenêutica, a paz como fruto da relação amorosa de Deus que se revela com-paixão misericordiosa (cf. Mc 6, 34; Mt 9, 36). Propõe-se, por conseguinte, o *princípio misericórdia* como chave metodológica para o seguimento de Jesus Cristo na paz. E o princípio evangélico do amor - *intellectus amoris* - poderá ser conjugado como gratuidade, igualdade de tratamento, solidariedade, cultura do dom, fraternidade, misericórdia e paz!

Conforme Sobrino, a ressurreição se faz presente na História, especificamente, no seguimento de Jesus e não em qualquer lugar e de qualquer maneira, e, além disso, encontra-se o desafio de configurar “ressuscitadamente” a estrutura de encarnação, missão, e suportar o peso da história. Assim como o Reino de Deus, a ressurreição é um conceito prático. Com o termo Reino de Deus, se designa formalmente a utopia de Deus para todo um povo.

Na visão sobriniana, o Reino é serviço: O maior é aquele que serve (cf. Mt 20, 27; Mc 10, 44). Assim sendo, Jesus opera uma mudança radical na noção de poder, o que significa, em termos cristológicos na perspectiva de uma paz reconciliada, recriar a prática de Jesus para prosseguir sua causa. Em última análise, qualquer esforço em vista da causa da paz pode produzir bons frutos quando fundamentado no seguimento de Jesus Cristo. Isso vale, inclusive, em relação às políticas públicas. Na medida em que se oferecem bons serviços públicos, como a justiça restaurativa, será possível alcançar resultados promissores.

As Bem-aventuranças são a síntese do programa de Jesus. Se o Reino de Deus é para os pobres, então por sua própria essência, tem que ser, no mínimo, um Reino de vida e de paz, de resolução de conflitos por meios não-violentos! Quem postula matar os pobres está se excluindo da graça do Reino de Deus ou Reino do Céu! A promoção da paz é condição para ser chamado filho de Deus (cf. Mt 5, 9), porque é uma responsabilidade de todos, só seremos verdadeiramente filhos e filhas de Deus se a paz for condição universal.

A prática de Jesus em favor da paz envolve a diaconia da comensalidade de mesa! A comensalidade é sinal da vinda do Reino e da realização de seus ideais: libertação, paz, comunhão universal, gerando a alegria do Reino. “Tomai e comei, isto é o meu corpo”, (cf. Mc 14, 12-16. 22-26; Lc 22, 19-20), supõe que comer junto é estar em paz e exige disposição para comprometer-se com a partilha, comungando do projeto

de Jesus. É estabelecer relações fraternas e promover a vida. Para Jesus a mesa é lugar de afinidade, de servilidade, de convivialidade e lugar de paz!

A bondade de Deus se concretiza na parcialidade em favor da vida dos pobres. Deus ama com ternura os privados de vida, a tal ponto de identificar-se misericordiosamente com as vítimas deste mundo.

Seguimento, para Sobrino, significa caminhar, ser e fazer atualizadamente o que foi e fez Jesus e como Jesus o fez. No contexto da paz, essa mística requer uma espiritualidade e uma educação para a cultura da paz, valorizando o testemunho dos mártires e as lutas do povo em vista da esperança de vida nova.

Assim como Dom Oscar Romero, um dos grandes propulsores da paz e do entendimento, que soube combater a intolerância através do diálogo e do respeito às diferenças, enfrentando a ganância desmedida que destrói e mata a vida dos pobres, também com São Francisco de Assis, apaixonado no cuidado da Casa Comum, da Mãe Terra com todas as suas criaturas, pode-se proclamar a “Oração da Paz”, que é a ele atribuída:

Senhor, fazei-me instrumento de vossa paz!  
Onde houver ódio, que eu leve o amor.  
Onde houver ofensa, que eu leve o perdão.  
Onde houver discórdia, que eu leve a união.  
Onde houver dúvida, que eu leve a fé.  
Onde houver erro, que eu leve a verdade.  
Onde houver desespero que eu leve a esperança.  
Onde houver tristeza, que eu leve alegria.  
Onde houver trevas, que eu leve a luz.  
Ó mestre, fazei que eu procure mais, consolar que ser consolado.  
Compreender que ser compreendido.  
Amar, que ser amado,  
Pois é dando que se recebe,  
É perdoando que se é perdoado,  
E é morrendo que se vive para a vida eterna.

## REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008, 200 p.
- BEOZZO, José Oscar./FRANCO, Cecília Bernardete (orgs.). *Educação para a Paz em tempos de injustiças e violência*. Curso de Verão - Cesep, São Paulo: Paulus, 2016, 262 p.
- BIBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.
- BOFF, Clodovis. *O livro do Sentido: volume 1 – Crise e busca de sentido hoje (parte crítico-analítica)*. São Paulo: Paulus, 2014, 574 p.
- BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador*. Ensaio de Cristologia Crítica para o nosso Tempo. 9. ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 1983, 288 p.
- BOMBONATTO, Vera Ivanise. *Seguimento de Jesus: Uma abordagem segundo a cristologia de Jon Sobrino*. São Paulo: Paulinas, 2002, 486 p.
- BRUSTOLIN, Leomar A. *Quando Cristo vem... A Parusia na escatologia cristã*. 2. ed., São Paulo: Paulus, 2001, 222 p.
- CARAVIAS, José L. *O Deus de Jesus*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987, 175 p.
- CENTRO Internacional de Investigação e Informação para a Paz. *O Estado da Paz e a Evolução da Violência*. A situação da América Latina. Tradução: Maria Dolores Prades. Campinas: Editora da Unicamp, 2002, 230 p.
- COMBLIN, José. *Jesus de Nazaré*. 2. ed., São Paulo: Paulus, 2011, 116 p.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II (1962-65), Cidade do Vaticano. *Constituições, decretos, declarações*. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO - CELAM. *Conclusões de Medellín*. 6. ed., São Paulo: Paulinas, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Conclusões da Conferência de Puebla*. 2. ed., São Paulo: Paulinas, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Nova evangelização, promoção humana e cultura cristã*. Documento de Santo Domingo, São Paulo: Paulinas, 1992.

\_\_\_\_\_. *Discípulos e missionários de Jesus Cristo, para que n'Ele nossos povos tenham vida*. Texto conclusivo da V conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe em Aparecida. São Paulo/Brasília: Paulinas; Paulus; CNBB, 2007.

CNBB. *Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2015-2019)*, Documentos da CNBB, 102. Aparecida: Edições CNBB, 2015, 76 p.

CROSSAN, John Dominic. *O Jesus histórico: A vida de um camponês judeu do Mediterrâneo*. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1994, 544 p.

DUNN, James D.G. *Jesus em nova perspectiva. O que os estudos sobre o Jesus histórico deixaram para trás*. 1. ed., São Paulo: Paulus, 2013, 152 p.

DUSSEL, Enrique. *Teologia da Libertação. Um Panorama de seu desenvolvimento*. Tradução: Francisco da Rocha Filho. Petrópolis: Vozes, 1999, 120 p.

ECHEGARAY, Hugo. *A prática de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1982, 160 p.

FRANCISCO Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. São Paulo: Edições Loyola, 2. ed., 2013.

\_\_\_\_\_. *Carta encíclica Laudato Si. Sobre o cuidado da casa comum*. Brasília: Edições CNBB, 2015.

\_\_\_\_\_. *Misericordiae Vultus*. Bula de Proclamação do Jubileu extraordinário da Misericórdia. Brasília: Edições CNBB, 2015.

FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré. História de Deus, Deus da história, ensaio de uma cristologia como história*. São Paulo: Paulinas, 1985, 359 p.

GEFFRÉ, Claude. *Como fazer Teologia hoje: hermenêutica teológica*. Tradução: Benôni Lemos. São Paulo: Edições Paulinas, 1989, 322 p.

GUIMARÃES, Marcelo Rezende. *Educação para a Paz: sentidos e dilemas*. 2. ed., Caxias do Sul – RS: EDUCS, 2011, 364 p.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação*. Tradução: Jorge Soares. Petrópolis: Vozes, 1975, 275 p.

\_\_\_\_\_. *Deus ou o ouro nas Índias (Século XVI)*. São Paulo: Paulinas, 1993, 168 p.

GROSSI, Patrícia K. (org). *Violências e Gênero. Coisas que a gente não gostaria de saber*. 2. ed., Porto Alegre, Edipucrs, 2012, 226 p.

HAMMES, Érico João. *Filii in Filio: A divindade de Jesus como evangelho da filiação no seguimento: um estudo em J. Sobrino*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1995.

HAMMES, Roque. *Igreja Católica, Sindicatos e Movimentos Sociais*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2003, 190 p.

JARES, Xesús R. *Educação para a paz: sua teoria e sua prática*. 2. ed., Tradução: Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2002, 271 p.

KASPER, Walter. *A Igreja Católica, Essência – Realidade – Missão*. Tradução: Nélio Schneider. São Leopoldo, RS, editora Unisinos, 2012, 533 p.

\_\_\_\_\_. *A Misericórdia*. Condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã. 2. ed., tradução: Beatriz Luiz Gomes. São Paulo: Loyola, 2015.

KÜNG, Hans. *Projeto de Ética Mundial: uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2001, 209 p.

LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*. Tradução: Paulo Meneses... (et al.), 2. ed., São Paulo: Edições Loyola; Paulinas, 2014, 1968 p.

LEDERACH, John Paul. *Transformação de Conflitos*. 1. ed., Tradução: Tônia Van Acker. São Paulo: Palas Athena, 2012, 93 p.

LOHFINK, Gerhard. *Jesus de Nazaré. O que Ele queria? Quem Ele era?* Tradução: Enio Paulo Giachini. Petrópolis - RJ: Vozes, 2015, 486 p.

LOIS, J. *Cristología en la teología de la liberación*. In ELLACURÍA, I.; SOBRINO, J. (orgs.) *Mysterium Liberations: Conceptos fundamentales de la Teología de la Liberación*. Madrid: Trotta, 1990. v. 1, p. 223-251.

MALINA, Bruce J. *O evangelho social de Jesus: o reino de Deus em perspectiva mediterrânea*. São Paulo: Paulus, 2004, 176 p.

MARTINS, Alexandre A. *Introdução à cristologia latino-americana*. Cristologia no encontro com a realidade pobre e plural da América Latina. São Paulo: Paulus, 2014, 155 p.

MATEOS, J. ; BARRETO, J. *O Evangelho de São João: análise linguística e comentário exegético*. São Paulo: Paulinas, 1989, 927 p.

MILANI, F.M. ; JESUS, R.D.P. *Cultura da Paz: estratégias, mapas e bússolas*. Salvador: INPAZ, 2003, 354 p.

MILLEN, Maria Inês De Castro/ ZACHARIAS, Ronaldo (orgs.). *O Imperativo Ético da Misericórdia*. Aparecida-SP: Editora Santuário, 2016, 391p.

MULLER, Jean-Marie. *O princípio da não-violência: uma trajetória filosófica*. Tradução: Inês Polegato. São Paulo: Palas Athena, 2007, 280 p.

OLIVEIRA, Nythamar de. *Tractatus practico-theoreticus: Ontologia - Intersubjetividade - Linguagem*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2016, 368 p.

\_\_\_\_\_. *Tractatus politico-theologicus: Teoria Crítica - Libertação - Justiça*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2016, 21 p.



PAGOLA, José Antônio. *Jesus, Aproximação Histórica*. 6. ed., Petrópolis: Vozes, 2013, 651 p.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS E FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL. *Do Conflito à Comunhão*. Comemoração conjunta católico-luterana da Reforma em 2007, 1. ed., Brasília: Edição conjunta Edições CNBB e Editora Sinodal, 2016.

RABUSKE, Irineu José. *Jesus Exorcista: Estudo exegético e hermenêutico de Mc 3,20-30*. São Paulo: Paulinas, 2001, 369 p.

RUIZ, Rafael. *Francisco de Vitória e os direitos dos índios americanos: a evolução da legislação indígena espanhola no século XVI*. Porto Alegre: Edipucrs, 2002, 222 p.

RATZINGER, Joseph. *Jesus de Nazaré. Da entrada em Jerusalém até a Ressurreição*. Tradução: Bruno Bastos Lins, 2. ed., São Paulo: Planeta, 2017, 273 p.

RUBIO, Alfonso Garcia. *O Encontro com Jesus Cristo Vivo*. 2. ed., São Paulo: Paulinas, 1994, 174 p.

SCHILLEBEECKX, Edward. *Jesus: a história de um vivente*. 2. ed., São Paulo: Paulus, 2015, 744 p.

SEGUNDO, Juan Luis. *O Dogma que Liberta. Fé, revelação e magistério dogmático*. São Paulo: Paulinas, 1991, 459 p.

\_\_\_\_\_. *A história perdida e recuperada de Jesus de Nazaré: dos sinóticos a Paulo*. São Paulo: Paulus, 1997.

SIDEKUM, Antônio; WOLKMER, Antônio Carlos; RADAELLI, Samuel Manica. *Enciclopédia Latino-americana dos Direitos Humanos*. Nova Petrópolis/Blumenau: Nova Harmonia/Edifurb, 2016.

SINNER, Rudolf von. *Confiança e convivência: reflexões éticas e ecumênicas*. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador*. I. A história de Jesus de Nazaré. 2. ed., Tradução: Jaime A. Classen. São Paulo: Vozes, 1996, 392 p.

\_\_\_\_\_. *Jesus na América Latina: Seu significado para a Fé e a Cristologia*. São Paulo: Loyola, 1985, 239 p.

\_\_\_\_\_. *Cristologia a partir da América Latina*. Esboço a partir do seguimento do Jesus histórico. Tradução: Orlando Bernardi. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983, 431 p.

\_\_\_\_\_. *A fé em Jesus Cristo*. Ensaio a partir das Vítimas. Tradução: Epfrain F. Alves. São Paulo: Vozes, 2000, 512 p.

\_\_\_\_\_. *Fora dos Pobres não há Salvação*. Pequenos ensaios utópico-proféticos. São Paulo: Paulinas, 2008, 187 p.

\_\_\_\_\_. *O Princípio Misericórdia: descer da cruz os povos crucificados*. Tradução: Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 1994, 269 p.

\_\_\_\_\_. *Espiritualidade da libertação: estrutura e conteúdos*. Tradução: Atílio Cancian. São Paulo, Loyola, 1992, 214 p.

\_\_\_\_\_. *Ressurreição da verdadeira Igreja: os pobres, lugar teológico da eclesiologia*. Tradução: Luiz João Gaio. São Paulo: Loyola, 1982.

\_\_\_\_\_. *La teologia y el "principio liberación"*, Revista Latino Americana de Teologia, San Salvador, n. 35, 1995, p. 127.

\_\_\_\_\_. *Oscar Romero. Profeta e mártir da libertação*. Tradução: José A. Ceschin. São Paulo: Loyola, 1988.

\_\_\_\_\_. *Os seis jesuítas mártires de El Salvador*. Depoimento de Jon Sobrino. Traduzido por várias pessoas. São Paulo: Loyola, 1990.

\_\_\_\_\_. *Onde está Deus? Terremoto, terrorismo, barbárie e utopia*. Tradução: Beatriz Neves da Fontoura, São Leopoldo: Sinodal, 2017, 205 p.

SUSIN, Luiz Carlos; ZAMPIERI, Gilmar. *A vida dos outros. Ética e Teologia da Libertação Animal*. 1. ed., São Paulo: Paulinas, 2015, 318 p.

SUNG, Jung Mo. *Desejo, mercado e religião*. Petrópolis: Vozes, 1997.

TAVARES, José (org). *Resiliência e Educação*. 3. ed., São Paulo: Cortez Editora, 2002, 142 p.

TIBA, Içami. *Quem ama, educa!* 19. ed., São Paulo: Editora Gente, 2002, 302 p.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Pró-Reitoria Acadêmica  
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar  
Porto Alegre - RS - Brasil  
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564  
E-mail: [proacad@pucrs.br](mailto:proacad@pucrs.br)  
Site: [www.pucrs.br/proacad](http://www.pucrs.br/proacad)